



1 **Ata da Audiência Pública sobre o EIA/RIMA do empreendimento “Ampliação da**  
2 **Central de Tratamento de Resíduos Leste - CTL - Fase 6”, de responsabilidade**  
3 **da Ecourbis Ambiental S.A. (Processo IMPACTO Nº 00300/2024, e-ambiente**  
4 **CETESB.067398/2024-63).**

5  
6 Realizou-se no dia **02 de dezembro de 2025, às 17 horas**, Teatro do Centro de  
7 Educação Caritas Gakuen, Rua Pedro Paulino dos Santos, 157 - Jardim Três Marias  
8 São Mateus – SP, a Audiência Pública sobre o Estudo de Impacto Ambiental e o  
9 Relatório de Impacto ao Meio Ambiente – EIA/RIMA do empreendimento “**Ampliação**  
10 **da Central de Tratamento de Resíduos Leste - CTL - Fase 6**”, de responsabilidade  
11 da Ecourbis Ambiental S.A. (Processo IMPACTO Nº 00300/2024, e-ambiente  
12 CETESB.067398/2024-63). Após a abertura dos trabalhos e saudação inicial feita pelo  
13 **Presidente da Sessão José Eduardo Bevilacqua**, este informou que ainda  
14 compunha a mesa diretora dos trabalhos o representante do órgão responsável pelo  
15 licenciamento, **Mayla Matsuzaki Fukushima**, da Diretora de Avaliação de Impacto  
16 Ambiental da Companhia Ambiental do Estado de São Paulo – CETESB, e **Ricardo**  
17 **Crepaldi**, representante da ABES/SP - Associação Brasileira de Engenharia Sanitária  
18 de São Paulo no Plenário do CONSEMA. Foi realizada a explanação das atribuições  
19 do CONSEMA e das normas sobre o desenvolvimento da audiência por **José**  
20 **Eduardo Bevilacqua**, seguido das saudações iniciais pelos demais integrantes da  
21 Mesa Diretora. Passou-se, a seguir, às exposições sobre o assunto em questão, com  
22 a fala do Senhor **João Manoel da Costa Neto**, Diretor Presidente da SP Regula,  
23 **Ervino Nitz Filho**, Presidente da Ecourbis Ambiental S.A., e em seguida por **Luis**  
24 **Sérgio Kaimoto** Projetista, representante da Cepollina Engenheiros Consultores Ltda  
25 e **Valdir Nakazawa**, Projetista da Ecodue Gestão e Planejamento Ambiental Ltda.  
26 Finalizadas as exposições, passou-se ao momento destinado às falas dos oradores  
27 inscritos, fase da qual participaram da **Edir Sales**, vereador de São Paulo,  
28 **Agnaldo Silva França** da ANESF – Associação Nova Esperança São Francisco,  
29 **Hamilton Clemente** da Cooper Castelo Habitacional, **Marco Antonio Dalama** da  
30 CUT-SP, **Andreia Monteiro Januário**, Instituto Nexus, **Tatiana Ferreira Lopes** da  
31 Associação Felix Morumbzinho, **Sonia Aparecida da Cruz** do Instituto Freire, **Vilma**  
32 **da Mota** Lopes, Conselho Gestor da Saúde, **Norma Megume Arata** da Sociedade  
33 Adventista Leste, **Eurice Rita da Silva** da Associação dos Moradores Alto Paulistano,  
34 **Fabio Macedo Godoi** da Associação Terra Nascente, **Valter Araujo Melo**, fórum de  
35 Moradia, **Jeronimo Barreto** da Associação Nossa Senhora Aparecida, **Marcos Paulo**  
36 **Gomes**, CONSEG São Mateus, **Dulce Alves de Andrade**, Cooperativa Chico  
37 Mendes, **Luciano Santos** da Associação Pinheirinho, **Francisco da Silva Bezerra**,  
38 Associação Unidos São Jorge Parque das Flores, **Luis Antonio Pereira Magalhães**,  
39 Associação Beneficente Jardim Premiano, **Meljrane da Silva Miranda** do Instituto  
40 Movimento Positivo, **Fatima Magalhães de Oliveira**, S.O.S. Morro do Cruzeiro,  
41 **Debora Aparecida Esteves Teodoro**, Associação Renovo, **Hildene Antonio Gomes**  
42 **Junior** da Frente Contra Ampliação e Incinerador em São Mateus, **José Ulisses**  
43 **Bezerra de França** do Conselho do Parque Natural Cabeceiras do Aricanduva, **Silvia**  
44 **Jeronimo** do Conselho Tutelar de São Rafael, **Severino O. Bila**, Associação Nossa  
45 Senhora Aparecida, **Mario Lucio Trindade**, Juntos Somos Mais Fortes, Flavia Pereira  
46 Brito da Associação Moradores Augustiana Beira Rio, **Elmo O. de Cassia** do Sindicato  
47 SIEMACO, **José Domingos Marinho**, Associação Alto Alegre, **Raimundo Caetano**,  
48 Central de Movimentos Populares, **Cassia Cesar**, Ação Comunitária Padre Emir  
49 Rigon, Wellington Adriano, Hope Box, **Francisco Jorge** da Associação Nova Vitória,  
50 Marcelo Dória, CDL – Câmara dos Dirigentes de Lojistas de São Mateus, **Pedro**



**GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO**  
SECRETARIA DE MEIO AMBIENTE, INFRAESTRUTURA E LOGÍSTICA  
CONSELHO ESTADUAL DO MEIO AMBIENTE – CONSEMA

51 **Souza Ferrão** do Instituto Polis, Debora Machado, Usina Eco Cultural e **José Alves**  
52 do Sindicato dos Rodoviários de São Paulo, seguidos pelos cidadãos **João Eduardo**  
53 **da Silva**, **Rosângela Bispo**, **Carlos André da Silva**, **Eleni Jurubatuba Mirim**,  
54 **Walter Placido**, **Junia Eloiza Araújo**, **Pamela Tais Silva**, **Claiton Viana**, **Franklin**  
55 **Silva da Costa Ribeiro**, **Ramires Lopes Aranto**, **Celso Moreira dos Santos** e  
56 **Luana Cristina Brasiliense**. Em seguida a fala dos representantes dos órgãos  
57 públicos, **Efe Maciel**, assessor da Bancada Feminista do PSOL, **Vanilda Anunciação**  
58 **Pereira**, Assessora Parlamentar da Deputada Federal Juliana Cardoso, **Patrícia**  
59 **Sepe**, Assessora do Vereador Nabil Bonduki, **Aline Silva**, Assessora da Vereadora  
60 Keit Lima, **Daniel Teixeira Lima** da Secretaria de Verde e Meio Ambiente de São  
61 Paulo, **Mauro Hadad** da SP-Regula e **Ozziel Souza**, Sub Prefeitura de São Mateus.  
62 Finalizadas as manifestações dos integrantes do Plenário, passou-se à etapa de  
63 respostas e esclarecimentos, feitos por **João Manoel da Costa Neto**, Diretor  
64 Presidente da SP Regula, **Ervino Nitz Filho**, Presidente da Ecourbis Ambiental S.A.,  
65 e em seguida por **Luis Sérgio Kaimoto** Projetista, representante da Cepollina  
66 Engenheiros Consultores Ltda e **Valdir Nakazawa**, Projetista da Ecodue Gestão e  
67 Planejamento Ambiental Ltda. Não havendo inscritos para fazer o uso da palavra,  
68 seguiram-se os comentários finais, feitos por **Ricardo Crepaldi**, representante da  
69 ABES/SP - Associação Brasileira de Engenharia Sanitária de São Paulo no Plenário  
70 do CONSEMA e **Mayla Matsuzaki Fukushima**, Diretora de Avaliação de Impacto  
71 Ambiental da Companhia Ambiental do Estado de São Paulo – CETESB. Após  
72 constatar e informar que todas as etapas da Audiência haviam sido regularmente  
73 cumpridas, **o Presidente da Sessão** agradeceu a presença de todos e declarou  
74 encerrados os trabalhos da audiência. Anexo à presente ata, segue a transcrição  
75 integral das falas. Eu, **Naiana Lanza Landucci**, Secretária Executiva do CONSEMA,  
76 lavrei e assino a presente ata.

**Audiência Pública: “Ampliação da Central de Tratamento de Resíduos Leste - CTL - Fase 6”****Transcrição****[11:11] José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Um boa noite a todos. Eu me chamo José Eduardo Beviláqua e eu pertencço ao Sistema Ambiental Paulista e pelo poder que me foi outorgado, eu instalo a presente audiência pública, cujo empreendimento se intitula ampliação da Central de Tratamento Resíduos Leste, CTL, fase 6 de responsabilidade da Ecourbis Ambiental, Sociedade Anônima, processo impacto número 00300/2024. E-ambiente CETESB 067398 2024-63.

Eu agradeço muito aqui a presença de todos, todos os representantes da sociedade civil, autoridades possam estar presentes. Gostaria de realmente manifestar esse agradecimento pela participação de todos. É muito importante que uma audiência pública tenha uma boa representatividade.

Nesse momento eu devo falar algumas palavras a respeito do rito dessa audiência pública, como que ela vai acontecer, né? Então essa audiência pública ela pretende aqui desenvolver os trabalhos. Esses trabalhos eles devem ser todos feitos de uma forma organizada para que nós possamos obter as melhores contribuições possíveis que todos aqui têm o anseio de colocar. Então eu peço muito respeito por parte de todos para que nós possamos ter no final dessa audiência pública o resultado, o resultado esperado.

Em primeiro lugar, eu gostaria de falar assim sobre a composição aqui da mesa diretora. Essa mesa diretora, ela tem por mim a presidência dos trabalhos. Eu sou representante do sistema ambiental, como eu disse, trabalho na agência ambiental há 30 anos e a gente tem realmente bastante experiência nesse tipo de conduta, né?

Além disso, nós estamos também aqui com a presença da representação da CETESB, com a Dra. Maila Matsuzak Fukushima, diretora do Departamento de Avaliação de Impacto Ambiental da CETESB, a quem eu vou agora passar a palavra pra gente ouvir algumas considerações. Maila se é bem-vinda. Muito obrigado pela sua presença.

**[14:22] Dra. Maila Matsuzak Fukushima, diretora do Departamento de Avaliação de Impacto Ambiental da CETESB**

Boa noite a todos. É importante a gente pontuar em que fase do licenciamento que a gente tá. Então, vou fazer uma explicação bem rápida para todos, tá bom? A audiência pública, ela faz parte do rito do licenciamento quando o empreendimento é licenciado por meio de estudo de impacto ambiental, né? Quando o empreendimento é de grande porte, significativos impactos, então é prevista então a realização da audiência pública. E o que que é audiência pública? É um momento da gente colher subsídios para continuidade da análise, né? Então, é importante a participação pública, é importante que a gente ouça a população, a opinião da população, e

questionamentos, né? Que todas essas questões, as perguntas e depois esclarecimentos do interessado, elas compõem o processo administrativo de licenciamento.

Então, tudo é registrado, gravado, isso vai para dentro do processo administrativo. Lembrando que o processo de licenciamento é público, então a qualquer momento pode ser solicitadas vistas ao processo de licenciamento para condução de um processo transparente, tá? Então, a gente tá nessa fase então da realização da audiência pública. Ela faz parte do rito do licenciamento, da fase prévia do licenciamento do empreendimento. Então, nessa fase prévia, que é a fase de licenciamento prévio, a equipe técnica então vai avaliar a viabilidade ambiental da ampliação do empreendimento, nesse caso CTL, tá?

Então, nessa fase a equipe técnica, ela analisa os estudos ambientais, complementações, todos os documentos que compõem o processo, manifestações, autorizações de órgãos intervenientes, todo mundo que se manifesta dentro do processo, faz perguntas para o empreendedor, tirar as dúvidas, pede esclarecimentos e só depois que a equipe técnica conclui pela análise o processo prossegue. Então, a gente tá nessa fase de análise de viabilidade técnica ambiental, né? Então, nessa fase, então, a equipe está debruçada sobre o conteúdo dos estudos ambientais, aquilo que foi apresentado pela o interessado e pela equipe de consultoria. Já estamos fazendo alguns questionamentos, pedindo alguns esclarecimentos e agora chegou a fase de ouvir a população, tá? Se depois dessa análise a equipe técnica conclui pela viabilidade ambiental da ampliação, daí a CETESB submete essa análise ao Consema que vai deliberar sobre a aprovação do projeto ou não, né?

A licença prévia, se emitida é emitida com uma série de condicionantes, exigências que devem ser atendidas para as próximas fases do licenciamento. Vencida a fase de licença prévia, então desde que atendidas todas as condicionantes postuladas no licenciamento, então é emitida a licença de instalação. Então, só depois que é emitida a licença de instalação, é que pode ser feita alguma obra do empreendimento. É feita e feito esse atendimento das exigências da licença de instalação, né? É feita feitas as vistorias, inspeções, acompanhamento da CETESB durante a implantação do empreendimento. Então, o empreendedor solicita a licença de operação, então, para dar continuidade à utilização do aterro ou não, tá?

Então, só queria situar em que fase que a gente está. A gente tá numa fase prévia ainda, então é na fase de viabilidade ambiental, em que o órgão está avaliando a viabilidade ambiental da ampliação ou não. Tá bom? Obrigada.

**[18:32] José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Agradecemos aí as palavras de Diretora Maila Matsusak Fukushima, diretora do Departamento de Avaliação Ambiental da CETESB.

Bem, nesse momento agora então da audiência pública, vocês estão vendo aí um slide, né? tá mostrando eh a questão da audiência pública. Eu devo dizer a todos que aqui a composição da

mesa diretora é feita por mim, presidente da sessão, a representa da CETESB e podemos até ter dois conselheiros do Conselho Estadual do Meio Ambiente. O que é o Conselho Estadual do Meio Ambiente, é o órgão consultivo, normativo e recursal do sistema ambiental paulista constituído pela Constituição do Estado de São Paulo no seu artigo 193.

As audiências públicas elas são regulamentadas por meio da lei estadual número 9509 de 1997, que estabelece a política estadual no meio ambiente, a Lei estadual 13.507 de 2009, que dispõe sobre o funcionamento do Conselho Estadual do Meio Ambiente, a deliberação normativa do Conselho Estadual do Meio Ambiente CONSEMA número 1 de 2011, que estabelece as regras para a convocação e a realização das audiências públicas. O evento ele é aberto ao público, onde são apresentados os aspectos ambientais da proposta ou o projeto a todos os participantes. Daqui a pouco nós teremos a apresentação do projeto para todos aqui presentes. Ah, o objetivo também é dirimir dúvidas, tirar as dúvidas e conhecer a opinião da sociedade, recolhendo críticas e sugestões sobre o licenciamento ambiental. Que é estabelecido por meio da avaliação de um estudo de impacto ambiental e o relatório de impacto ambiental, criação ou alteração de unidades de conservação, zoneamento ecológico econômico e outras questões de interesse ambiental.

O edital de convocação da respectiva audiência pública é publicado no Diário Oficial do Estado e a divulgação é feita na mídia pelo proponente. Cabe a mim, o presidente da sessão, a função regimental de conduzir os trabalhos de uma forma neutra, portanto aqui eu não tenho nenhuma posição a esse respeito, e garantir a fala dos interessados de um modo democrático e de um modo organizado. O registro dos trabalhos, ele tá sendo feito por meio digital, de áudio e vídeo. Nós estamos agora na internet. Há uma transmissão ao vivo deste nosso evento e o registro por escrito com data, hora, local e a fala dos participantes, garantida democraticamente sua participação.

O Conselho Estadual do Meio Ambiente, ele definiu a divisão em três partes da nossa audiência pública. Primeira delas, a apresentação dos estudos. Daqui a pouco nós teremos aí essa participação com essa apresentação, a participação dos interessados na segunda parte, no segundo bloco da nossa audiência pública e a terceira e última parte com as respostas e os comentários feitos a respeito do de tudo que for colocado aqui. Portanto, gente, tudo que for colocado aqui vai ser apreciado dentro do processo, conforme a diretora já explicou para todos aqui, as inscrições para o uso da palavra se encerram às 18 horas. Como a gente começou exatamente às 17 horas, nós temos até às 18 horas inscrições. Depois eu vou fazer algum comentário a respeito das inscrições que eu vou falar um pouquinho mais adiante sobre isso. As falas elas devem se dar, isso é muito importante, gente, as falas devem se dar no intervalo de tempo preciso e na ordem de inscrição, conforme o segmento de representação.

É vedada a duplicidade de manifestação. Por quê? Porque o nosso objetivo aqui não é criar um debate, sim receber o aporte de contribuições de vocês, de toda a sociedade que tá aqui

representada. Na primeira parte, portanto, nós teremos a apresentação do estudo, onde dentro da exposição do estudo nós teremos a proposta que vai ser apresentada pelo representante do proponente num tempo de 15 minutos e depois nós teremos a exposição pela equipe responsável pelo estudo técnico ambiental num tempo de 30 minutos. Portanto, o tempo total de apresentação será de 45 minutos. Na segunda parte, nós temos a participação do plenário. Nessa participação, representantes do Ministério Público tem um tempo de 5 minutos para se manifestar. Entidades da sociedade civil 5 minutos. Pessoas físicas 3 minutos. Não passando de 1 hora. Portanto, são 20 pessoas que terão a palavra aqui para poder se manifestar. Nós não podemos passar de uma hora, isso tá no regimento do CONSEMA.

Representantes dos órgãos ou entidades públicas, 5 minutos. Membros do Conselho Estadual do Meio Ambiente, 5 minutos. Parlamentares, 5 minutos. Representantes do Poder Executivo, 5 minutos. E na sequência, na terceira e última parte, nós temos as respostas e os comentários, sendo que o proponente tem 15 minutos para fazer suas explanações e a equipe responsável pela elaboração do estudo técnico também 15 minutos. Portanto, na última parte da nossa audiência pública, os conselheiros aqui, no caso, a representação pelo Conselho Estadual do Meio Ambiente, que se faz pela minha pessoa, eu terei 10 minutos e no final os comentários da CETESB a respeito de tudo que foi colocado aqui. Vamos supor que eu ainda assim não consegui formular uma pergunta, não consegui colocar uma contribuição. E não ficou muito claro, eu não estava muito claro nas ideias hoje aqui. Então mesmo assim a gente ainda tem esse tempo extra que são cinco dias úteis onde você pode mandar sua contribuição para [consema@sp.gov.br](mailto:consema@sp.gov.br). Tudo que virá de vocês será muito bem-vindo.

Vamos fazer uma reunião pacífica, tranquila, calma, onde a gente possa apreciar todas as informações aqui e ao mesmo tempo receber todas as contribuições de vocês, tá ok? Combinado? Assim, dessa forma. Eu vou, portanto, agora conduzir a nossa a nossa a sequência dos trabalhos e eu vou passar, portanto, a palavra, vou pedir aqui a presença do empreendedor, do senhor João Manuel da Costa Neto, diretor presidente do SP Regula e também o senhor Ervino Nitz Filho, presidente da EcoUrbis Ambiental, sociedade anônima, que farão as apresentações iniciais.

Na sequência, nós teremos a apresentação por parte da consultoria 30 minutos, senhor Luís Sérgio Kaimoto, projetista da Cepollina e Valdir na Nakazawa, projetista da Ecodue, Gestão e Planejamento Ambiental Limitada.

Senhor João Manuel, a palavra é sua. Seja bem-vindo. Vou passar a palavra então para vocês. 15 minutos.

**[27:21] João Manuel da Costa Neto, Presidente da SP Regula**

Muito boa tarde a todos. Gostaria de cumprimentar o José Eduardo Bevilaqua, representante do sistema estadual meio ambiente do estado de São Paulo, presidindo aqui a sessão também

a Dra. Maila da CETESB, cumprimentar o meu colega Ervino, presidente da ECOURBIS, e também a parlamentar vereadora Edir Sales e demais parlamentares, caso estejam presentes.

Como disse o nosso presidente, a fase inicial aqui é apresentada pelo empreendedor que apresenta aqui o projeto, no caso a concessionária Ecourbis. E a concessionária Ecourbis é uma concessionária do município de São Paulo. Então, por isso, fizemos questão de aqui estar, uma vez que a SP regula, agência reguladora do município de São Paulo, uma autarquia da gestão do prefeito Ricardo Nunes, figura como poder concedente deste contrato tão importante para cidade de São Paulo com a empresa Ecourbis.

Então, vereadora, nossa responsabilidade estar aqui para ao lado da EcoUrbis apresentar o projeto, tirar as dúvidas à população de um empreendimento tão significativo para cidade de São Paulo, um aterro sanitário que é responsável por receber diariamente 7.000 toneladas de resíduos de cerca de 7 milhões de pessoas distribuídas em 19 subprefeituras da cidade. É o único aterro público da cidade de São Paulo em funcionamento e um aterro que chega na sua sexta fase. Então, presidente, eu creio que você, seus colegas já passaram aqui outras cinco fases aqui na mesma discussão para que a gente possa debater com a sociedade este avanço. O aterro sanitário de São Paulo é uma solução viável, ambientalmente correta, muito diferente dos lixões, que é uma triste realidade que a gente vê Brasil aa e aqui em São Paulo já há bastante tempo, desde 2004, desde o desdobramento do aterro São João, esse aterro é um aterro ambientalmente correto, impermeabilizado, com captação dos afluentes, com aproveitamento do gás. Aliás, abro aqui um parêntese, inclusive agora com o tratamento do gás e aplicação desse gás, um gás já tratado como biometano, na frota de veículos que fazem a coleta, estabelecendo o fechamento da circularidade da economia ambiental. Mas voltando falar do aterro, diferente de outros locais que não conseguem ter esse cuidado com o meio ambiente, foi feito o investimento aqui em São Paulo em cinco fases e é chegada a hora da gente partir para sexta. E o porquê disso? Dentro da quinta fase foi feito agora um muro de contenção do aterro que deu uma vida útil de mais um ano e meio. Isso vai ser explicado aqui para vocês, para que a gente continue tendo onde depositar os resíduos que cada um dos paulistanos que residem nessas 19 prefeituras gera por dia.

E se nós não tivermos, viraria um colapso de saúde pública, inclusive na cidade. E nós temos que mandar isso para aterro. O sistema paulistano de tratamento de resíduos, ele foi renovado agora no ano 2024, vigorou o primeiro contrato por 20 anos. A SP Regula, que sucedeu a AMLURB fez um grande estudo e nós projetamos esse sistema para mais 20 anos e nós trouxemos novas tecnologias de tratamento de resíduos que farão com que a gente tenha redução do volume que a gente manda para o aterro. Então, outras tecnologias que serão discutidas em paralelo e em outros momentos nos garantirão uma maior longevidade desse aterro sanitário. Faremos uma sexta ampliação que trará uma vida longa para o aterro sanitário e garantirá que toda essa

população de São Paulo tem a condição de ter a destinação e o tratamento dos resíduos de toda essa área.

Então, a nossa responsabilidade. Fizemos questão enquanto prefeitura de São Paulo, enquanto SP Regula, enquanto gestão do prefeito Ricardo Nunes, de estar aqui ao lado da concessionária. Não nos furtaríamos desse debate porque temos convicção que estamos no caminho certo de continuar entregando para a cidade de São Paulo uma tranquilidade com relação ao tratamento e à disposição de resíduos. Vale lembrar que ao final do ano passado de 2024, como nós não nos furtamos do debate, nós fomos a Brasília no STF numa discussão muito importante do Código Florestal, que é uma releitura já há alguns anos e que havia uma ação pendente ainda no Supremo Tribunal Federal que confundia lixão com aterro sanitário.

E lá nós fomos justamente para essa discussão para levar elementos técnicos, assim como vocês fazem aqui na audiência pública. Nós fomos lá levar isso na discussão para os ministros e levamos como um dos principais exemplos de solução viável de aterro sanitário o próprio CTL. Foi até curioso, presidente, que o ministro Alexandre de Moraes já foi secretário aqui em São Paulo e já foi gestor desse mesmo contrato cujo eu tenho a responsabilidade hoje. E ele lembrou muito bem das fases anteriores que tiveram aqui a questão da implementação do aterro sanitário CTL. E aquela corte que é a nossa Suprema Corte reconheceu no julgamento a importância de reconhecer os aterros já implementados e também as suas ampliações, de modo que a gente não tenha que procurar e utilizar outras áreas para colocar os aterros sanitários, sendo que a gente pode seguir por processos de ampliação e sequência das montantes da deposição de resíduos. Então, gente, tudo isso foi precedido de muitos estudos. Nós entendemos que é o melhor caminho pra cidade de São Paulo e pro Aterro CTL fazer a sexta fase ampliação. Eu vou passar a palavra pro Ervino, que é o presidente da Ecourbis, para fazer a introdução da apresentação. Na sequência, os técnicos que trabalharem em cima desse projeto também estarão aqui à disposição de vocês para apresentação, para tirar dúvida e tenham certeza, o município de São Paulo depende muito da aprovação desse projeto para que a gente tenha a garantia da destinação de resíduos das 19 subprefeituras que compõem o lote sudeste de resíduos. Muito obrigado.

**[33:37] Ervino Nitz Filho, Diretor Presidente da Ecourbis Ambiental**

Bom, boa noite a todos. Primeiramente queria cumprimentar todos os presentes, em especial os membros da mesa, José Bevilaqua, presidente da mesa, Dra. Maila da CETESB, João Manuel, presidente da SP Regula, vereadora Edir Sales e demais autoridades presentes. Bom, na verdade, para começar, gostaria de contextualizar a atuação de Ecourbis aqui nos últimos 20 anos. Na verdade, Ecourbis é uma concessionária que coleta, transporta, trata e destina adequadamente 7.000 toneladas de resíduos diariamente, atendendo a 7 milhões de pessoas. Esse ano, agora em 2024, tivemos a renovação do nosso contrato, no qual vários investimentos serão, realizados

aqui na cidade de São Paulo, na zona sul e leste. Dentro desses investimentos, um é a ampliação do CTL, que na verdade é o aterro sanitário aqui da zona leste, que recebe hoje mais da metade do resíduo de São Paulo. Nesse contexto, posso garantir que essa ampliação cumprirá todos os requisitos legais, ambientais, fará todas as compensações ambientais pertinentes, fazendo com que São Paulo realmente para os próximos 20 anos, garanta de forma sustentável e equilibrada a gestão de resíduos sólidos da sua cidade. Eu queria agora, por fim passar um vídeo rapidinho, só para que contextualize a história da Ecourbis nesses 20 anos e de uma certa forma procura demonstrar para vocês a importância da ampliação do CTL para toda a cidade de São Paulo. Muito obrigado.

### **35:06 Vídeo, Ecourbis Ambiental**

Entre sementes e folhas, um time cuida diariamente de espécies nativas da Mata Atlântica, que em pouco em pouco estarão reflorestando áreas degradadas e recuperando matas ciliares. Eu tenho orgulho de ver cada muda crescendo aqui no Viveiro Ecoíris. São pequenas hoje, mas amanhã vão virar sombra, ar puro e vida para muita gente. São mais de 4.000 colaboradores que se dedicam diariamente em uma operação que atende 7 milhões de pessoas na zona sul e leste da maior cidade da América. Tenho muito orgulho do meu trabalho porque ajudo no sustento da minha família e de milhares de pessoas de São Paulo. A gente trabalha todo dia porque a cidade de São Paulo não para, né? Todo esse esforço coletivo tem um ponto em comum, a central de tratamento de resíduos leste, o único aterro sanitário em operação na cidade de São Paulo. Localizado em São Mateus, o espaço ocupa 171 ha e recebe cerca de 7.000 toneladas de resíduos por dia. Diferente de um lixão, um aterro sanitário é uma complexa obra de engenharia totalmente controlado e monitorado. O chorume é drenado e destinado para o tratamento adequado, sendo utilizado posteriormente como água de reuso. Todo o gás gerado é captado e transformado em energia elétrica e biocombustível, que abastece os caminhões de coleta. Todo este processo é seguro e sustentável. Toda essa estrutura do aterro tem uma vida útil. Em 2015, ele foi ampliado e unificado ao antigo aterro São João, prolongando sua capacidade por quase uma década. Hoje, uma nova ampliação se faz necessária para garantir a destinação adequada aos resíduos até 2050. Ampliar o aterro não é só abrir espaço, é preparar São Paulo para o futuro com mais segurança e sustentabilidade.

Essa ampliação é extremamente necessária porque não tem o que fazer, não tem outra, não tem outra forma de resolver esse problema. O programa Verde perto na ativa desde 2006 abre as portas para estudantes, comunidades e parceiros, aproximando a sociedade da complexa realidade da gestão de resíduos, que ela é uma empresa aberta à comunidade. Todas as informações que a gente precisa, a gente tem aqui. É um espaço de aprendizado e conscientização que já recebeu mais de 100.000 pessoas, dando a oportunidade do contato direto com práticas de sustentabilidade, entendendo como escolhas do dia a dia impactam o

futuro da cidade e do planeta. Eu resido aqui desde que eu nasci, então são 57 anos que eu moro aqui. Eu tenho um comércio, um restaurante aqui na na Bento Guelfi há 18 anos. É, para mim, a vinda da empresa para cá melhorou muito no fluxo de pessoas, nas vendas. Então, para mim foi muito positivo, além de gerar vários empregos pro pessoal da região.

O viveiro EcoÍris já produziu mais de 360.000 mudas, garantindo a recuperação florestal da área ocupada pelo aterro, não somente nos arredores, mas também em locais de matas ciliares e de preservação permanente, como os plantios realizados no programa Nascentes, visando promover a conservação dos recursos hídricos que abastecem a cidade de São Paulo. A gestão moderna de resíduos está diretamente ligada à economia circular. No aterro sanitário, os gases produzidos durante a decomposição da fração orgânica dos resíduos são captados. Esses gases passam por um processo de tratamento e purificação, transformando-se em biometano, um combustível renovável que hoje abastece a frota de caminhões da Ecourbis.

No mesmo caminho, o tratamento mecânico biológico TMB possibilitará a separação eficiente entre a fração seca e a úmida dos resíduos provenientes da coleta comum. Essa etapa permite a recuperação de materiais recicláveis, como plásticos, metais, papéis e vidros que retornam ao ciclo produtivo como novos insumos. Além disso, a fração remanescente dos resíduos pode ser destinada a processos de aproveitamento energético, como caldeiras e fornos de cimento, reduzindo a dependência de aterros sanitários e fortalecendo a economia circular.

Com inovação aplicada em cada processo, São Paulo avança para se consolidar como referência em sustentabilidade. Essas iniciativas estão totalmente alinhadas ao Plano Nacional de Resíduos Sólidos, Planares, instituído pelo governo federal como diretriz estratégica para todo o país. Planares define metas para reduzir a geração de resíduos, para ampliar a reciclagem e garantir a destinação final ambientalmente adequada e aproveitamento energético dos resíduos. Ao transformar resíduos em matérias renovadas, abastecer a frota com biometano e produzir combustíveis alternativos como o CDR verde. A EcoUrbis cumpre esse compromisso e contribui para os objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU, consolidando um futuro mais limpo e saudável para milhões de pessoas. Cuidar de resíduos é, acima de tudo, cuidar de pessoas. E fazemos isso não garantindo apenas o cumprimento de cada marco contratual, mas comprometidos com o legado de uma cidade cada vez mais sustentável por pessoas para pessoas em prol de todo o meio ambiente.

**[41:16] José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

OK. encerrada essa parte, eu vou passar a palavra agora para o a consultoria do projeto, engenheiro Luís Sérgio Kaimoto, que é o projetista, representando a Cepollina, empresa de consultoria. E na sequência o senhor Valdir Nakazawa, projetista, representando a Ecodue, Gestão e Planejamento Ambiental Limitada. São Luiz Sérgio já tá se dirigindo aqui para sua participação. OK, Senhor Luis Sérgio, a palavra é sua.

**[42:07] Luís Sérgio Kaimoto, Projetista da Cepollina Consultoria**

Comparecer o seu aqui. Boa tarde a todos, cumprimento a mesa, Dr. Bevilaqua, Dra. Maila, conselheiro do Consema e cumprimentando a mesa a todas as autoridades aqui presentes.

O objeto desta audiência pública é detalhar e apresentar os estudos ambientais da ampliação da central de tratamento de resíduos leste em sua fase seis, que atende ao município de São Paulo há mais de 33 anos. E nesse caminho, a ideia seria percorrer, então, uma contextualização geral, a caracterização do empreendimento e o diagnóstico, impactos e programas ambientais do EIA RIMA. 33 anos é um longo caminho, é uma história, é uma história de vida, é uma história de referência, de segurança ambiental, de valorização e de proteção à saúde pública do município de São Paulo.

É uma referência que virou guia para o país inteiro. E nesse sentido dessa história, ela começa em 1992, a partir do início do aterro sanitário, sítio São João, seguindo para a implantação e operação da CTL propriamente dita e atualmente com a junção dos dois maciços unificando-os. Mas essa responsabilidade, ele ganha envergadura e ganha escala a partir do momento em que a gente sabe que ele atende uma população de 6 a 7 milhões de habitantes. Mas mais que isso, ele tem a responsabilidade de receber, condicionar e tratar uma quantidade da ordem de 7.000 toneladas de resíduos todos os dias pelos mais de 12.000 dias desde o início dessa operação.

E nesse caminho e essa etapa, ele não significa tão somente a ampliação do maciço, mas uma plataforma de continuidade, uma série de atividades que já foram expostas aqui pelo Dr. João Manuel, pelo Dr. Ervino, aonde, por exemplo, uma das primeiras ações contundentes é fazer com que todo o biogás que o aterro sanitário gera, ele seja coletado, seja tratado de forma que ele evite, reduza as emissões pro meio ambiente, a as emissões de gases nocivos ao efeito estufa, mas mais que isso, fazendo com que esse biogás se torne combustível se torne uma possibilidade de geração de energia elétrica e além de energia elétrica, a fabricação, a produção de biometano, ou seja, a energia elétrica e biocombustível limpos e renováveis. Além de aproveitar os subprodutos dessa biodigestão do resíduo, fruto da boa operação do ateso sanitário, nós já contamos com a licença de próxima licença de implantação da TMB, que seria uma etapa em continuidade à unidade de reciclagem que a prefeitura Ecourbis já tem na unidade Maria Carolina de Triagem reciclagem, aonde a ideia é fazer com que cerca de 620.000 toneladas de resíduos a cada ano sejam processados, sejam triados, reciclados, toda a fração orgânica seja tratada e seja nesse caminho aproveitado para a produção de combustível derivado de resíduos. E toda essa parcela de toda essa parcela, somente os rejeitos passariam a ser depositados no aterro sanitário.

Nesse caminho, cada passo é importante e com isso a meta é o desejo da Ecourbis desse projeto e da prefeitura de São Paulo é que a curto médio prazo a gente atinge uma redução de cerca de até 70%. 75% dos resíduos que sejam dispostos no macio sanitário e que se resumam a rejeitos.

E para isso, já contemplando dentro do plano da prefeitura a implantação de mais uma unidade de tratamento mecânico e dois ecoparques, sucessivamente cada um em uma data específica e com licenciamentos específicos. Bom, e nessa ampliação da fase seis, ele aproveita e incorpora uma área que foi desapropriada desde 1989, é uma área da prefeitura de São Paulo e ele significa não somente a implantação do aterro sanitário, mas a possibilidade de dar garantir a continuidade gradual dessas unidades e ações de valorização. E mais que isso, é permitindo que se garanta também a disponibilidade de solos para a cobertura sanitária fundamental para a saúde pública.

Além de tudo isso, com a possibilidade também de utilizar toda a logística e infraestrutura existente e na sequência a implantação de dois reservatórios de retardo de águas pluviais, fazendo proteger toda a região jusante do empreendimento. Mas uma coisa que valoriza todas essas ações, todas essas etapas, esses esforços, é a grande limitação de áreas disponíveis tanto no município de São Paulo. Por isso é o último aterro da Prefeitura de São Paulo, é o último aterro nosso que somos paulistanos e mais que isso, com orgulho de ser muito bem gerido.

E essa limitação, ele vem desde a década de 80, do século passado, dos planos diretores, de três estudos de impacto ambiental que já foram executados para essa CTL. E com isso, para esse estudo foram avaliadas alternativas locais em continuidade, em continuidade e avaliando aquelas que já tinham sido estudadas, mas já avaliando três alternativas. E dessas três alternativas, concluindo pela alternativa A, por vários aspectos técnicos e ambientais, como do ponto de vista de geologia, de geotecnia, de hidrogeologia, etc.

E concluindo então por essa área a objeto de todos os estudos ambientais que nós estamos apresentando. Primeiro pelo fato de já ter sido desapropriada ser da prefeitura desde 1989, segundo pelo aproveitamento do espaço já utilizado e usufruto de uma infraestrutura totalmente já existente. Partindo para a caracterização do empreendimento, que é o objeto que eu já delinee até então, a ideia seria eh justamente ressaltar qual é a infraestrutura que essa unidade detém ao longo desses 33 anos, tá?

Então, uma das unidades que seria importante e é importante ressaltar é a estação de tratamento de efluentes líquidos com a capacidade de tratar 800.000 a 100.000 L de efluentes líquidos a cada dia que se soma ao tratamento que a Sabesp recebe por esse aterro sanitário.

Mas além disso, tem que ser destacado e ressaltado sempre, o viveiro florestal ecoiris, que é uma medida que vem a reboque e vem contribuindo com os princípios do empreendimento da prefeitura, da Ecourbis, da Secretaria do Verde e da CETESB, que tem a incumbência e hoje ele produz cerca de mais de 30.000 mudas a cada ano.

Bom, entrando então na caracterização do projeto em si dessa fase seis, foram efetuadas investigações técnicas, geotécnicas muito abrangentes com sondagens elétricas, etc. a etapa de drenagem subsuperficial sobre toda a base do aterro, os serviços de terraplanagem e regularização de todos os planos aonde vão ser implantados os serviços de infraestrutura,

seguindo pela implantação de um sistema de impermeabilização de todas as superfícies que possam vir a ter contato com o resíduo, não só com a camada de argila impermeável, mas também seguindo por uma série de mantas, compostos bentoníticos extremamente impermeável, mantas de polietileno expandido de alta densidade e somente após a implantação de todo esse robusto sistema praticamente intransponível, é que se faz a implantação, a implantação de todo o sistema de coleta de efluentes líquidos na base, de forma que todas as gotas, todos os volumes que sejam gerados sejam encaminhados para tratamento absoluto. Somente após isso é que cada camada é executada, se implementa o alteamento das sucessivas camadas ao longo dessa operação. E por fim, a implantação sucessiva de todo o sistema de proteção, tanto dos planos de envoltória, como de drenagem de águas pluviais que possam incender no empreendimento. E mais que isso, certificando a qualidade e a garantia desses serviços todas as atividades de monitoramento, tanto ambiental quanto geotécnico, ao longo de toda a vida hoje, de todo o período, de uma forma muito cautelosa, mesmo que todos os resíduos fossem depositados de uma forma bruta, o que não vai acontecer é considerando somente a implantação da TMB, que já está licenciada.

Nessa etapa do Ecoparque Leste, a vida útil complementar resultaria alguma coisa da ordem de 14, mais de 14 anos, atendendo ao município de São Paulo, atendendo a essa população de 6 a 7 milhões de habitantes. Entrando então no diagnóstico ambiental, eu passo a palavra para o Dr. Valdir, tá bom. Obrigado.

**[54:06] Valdir Nakazawa, Projetista da Ecodue Consultoria**

Olá, boa noite a todos. Meu nome é Valdir Nakazawa. Eu sou o responsável pela elaboração do Rima, né, que nós vamos apresentar aqui. Na verdade, o Luiz Sérgio já apresentou uma boa parte dele na parte de caracterização do empreendimento e agora nós vamos falar da parte do diagnóstico ambiental pra frente, tá? Então o que que é?

Nós temos que colocar esse empreendimento num determinado espaço, num determinado ambiente. Portanto, nós temos que conhecer o que é esse ambiente para a gente colocando mentalmente o empreendimento naquele espaço, antever quais serão as alterações e os impactos dessa interação. Isso é a essência do estudo prévio de impacto ambiental. E uma vez que se identifica os impactos previamente, estabelecer quais são as medidas de controle, ou seja, para evitar o impacto, para reduzir o impacto e para aqueles impactos que são inevitáveis, as medidas de compensação, tá? Então vamos lá, começando com a parte de aspectos do meio físico, né? Então, a gente sempre divide em aspecto meio físico, biótico e socioeconômico.

Do aspecto meio físico é clima, qualidade do ar, ruído de vibração, geologia, paleontologia, que no caso lá não tem, espeleologia também não tem, inundações, quer dizer, aspectos muito extensos, muito complexos, que a gente tem que entender como é que é, tá? E pra gente entender isso tudo, a gente faz o quê? Estudo e divide em três níveis.

Primeiro, a gente chama de áreas de diretamente afetada, que é a área onde eu vou colocar o empreendimento, onde é que o empreendimento vai estar posicionado, onde é que ele vai ser implantado, tá? Depois um espaço intermediário que a gente chama de área diretamente aliás, área afetada pelos impactos diretos, ou seja, aqueles impactos são decorrentes da ação direta da implantação e operação de empreendimento. Depois aquela área mais distante, né, que é a área de influência indireta, onde você avalia os impactos que se dão numa cadeia, tá? Que é o impacto decorrente de uma outra atividade que não é diretamente associada com o empreendimento. Então, os níveis de profundidade, de detalhamento, vão se atenuando à medida que você passa da área de implantação de empreendimento para área de influência indireta, tá?

Então, seguindo ainda na nossa ué, onde é que é agora? Foi, foi, vamos falar de qualidade do ar, tá? Quando a gente pensa em aterro, a gente pensa emissões. Emissões, sejam de odor, sejam de gases que são geradas pelo aterro, poeira gerada pela atividade de implantação, operação de empreendimento.

Então, a gente faz todo um uma avaliação de como se dá ou como está a qualidade do ar agora antes da implantação dessa ampliação fase seis, tá? Então, a gente se utiliza de informações das estações de monitoramento qualidade do ar da própria CETESB, né? E aqui no caso a gente foi buscar na estação de Ribeirão Pires, na estação de Mauá, várias estações esta no entorno, né? Chegando à conclusão de que essas emissões adicionais não vão alterar a qualidade do ar que a gente já tem atualmente nessa região, tá?

Então, seguindo em frente, ruído de vibração, tá? É outro aspecto importante, porque você tem a operação do empreendimento, tem máquinas operando lá dentro, tratores, escavadeiras, caminhões, tá? Eh, e aí a gente faz o quê? A gente faz a medição do ruído no ambiente. Quer dizer, todo o ruído que a gente consegue identificar fora dos muros do empreendimento. Isso é ruído ambiental, tá? Como o empreendimento CTL já opera ali há mais de 20 anos, existe uma rede, né, de pontos onde esse monitoramento já é realizado já há muito tempo. Então a gente utiliza essas informações para avaliar como é que tá a condição de ruído lá na área. E nós adicionamos mais três pontos que não existiam, são pontos novos, tá? Se vocês olharem aqui na imagem, aqueles pontos estão amarelo, que é PR1, PR2, PR3, tá? que são pontos novos que nós medimos antes da implantação de empreendimento para verificar como anda o ruído hoje lá, tá? Então a gente percebe que existem alguns pontos onde esse ruído já está acima do padrão legal do que exige a lei de legislação, mas que não estão relacionadas com o empreendimento, porque empreendimento ter nem existe, a ampliação não foi implantada ainda, tá?

Então, e com as práticas normais de uma boa gestão da operação, a gente espera que esse ruído não aumente. E pra gente verificar isso, a gente tem o quê, né? A gente tem uma rede de monitoramento que vai seguir durante todo o período de operação do empreendimento, tá? Lembrando que com a ampliação esse maciço ele vai se afastar daqueles pontos que hoje são

mais próximos, que é o ponto P6, P5, tá ali junto da estrada de Sapopemba, tá? Portanto, colado no aterro e o aterro vai se deslocar mais pro outro lado, pro lado oposto, vai se distanciar desses pontos, tá? Eh, então é isso que a gente espera com a implantação do empreendimento.

Vamos lá. Águas superficiais e águas subterrâneas. Como é que é hoje a qualidade de águas superficiais? Águas superficiais são águas dos rios, tá? Então o que que a gente tem ali? A gente tem o córrego, é o córrego limoeiro. Tá certo? Então toda o aterro tá na cabeceira do córrego limoeiro, que é um afluente do Aricanduva, tá? Então ele tem uma extensão de mais ou menos 2 km e pouco, tá? Esses todos esses códigos que vocês estão vendo aí em azul, eh, são definidos pela legislação como classe quatro. O que que são classe quatro? São os corpos da água que tem uma qualidade aceitável ruim, não serve para abastecimento, não serve para contato primário, só serve para, entre aspas, harmonia paisagística. São usos menos exigentes em termos de qualidade.

Mesmo assim, o aterro atual não lança nada ali, a não ser água pluvial, água de chuva que é desviada do empreendimento, não tem contato com o resíduo. Então isso vai lá pro córrego, porque todo o chorume hoje, é lançado num coletor tronco da Sabesp e de lá vai para uma estação de tratamento de esgoto da Sabesp, que hoje tem já implantado uma estação de tratamento específica para chorume que vai tratar uma parte desses influentes, tá?

E com a ampliação do empreendimento vai continuar essa mesma situação, né? Já com essa estação de tratamento em funcionamento. Inclusive o efluente, o chorume que será tratado nessa estação também não será lançado no córrego do Limoeiro, será lançada em si mesmo no coletor troco da Sabesp, tá?

Em termos de água subterrânea também, quer dizer ali a gente tem uma rede de poços de monitoramento. Esses poços vão continuar, essa rede será ampliada porque o o maciço do aterro será ampliado, tá? Existe alguns padrões, alguns elementos que já são mais elevados do que o padrão, mas são elementos que já são comuns na natureza por conta da especificidade do clima tropical. Então sempre vai ter um excedente de ferro, de alumínio, de manganês, que é o que tem aqui, tá?

Seguindo, agora a gente entra no meio biótico, né? Então, falar de vegetação e vamos falar de fauna, tá certo? Isso aqui são as áreas onde tem o estudo mais aprofundado, medianamente aprofundado e onde a gente só busca informações que estão disponíveis em textos, em publicações. Então, que a gente chama de informação secundária, tá? Isso aqui é importante, né? Vocês estão vendo aqui na imagem em vermelho é a área de implantação do empreendimento. Então tem ampliação da fase seis, que é onde você tem essa parte mais ao sul, né, mais arredondada, e essa parte mais alongada que é a área de fornecimento de solo. É onde eu vou pegar solo para fazer as coberturas sanitárias do resíduo que vai ser colocado diariamente, tá?

O que que a gente vê aqui nessa imagem, né? Se vocês prestarem atenção, a CTL e a sua ampliação, ela tá situada no limite entre uma área que tem bastante vegetação, bastante verde, com a área de ocupação urbana consolidada, tá certo? Então, vai haver uma supressão da de uma parte dessa vegetação, mas é uma é um fragmento de vegetação que ela não constitui uma continuidade para um outro lugar. Ela não é um corredor ecológico, como a gente chama, tá? Ela é como uma espécie de rua sem saída. É um beco sem saída, tá certo? Por quê? Porque toda a extensão da vegetação remanescente tá ali, ó, pra direita na imagem que vocês estão vendo aí, que é para o município de Mauá, Ribeirão Pires e Suzano, tá? não tem uma continuidade para dentro do município de São Paulo. As áreas que você vai encontrar de verde ali são do Parque do Carmo, por exemplo, mas elas são isoladas por uma área urbana consolidada, tá certo?

Indo em frente. Isso aqui é a área da implantação do empreendimento, como eu disse, área diretamente afetada, né? Essa parte mais ao sul, a gente tá vendo aí que tem uma grande mancha verde que é uma vegetação estágio médio de regeneração, que terá que ser suprimida, mas a maior parte de onde vai tá esse aterro, fase seis, é sobre as fases anteriores, sobre a fase quatro e cinco, tá certo? Mais da metade da área que vai ser ocupada pelo novo aterro da ampliação, já é sobre o aterro que já existe. E a área que vai ser ampliada, né, na nova área é uma área menor. E essa área mais para cima, mais alongada, é a área onde eu vou ter a área de fornecimento de solo. Eu não consigo fazer um aterro só com resíduo compactando. Eu tenho que lançar essas camadas chama de cobertura sanitária todo final de dia para que eu confine esse resíduo para que reduza as emissões e tudo mais, tá? Então assim em termos quantitativos, toda a área de intervenção do empreendimento tá em torno de 101 ha. Guardem esse nome número, 101 ha, certo? Só que desses 101 ha apenas 48 ha, mas vamos arredondar 50 ha. Metade disso é área de ocupação nova, tá?

E de supressão que a gente for ver aqui de vegetação, vai dar em torno de 48 ha, tá certo? Eh, isso significa o quê? que eu tô ocupando o empreendimento num espaço relativamente grande, mas a supressão da vegetação é relativamente pequena, tá?

Seguindo aqui porque o tempo corre, né? Eh, e aí isso é importante por quê? Porque nós estamos que falar de compensação, né? Nós vamos falar na frente de compensação, tá? Eh, mais no item seguinte, que é o item quatro.

Seguindo no diagnóstico, vamos falar de fauna, tá? Então foram feitas três campanhas de levantamento de fauna, né? Normalmente a gente faz duas, uma no período seco, outra no período chuvoso. Aqui foram feitas três campanhas, tá? Abarcando anfíbios e répteis, aves e mamíferos médios e e pequenos, tá? E a gente vê que nessas curvas que estão do lado direito aqui é, uma curva que ela tende a se horizontalizar medida que você vai pra direita. Isso quer dizer o quê? que o levantamento que você fez, ele é suficiente do ponto de vista de abrangência das espécies que já existem, né?

A gente chama de curva do coletor, tá? Então não precisaria de uma quarta ou de uma quinta campanha de fauna, tá? É uma fauna que do ponto de vista de ave e fauna das aves, elas têm espécies que são mais sensíveis e menos sensíveis a intervenções, tá? que dependem, uma parte depende de ambientes florais, outra não depende, o que denota que você já tem um ambiente bastante alterado.

E é importante aqui também esclarecer que a gente foi identificado 130 espécies de aves, né, e mais 15 de levantamentos feitos pela Petrobras ao longo dos e dos dutos, dos oleodutos, sendo que dessas 32 espécies, elas são e endêmicas ou quase endêmicas da Mata Atlântica, ou seja, elas são características da mata atlântica. E dentre essas foram encontradas duas espécies quase ameaçadas, tá? É uma que é o papagaio verdadeiro e outra que chama pavó, tá?

Seguindo, vamos falar de mamíferos de médio grande porte. Foram identificadas apenas nove espécies, nativas silvestres. E aí são espécies aqui são domésticas como bois, cães e gatos e tudo mais. Nenhuma delas é endêmica da Mata Atlântica, nem ameaçada.

Agora a parte do meio socioeconômico, tá? Até eu vou falar bem rapidamente, né? A parte mais importante aqui é do zoneamento municipal. Então, o zoneamento vigente hoje no município de São Paulo, que ali é uma macroárea de controle e qualificação urbana e ambiental, ela permite esse tipo de empreendimento, ou seja, ela permite que se implante um aterro sanitário que já existe. Na verdade, nós estamos falando apenas de uma ampliação de um empreendimento que já existe lá instalado há mais de 30 anos, tá? Eu vou detalhar um pouquinho mais sobre a parte de percepção ambiental, né? Uma das coisas que nós somos obrigados a fazer, isso é importante no EIA/RIMA, é fazer entrevistas com população do entorno para ver como é que elas percebem a questão ambiental, como que elas percebem aquele empreendimento que lá existe e como é que elas percebem o empreendimento que está em planejamento para ser ampliado, tá?

Isso aqui vocês estão vendo o mapa, os pontinhos em estrelinha verde são a localização das pessoas que foram entrevistadas. Aqui os aspectos que ela julga mais relevantes do ponto de vista negativo, do ponto de vista positivo, né? Aqui o como é que elas percebem o que é um aterro sanitário que ela tá ali no dia a dia próximo deles, vizinhos deles, né? Se elas conhecem outras tecnologias de tratamento de resíduos que não seja só o aterro, né?

Você vê que uma boa parte não conhece. Tem uma parte importante que conhece compostagem, mas as outras tecnologias elas conhecem pouco, né? Geração de energia, reciclagem, incineração e tudo mais, né?

Aceitação. Essa foi uma pergunta importante. Você é a favor da manutenção do terro CTL em implantação de novas tecnologias de tratamento de resíduos sólidos? A grande maioria colocou como aceitável 43% e 57% como aceitável como medidas de controle. Tá certo? Então isso é uma questão importante, ou seja, não há um desconhecimento e há uma aceitação, ainda que com ressalvas da ampliação da CTL. Claro que isso é uma margem pequena, tá certo? Deve ter,

tá? E é uma coisa importante aqui também quando coloca aqui pontos associados ao aterro, né? Você vê aqui aspectos positivos e aspectos negativos. O que tá em barra verde é positivo, o que tá em barra amarelo, marrom, ela é negativa, né?

Então, ao mesmo tempo que uma boa parte fala assim que o aterro melhora a qualidade ambiental, uma outra parte fala que prejudica a saúde pública. Então são opiniões que muitas vezes são paradoxais, elas são conflitantes, mas é o que cada um pensa, tá certo? Tá, vamos seguir aqui na frente porque senão a gente não a gente vai vencer assim o tempo. Eu tenho mais dois minutos só para falar, tá? aqui os principais impactos, tal. Ah, importante, um impacto mais relevante quantitativamente foi a questão de odor, tá? Então isso é uma coisa importante, tá? E é também um aspecto que a gente tem menos controle num projeto de aterro, né, execução, né?

Por mais que você faça cobertura sanitária, tal, sempre vai ter odor, tá? Em termos de impacto, essa aqui é toda a lista de impactos que foram identificados e avaliados. Os que estão em preto são impactos que são continuidade daquilo que já tá lá na CTL que já existe há mais de 30 anos. E os que estão em verde aqui são os impactos novos associados à implantação, à ampliação da fase da fase seis, né? Perda de vegetal, né? Alteração na coleta do ar, dinâmica hidrológica, né? E o que tá em azul são os aspectos positivos, tá? Os impactos positivos. Falando dos impactos, né? Um impacto importantíssimo é a questão de dinâmica hidrológica. Quando eu faço um aterro, eu impermeabilizo o terreno. Então, aquela água que infiltraria no solo, né? Eh, eh, coberto por mate e tal e que reduziria a vazão, né? deixa de existir. Eu tenho um elemento que é um aterro, que é impermeável, que tem um sistema de drenagem, que faz com que a água escoe rapidamente e se concentre no córrego, tá certo? Então isso acontece o quê? Com a mesma chuva, uma vazão de pico que seria de 10 com um aterro ali passa a ser de 12, 13, 15, qualquer coisa dessa natureza, tá certo? Então o que acontece? Como abaixo do aterro, eu tenho 2 km do córrego limoeiro até chegar no piscinão do Limoeiro que está ali já na confluência com o com o rio Aricanduva. Eu tenho uma área.

**[1:12:02] José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Senhor, senhor Valdir, o seu tempo tá encerrado. Eu quanto tempo o senhor precisa? Direção, pode passar 2 minutos para ele, por favor, marcando o cronômetro. Tá bom, vamos lá.

**[1:12:23] Valdir Nakazawa, Projetista da Ecodue Consultoria**

Bem, dois minutos importante. Bom, e aí? E aí? Essa é uma das medidas mais importantes. Por quê? Foi projetado dois reservatórios de retardo para que esse impacto deixe de existir. E com esses dois reservatórios o que acontece? Vai haver um impacto positivo, ou seja, essa vazão vai ser reduzida. Na verdade, em vez de aumentar será reduzida, tá? ser reduzida numa proporção

de 24 25%, ou seja, a frequência de inundações a jusante do aterro será reduzida, tá? Isso é um aspecto, então aquilo que poderia ser negativo passa a ser um aspecto positivo.

Outra coisa importante é a questão do impacto relativo à supressão da vegetação, uma coisa que já foi bastante comentada, eu vi bastante na mídia, né? que ela equivale a uma área total de 48 ha e que equivale a um total de árvores de 63.000 árvores, tá certo? O importante notar que essas 63.000 árvores, dessas 63.000, quase 30.000 são eucaliptos, não são árvores nativas. Você vai lá, vamos lá, por favor, por favor. Bom, é que é que, por favor, é que não tá não tá aqui não tá não tá passando, mas é o número. O número é esse 48 ha desses 48 ha uma parte só é de vegetação nativa, outra parte é de reflorestamento de eucaliptos e no total das 63.000 árvores, sendo que desses 30.000 são eucaliptos. Não importa. Por quê? Porque na legislação municipal, estadual também os eucaliptos são compensados. É isso que vai resultar, numa compensação de quase quatro vezes mais. Então você pega esse 63, multiplica por 3,85 vai dar 241.000 árvores é que terão de ser plantadas em compensação, tá certo? É isso. Que isso dá uma área total de 145 ha, tá?

**[1:14:31] José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Oi. Depois nós vamos explicar. Vamos lá, na frente. Então assim, existe um impor vai poder fazer uso da palavra, por favor, conclua, por favor, nós já estamos estourados no tempo.

**[1:14:44] Valdir Nakazawa, Projetista da Ecodue Consultoria**

Sim, só, de tudo isso que nós falamos, faltam os pactos mais relevantes, as medidas de controle mais relevantes e a conclusão nossa é de que da equipe que fez o trabalho que tendo em vista a característica desse empreendimento, que é uma ampliação, uma extensão de um aterro que vai comportar mais 12 anos, 12 a 14 anos de resíduos gerados por 7 milhões de habitantes do município de São Paulo, e que o impacto disso, né, pensando nesse volume é muito mais reduzido, porque assim a comparação é essa, se eu fosse colocar num outro lugar, eu teria que impactar uma área de quatro a cinco vezes maior para acomodar mesmo volume, reconstruir toda a parte de infraestrutura, balança, tanque de chorume, estação de chorume, tudo isso, tá certo?

Então, por conta dessas características, é que a equipe considerou que esse empreendimento é ambientalmente viável, tá certo?

Então, bom, vamos lá concluindo. É isso.

**[1:15:48] José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Agora eu proponho só um minuto, gente, por favor, só um minuto. Eu proponho que ao final, quando depois das perguntas, vocês podem apresentar cada justificativa de uma forma detalhada. Vocês vão ter um tempo para apresentar. Certo? Então tô sugerindo que isso seja

conduzido pro final, tá bom? Bem, eh, vamos acalmar, respirar, né, 11 vezes. Eh, nós temos aqui uma presença importante aqui na mesa, representante do Conselho Estadual do Meio Ambiente, representando a Associação Brasileira de Engenharia Sanitária. Eu vou passar a palavra para o engenheiro Ricardo Crepalde. Seja bem-vindo, Ricardo Crepalde. A palavra é sua. algumas considerações.

**[1:16:51] Ricardo Crepalde, representante do Conselho de Estado**

Bom, pessoal, boa noite. Eu, como representante do dentro do Conselho de Estado, representando a sociedade civil, eu tenho que falar para vocês que eu fico muito feliz nesta sala cheia. Aqui é o momento da população ser ouvida. E não só aqui, como acho que vocês viram na apresentação, vocês vão ter mais 5 dias para enviar contribuições pro Estado. Então isso é muito importante, um momento democrático dentro desse processo, tá? Aí depois disso, a CETESB vai verificar com base de toda a informação e tudo colocado que vai colocar eh os pontos dentro de um possível licenciamento ou não, tá? Então, deixar bem claro. Então, basicamente é isso, presidente da mesa. Muito obrigado.

**[1:17:43] José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

OK. que agradecemos ao conselheiro Ricardo Crepalde. Ah, bem, dando continuidade a nossa audiência pública, agora a gente entra naquela fase onde a sociedade civil, os representantes de entidades passam a oferecer as suas contribuições para o andamento dos trabalhos. Então, nós gostaríamos de registrar aqui a presença da vereadora Edir Sales, vereadora do município de São Paulo.

Boa noite, vereadora. Agradecemos aí sua presença e eh por favor, eu lhe passo a palavra. A senhora poder gente, por favor. Tá bom. Sei que vocês gostam dela. Tudo bem. Vamos seguir aqui com o nosso Obrigado, vereadora.

**[1:18:55] Edir Sales, Vereadora**

Boa noite. Boa noite, mesmo. Boa noite, senhora. Tá com a palavra. Só tem 5 minutos, por gentileza. Obrigado.

**[1:19:05] José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

5 minutos só, gente. 5 minutos. Pedi pra vereadora Edir Sales, representante da zona leste, falar 5 minutos, mas tudo bem.

**[1:19:41] Edir Sales, Vereadora**

Vamos falar 5 minutos, até porque tudo que nós ouvimos até agora foi de extrema importância para que vocês tomem a decisão melhor e mais capacitada para a cidade de São Paulo.

São Mateus hoje, São Mateus hoje é conhecido no mundo inteiro exatamente por esse aterro. Exatamente por esse aterro que é que tem mais de 1 milhão de metros quadrados. 1 milhão de metros tem esse aterro. E nós precisamos continuar cuidando do ambiente. O mais importante também que eu queria solicitar nessa audiência pública, mas eu quero cumprimentar aqui o João Manuel, que é o presidente diretor da SP Regula. Quero cumprimentar o Ervino, também da Ecourbis. Quero cumprimentar o Beviláqua que é o nosso diretor da mesa, a Maila, representando a CETESB e o nosso representante do sindicato.

É do sindicato APS. Isso. Então, e eu também queria cumprimentar o Ozziel, que é o subprefeito aqui de São Mateus. Por favor, gente, por favor. É muito importante a gente ter essa união, porque nós estamos decidindo uma coisa muito séria, o futuro do meio ambiente e o futuro das famílias, da saúde e da preservação do meio ambiente. Então, temos que pensar com bastante racionalidade. A gente sabe que daqui a um ano, se não tiver um aumento em anexo, que já temos esse espaço, pelo que eu estava conversando aqui, já temos esse anexo, se não tivermos, a cidade pode colapsar, colapsar.

Esses dois é um exemplo de tratamento leste e outro sul. Esses dois atendem 19 subprefeituras, 75.500 pessoas nesta área, mais de 7.000 toneladas de resíduos recolhidos por dia. Então, vejam vocês que é um número significativo e que nós temos que ter a responsabilidade de compensação seja totalmente revertida para São Mateus e região. É isso que nós estamos aqui com pessoas aqui. São região. Tudo bem, vamos ouvir. Perfeito, gente. Não tem nenhum problema. São Mateus e região que vai atender a cidade de São Paulo todo e nós sabemos da importância que tem essa audiência pública hoje para que todos sejam ouvidos e tenho certeza de que a mesa, o Beviláqua irá conduzir, que já está conduzindo muito bem.

Parabéns, Beviláqua vai dar a palavra para cada um de vocês que se inscreverem para falarem aqui no microfone. É muito importante. Vampiro tá aí registrando tudo, né? Vampiro tá registrando tudo, não passa nada, nada batido por você. É isso, gente. Nós estamos aqui nessa responsabilidade. Eu sou a vereadora Edir Sales, fui deputada estadual dois mandatos, vereadora em quinto mandato e dos 58.000 votos que eu tive na minha eleição, 52.000 votos foi na zona leste. Por isso que eu tenho orgulho de ser representante da zona leste. Muito obrigada. Boa noite a todos. Obrigado.

**[1:22:29] José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista** Agradecemos as palavras da vereadora Edir Sales, representando a como vereadora do município de São Paulo. Bom, eu vou pedir agora um pouquinho de silêncio, por favor. Eu vou pedir aqui a presença do senhor Agnaldo Silva França, representando por favor. Boa tarde. Boa tarde.

**[1:23:12] Agnaldo Silva França, representante de Associação**

Boa tarde, presidente. Boa tarde, vereadora Edir, Oziel, a toda a comunidade de São Francisco, que hoje está aqui presente e que mora aqui e que vive aqui todos os problemas diários. As associações também que vive todos os problemas diários. Não é só quando tem o tema relevante que vem gente de todos os lugares. O meio ambiente se defende é todo dia. É todo dia. É todo dia no dia a dia aqui da comunidade. Aí vem pessoas onde vai pôr o lixo? O que vai fazer com a estrutura montada? Aí passou três gestão e aprovou o aterro em 89. Eu moro aqui há 36 anos e acompanho desde 89.

Pessoas da Vila Mariana, pessoas que não vivem aqui, não sabem a dificuldade, quer vir opinar aqui em São Mateus? Quer vir opinar aqui em São Mateus? Pega essa taxa que é mentira, que não é incinerador, leva para Mauá que lá sim tem bucho que vai ser incinerador. Pega a faixa, eu quero a faixa emprestada que eu vou fazer manifestação em Mauá. Quem vai comigo lá em Mauá? Quem vai comigo em Mauá? Tá, a comunidade não vai ser mais enganada por narrativas mentirosas. Narrativas mentirosas tem que trazer a informação correta. A Ecourbis ninguém a favor aqui de comprar árvore. Mas é o mal necessário. Mas é o mal necessário. Você produz lixo todo dia. Para onde vai o lixo? Recebemos o Mariana de Tatuapé, de todo lugar. E a pessoa vem aqui com a cara de pau. É falar merda aqui. Pelo amor de Deus, gente. Abre os olhos. A Ecourbis, a Ecourbis sempre foi parceira da comunidade. Sempre foi parceira da comunidade. É a única empresa que sempre foi parceira da comunidade. E eu lhe digo, São Francisco tá aqui e apoia. A ampliação do aterro não é lixão nem incinerador, não, é a ampliação do aterro para o nosso lixo ter um destino certo. E boa tarde.

**[1:25:41] José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Quer queremos convidar agora aqui, por favor, por favor, por favor. por favor. Vamos lá. Bom, eu vou chamar é na sequência. Bom, eu vou convidar aqui agora o senhor Hamilton Clemente, representando a Cooper Castelo habitacional. Hamilton, senhor tem 5 minutos, por favor, por favor. Vamos ouvir, vamos ouvir, vamos ouvir, por favor.

**[1:27:06] Hamilton Clemente, representante de Associação**

Som tá ligado? Tá ligado? Tá ligado. Tá, queridas amigas, queridos amigos, pessoal da mesa, uma boa tarde. Boa tarde, pessoal. Eu faço uso hoje dessa tribuna para falar de um assunto extremamente importante. Saudação a meus amigos, meus amigos que também tem muitos amigos aqui que são contrário e eu respeito muito porque eu conheço há muitos anos. Eu estou em São Mateus há 40 anos e tive e acompanhei todos os processos. processo desde 92, porque

isso aqui não é demandas de governos, de partidos, aliás, não é demanda de partidos, é demanda de governo e faz do processo, aprovas os licenciamentos necessários no momento do governo que estiver na época da Luísa Erondina, prefeita, tinha necessidade de iniciar o processo do aterro São João.

Depois da gestão da Marta Suplicy, teve a necessidade de implantar e licenciar o CTL. Depois da gestão do prefeito Fernando Hadad, foi necessário também fazer uma nova ampliação e hoje na gestão do prefeito Ricardo Nunes há necessidade de ampliar um pouco mais.

Então eu mesmo sendo do PT eu não posso ser contra. Então eu sou a favor da construção do aterro. A favor. Eu sou a favor porque tem que chamar todos nós se a gente ficar acorda de manhã e começa a juntar o seu lixinho e no final do dia pesa dá mais de 1 kg. Cada cidadão produz mais de 1 kg de lixo por dia. Por isso que dá 7.000 toneladas que tem que vir ao aterro. Que nós temos que discutir? Não contra a ampliação do aterro, mas nós temos que discutir, por exemplo, a Dulce. Eu tive a honra de ser um dos fundadores junto com a Cooperativa Chico Mendes. Então, as cooperativas têm que ter subsídio, as cooperativas tem que ter apoio financeiro para poder reciclar mais, tem que ter educação ambiental para diminuir e aumentar o tempo de vida dos poucos aterros que ainda temos, porque logo logo nós vamos ter que achar um outro método. Eu creio, eu depois eu faço uma pergunta aqui. Com essa ampliação, quanto tempo ainda vai durar? Porque nós temos que focar na questão da reciclagem, questão da educação ambiental. Em relação ao desmatamento, pessoal, se arrancar uma árvore vai plantar quatro. Então não vai ter esse prejuízo, como estão falando, vaiar, você entendeu? Então eu respeito as pessoas que são contra, mas eu peço que respeite a minha posição de ser a favor. É isso aí. Você entendeu? Por isso eu acompanho Ecourbis Ambiental, governo atual, meu irmão, eu acompanho 25 comunidades em torno do empreendimento CTL. 25. Inclusive trouxe algumas aqui para ouvir e se manifestar, porque elas mesmo falam: "O nosso problema que eu moro a 1 km do aterro não é o aterro. Não é o aterro. É a falta de saneamento básico. É a falta da pavimentação. Porque se não tiver a pavimentação, o caminhão do lixo não passa para fazer a coleta. E às vezes tem que colocar as caçambas e aquelas caçamba começam a jogar tudo dentro e gera uma confusão. Então nós temos que começar uma política que não tem essas caçambas que volte a coleta porta a porta com todos. Agradecemos. Agradecemos.

**[1:32:14] José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Por favor, por favor. Por favor, gente, tem muita gente escrita. Se cada 3 minutos que a gente fizer uma parada, no final, isso pode dar 1 hora, 1 hora meia. por favor, vamos respeitar o tempo do andamento daqui da audiência pública. Eu vou passar a palavra agora pro senhor Marco Antônio da Lama, representando a Central Única dos Trabalhadores de São Paulo. Senhor Marco Antônio, tá aqui presente. Por favor. Boa noite, senhor. Tem a palavra. 5 minutos, por favor.

**[1:33:03] Marco Antônio da Lama, representante Central Única dos Trabalhadores de São Paulo**

Bom, boa tarde a todos e todas. Eh, tem algumas narrativas que vão mudando ao longo do tempo, né? Eh, a parte que tá sendo, que vai ser devastada aí, vão cortar 63.000 árvores, sendo mais da metade nativa da Mata Atlântica. Eh, essa área, ela já é uma área de compensação ambiental que lá na década de 90 foi feita por conta dos primeiros é das primeiras dos primeiros momentos do aterro sanitário aqui de São Mateus.

Note que nós não estamos sendo levianos, nós sabemos que o aterro sanitário. A gente sabe que é o aterro sanitário, que coleta chorume, que tá dentro dos padrões técnicos. Só que a grande questão é lá na década de 90 fizeram um uma compensação ambiental, construímos essa área de preservação ambiental e essa área de preservação ambiental agora vai ser devastada para o aumento do aterro sanitário. Eles estão fatiando, prestem atenção, pessoas aqui, vocês estão corretas vir aqui fazer a manifestação de vocês. Só que eles estão fatiando esse projeto em pequenas partes. Hoje eles estão falando só do aumento do aterro sanitário, só que tá para vir um incinerador aí também. Na década de 90 eles criaram essa área aí de preservação ambiental e hoje em dia essa área de preservação ambiental tá sendo vai ser derrubada para o pra continuidade desse aterro sanitário que era para acabar. Eles falaram para vocês que lá pelo ano 2000 e pouco ia acabar o aterro sanitário. Isso vai virar um parque. Não vai virar parque. Vai continuar. vai continuar o aterro sanitário por mais quanto tempo? Por que vocês têm que pagar esse preço? E a grande questão é, logo vai vir o incinerador. Hoje eles estão falando só, eles estão só esperando aumentar, abrir certinho, bonitinho ali, continuar a operação do aterro sanitário para depois entrar com outro processo, porque fatiando o processo é mais fácil de conseguir licença ambiental para vir com incinerador. Incinerador de lixo de incinerador de lixo é gera gás de efeito estufa e gera gás cancerígeno. É câncer, é furano, é dioxina, que são palavras fortes e tal, mas é até na Europa, no Japão que o pessoal tá fazendo incineração ali, a parte mais cara que tem do incinerador é o é o filtro da chaminé. E o filtro da chaminé, se você não troca, ele gera dioxina e furanos, que é gás cancerígeno. Isso vai aparecer para vocês, viu? Cuidado, cuidado. Eh, e essas coisas vão se fatiando. Hoje é o aumento do aterro sanitário que era para ser um parque para vocês. Era para ser um parque que vai continuar sendo um aterro sanitário, vai continuar passando o caminhão, vai continuar com cheiro ruim, né? E vocês não vão receber essa compensação ambiental. Daqui a pouco vai vir o incinerador. E aí? Hã? Ah, a solução boa, boa. Sua pergunta excelente. Por que que desmantelaram as cooperativas de catadores lá na época do Dória?

Porque São Paulo hoje em dia a gente recicla mais ou menos 3% do lixo. 2% são pegos por catadores em cooperativas e catadores livres. Menos de 1% é pego pela Ecourbis e pela Loga. Menos de 1%. Muito do lixo que a gente coloca lá bonitinho no dia que passa a coleta seletiva, vai pro aterro sanitário igual ao outro lixo. E a compostagem também a gente não faz

compostagem. 60% do lixo que a gente joga aí é material úmido, resto de comida, que a gente podia fazer pequenas centrais de compostagem nos bairros. Só que desmantelaram isso há muito tempo atrás, na época do Dória, porque as cooperativas tinham caminhão, né? tinha estrutura, a gente já reciclou muito mais lixo aqui, materiais recicláveis, né? Quando você recicla não é lixo, é material reciclável. Lixo é quando a gente enterra, quando a gente queima. Então a gente já fez isso, já fez, já foi melhor na compostagem, já foi melhor na reciclagem e hoje em dia não, não se fala mais nisso. E aí tão enterrando o lixo, né? Que na política nacional de resíduos sólidos é a última coisa que tem que se fazer enterrar. Dá para você reduzir, reutilizar, dá para fazer um monte de coisa. Só que não, não fizeram. agora fica nesse desespero falando que em 2027 vai acabar. E por que que São Mateus tem que pagar essa conta sozinha? Por que que a gente não aumenta, não dá não dá estrutura. Vamos dar estrutura pros catadores, vamos fazer compostagem na cidade inteira. São Mateus não merece pagar sozinho essa conta. Obrigado.

**[1:38:04] José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Eu vou passar a palavra agora pra senhora Andreia Monteiro Januário, representando o Instituto Nexus. Vamos, por favor, por favor. Estou pedindo um pouco mais de calma, silêncio. Vamos ouvir que a senhora Andreia, senhora Andréia tá com a palavra.

**[1:38:57] Andreia Monteiro Januário, representante Instituto Nexus**

Olá, boa noite. Tá me ouvindo? Olá, boa noite a todos. Meu nome é Andreia.

**[1:39:09] José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Por favor, por favor, volta para 5 minutos. Isso. Obrigado. Ó, vai cair, vou segurar. Eu acho que é melhor, né?

**[1:39:29] Andreia Monteiro Januário, representante Instituto Nexus**

Boa noite a todos. Meu nome é Andreia. Eu falo eh em nome do Instituto Nexus. Eh, eu não falo tão alto, então espero que o pessoal esteja ouvindo aí. Fala mais alto, mais alto, né? Eh, eu quero ser muito sincera com vocês. Eu acho que é uma discussão que ninguém queria tá tendo, né? Nós instituto, a gente entende que é uma situação muito ruim para todos, né? É uma coisa que eh a gente queria ter uma solução mágica para simplesmente acabar com o lixo de uma forma que não prejudicasse nem o meio ambiente, né, que a gente entende o quanto isso é nocivo para todos, né? O lixo é nocivo, né? Não exatamente o aterro, né? e sim o lixo. Então, eh, infelizmente nós chegamos no ponto que se faz necessário a o aumento do do aterro sanitário. E por entender essa necessidade, né, a gente eh é a favor da ampliação, né, desde que ela seja feito com responsabilidade, com segurança, com transparência, o aterro realmente já está no limite. Isso não é uma culpa da Ecourbis, é, não é uma culpa do governo local, não é, é uma culpa de todos nós, né? Todos nós geramos lixo todos os dias. Todos os dias. Então, nós do

instituto, nós fizemos como sempre fazemos, né? a gente vai atrás da informação. E aí nós fomos eh buscar essa informação, nós fomos no aterro, nós fomos recebidos pela Ecourbis, conversamos, perguntamos eh e observamos cada detalhe e vemos que a seriedade e a tecnologia e a responsabilidade no processo que está sendo planejado. Isso acalma um pouco o nosso coração, mas não muda o fato que é uma decisão difícil. Todo mundo sabe que é uma decisão difícil. É, é sempre optar por uma coisa que ninguém queria optar, né? Ninguém quer aterro, né? Mas infelizmente é a solução que a gente tem para hoje, né? Então assim, entendemos que negar essa necessidade não vai resolver o problema. Por isso, apoiamos a ampliação, desde que ocorra com os devidos cuidados e com compromisso real de compensação ambiental para o território. E se e se precisar ser feita, então vamos estar ali, vamos acompanhar, vamos cobrar, vamos fiscalizar, vamos garantir que cada etapa seja executada do jeito certo, com transparência, com respeito ao meio ambiente e à nossa comunidade. E ao mesmo tempo também queremos assumir a nossa parte da responsabilidade, que é o mais importante, né? A gente tem que sair aqui, todo mundo hoje assumindo essa responsabilidade. Eh, com a comunidade, com o instituto, com os moradores que amam esse território, precisamos investir em educação ambiental, em reciclagem, em consumo consciente. Precisamos ensinar nossas crianças, nossos jovens, nossas escolas. Precisamos transformar a forma como lidamos com o lixo, porque o aterro pode crescer, mas o mundo não cresce. A ampliação do aterro não é algo que escolhemos, mas é algo que precisamos enfrentar juntos. E o Instituto Nexus está aqui para isso, para representar a comunidade, para dialogar, para cobrar e, acima de tudo, para cuidar do nosso do nosso bairro. Nosso muito obrigado, Instituto Nexus.

**[1:43:04] José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Bom, eh, tem muitas pessoas inscritas, eu peço paciência de todos. Eu vou começar a chamar em blocos de três pessoas, por favor. Acho que é melhor, a gente consegue dar mais progresso aqui às falas, as apresentações. Eu vou convidar aqui a senhora Tatiana Ferreira Lopes, representando o Conseg São Mateus, não, perdão, a Associação Félix Morumbizinho. Eu vou convidar a senhora Sônia Aparecida da Cruz do Instituto Freire, me perdoe se eu pronunciei errado aqui o nome. E vou convidar a senhora Vilma de Mota Lopes, do Conselho Gestor de Saúde, por favor. Está com a palavra senhora Tatiana Ferreira Lopes. Tatiana, boa noite. Palavra é sua. 5 minutos. Foi alto.

**[1:44:32] Tatiana Ferreira Lopes, representante Associação Morumbizinho**

Obrigada. Meu boa tarde a todos. Sou Tatiana, tô aqui representando a comunidade ali, o bairro Morumbizinho, né? Hoje eu vim afirmar com vocês aqui o nosso compromisso, com ampliação, né? Eu acredito que é algo muito importante, porém falta muita consciência de nós mesmos, né? Então estou aqui apoiando esse trabalho. Eu creio que vai gerar emprego, vai gerar grandes

movimentos na cidade de São Mateus, né? Então muita das vezes a gente falamos de algo que nós não conhecemos, né? Então, a ampliação ela é muito importante para nós, como o Agnaldo acabou de falar aqui, para onde nós iremos levar o lixo. Então, muita das vezes a pessoa ela reclama sem saber do que está acontecendo, né? Então, o que acontece? Só um minuto, pessoal. Então, nós precisamos do quê? Nós precisamos nos conscientizar, né? E eu também estou aqui apoiando. Eu acredito que toda a comunidade Morumbizinho vai estar apoiando desde quando a gente também possa, né, ter a certeza que vai ser um trabalho que vai evoluir São Mateus, né? E nós precisamos dessa compensação para que essa compensação chegue, né, em São Mateus. Para quê? Para que alcance os bairros mais necessitados, né? Há muita coisa em vários bairros, né, que precisa ser feito, precisa ser ajustado e se essa compensação não chegar dentro de São Mateus, não tem como ela alcançar os bairros mais precisos, né? Então, a minha fala é essa para que todos venham se conscientizar com isso. E o meu apoio é esse, a ampliação. Sim. Obrigada. Boa tarde.

**[1:46:45] Sonia Aparecida da Cruz, representante Instituto Freire**

Por favor. Boa noite. Boa noite. Boa noite a todos. (Sonia Aparecida da Cruz – Instituto Freire) Eh, devido a tudo que eu já ouvi falar aqui, né, o vídeo que eu assisti ali, porque se eu falar para você que eu estava assim 100% eh assim com a minha mente aberta em relação a esse assunto, eu estaria mentindo. Só que hoje, devido à fala das pessoas que passaram por aqui, pelo vídeo que eu vi ali, eu sou totalmente a favor, né? Que esse projeto não fique só no papel, que nós possamos avançar. para ter um resultado positivo no final dessa audiência. Agradeço a presença de todos. Vendo isso, eu vejo a extrema importância desse assunto, né, que foi abordado hoje. Espero que hoje, né, nós possamos conseguir finalizar, que seja a última audiência, porque essa já é a sexta, né, se eu não estou errada. E é isso, gente. Eu sou totalmente a favor porque no meu instituto eu tenho 1400 famílias e nós sabemos que já foi falado aqui, todos nós produzimos lixos. a todo instante. E sabemos também da necessidade que tem para essas pessoas que vivem, né, que trabalham reciclando, né, o o fazendo trabalho de reciclagem. Nós sabemos também da importância, mas nós sabemos que nós precisamos assim estar unidos, como eu falei, vamos respeitar a fala de quem sobe aqui. Todo mundo tem direito de falar e expor a sua opinião. Muito obrigado, gente. Obrigado.

**[1:48:16] José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista** Obrigado, senhora Sônia. A senhora Vilma, por gentileza, a senhora está com a palavra.

**[1:48:28] Vilma de Mota Lopes, representante Conselho de Saúde**

Boa noite a todos. Por favor, gente, por favor. Boa noite a todos. Queria dizer uma queria antes de mais nada dizer que muitas pessoas que estão nessa plenária já nos reunimos para defender

saúde. É mentira. É mentira. Quantos de nós aqui, companheiras, que a gente foi lutar para melhorar o Hospital São Mateus, né? Eu represento aqui o Conselho de Saúde. Há 40 anos que eu participo, tá? A melhoria das condições de saúde na nossa região, muitos de nós esteve presente, mas por que que eu tô dizendo aqui isso, gente? Isso aqui não é mentira. A fumaça do incinerador causa câncer. Fiz uma pesquisa pela Faculdade de Saúde Pública o ano passado. A população estava dizendo que o mau cheiro era grande aqui em São Mateus. Os problemas dermatológicos existiam nas pessoas, moradores de São Mateus, problemas respiratórios já existe. Não é só petroquímica, é um aterro que já existe. Nós temos que pensar que aqui nós somos todos que tão aqui da classe trabalhadora. Não somos a Ecurbis, porque a Ecurbis tá aqui com um projeto que vai nos matar. Moro há 62 anos nessa cidade. 40 anos que a gente luta contra aterro, lixão nesses bairros. Agora é muito triste na eu ver uma população que também vive como eu na pobreza, tá? defender a Ecurbis, a Ecurbis aqui que vai prejudicar a nossa saúde. Vai prejudicar a nossa saúde, por favor, gente, por favor. Essa certeza vocês tenham. Fui também profissional da saúde, gente. Tá? Galera, vocês sabem que esse bairro tem uma auto população com alta vulnerabilidade. Quantos minutos? 2 minutos. Ah, então gente, pense bem quando vamos defender um incinerador, a derrubada de 63.000 árvores, uma ampliação do aterro sanitário. Não é para dar risada, não. A gente tem que chorar por isso aqui em São Mateus. Risada, gente. A gente dá quando constrói um posto de saúde nessa região. A gente tem que sorrir quando se constrói uma escola na nossa região, não um aterro sanitário. Isso vai matar cada um de nós. Temos sim, uma petroquímica de um lado e um aterro e um incinerador que vai ser construído do outro. O incinerador não deve ser defendido em em nenhum lugar desse país. Pertencemos a um planeta só. Che e não, eu não importo ser vaiada, gente. Sabe por quê? Porque o que eu falo eu acredito, tá? É isso, gente. Eu não tenho mais nada para falar, mas o incinerador vai fumaça. Mata, mata. Tá. Pode. É isso mesmo. O aterro causa doença. Chega de lixo na nossa cidade. Temos que procurar políticas públicas para o tratamento do lixo. Eu acho que é isso.

**[1:53:51] José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Terminou, senhora, senhora Vilma. Obrigado. Obrigado. Por favor, por favor. Assim não é possível, gente. Assim não é possível. Eu vou ela esqueceu o celular aqui. Por favor, senhora. Esqueceu o celular. Eh, eu vou convidar agora a senhora Norma Megume Arata da Sociedade Ambientalista Leste, senhora Eurice Rita da Silva, da Associação de Moradores do Alto Paulistano e o Senhor Fábio Macedo Godói, da associação Terra Nascente depois fala, deixa a pessoa falar.

**[1:54:52] Norma Megume Arata, representante da Sociedade Ambientalista Leste**

Boa noite a todos que estão presentes, que vieram aqui. Boa noite à mesa, aos técnicos, a todos. Eu sou Norma da

**[1:54:58] José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Por favor, tem muito ruído aí, tá atrapalhando a fala dela. Por favor.

**[1:55:09] Norma Megume Arata, representante da Sociedade Ambientalista Leste**

Eu sou Norma da Sociedade Ambientalista Leste. Moro há 50, mais de 50 anos, quase 60 anos, ali onde era a usina de compostagem São Mateus. E a gente conviveu com aquele cheiro durante muitos anos, né? Nós defendemos ali a o fechamento daquele aterro, lutamos pela preservação dessa área verde da APA do Carmo aqui no Aricanduva, né? durante 30 anos aí da mais uns 40 anos, né? Eu e a gente vem plantando árvores. Então, eh respeito todo mundo aqui, ó, todo mundo aqui que de alguma forma tem construído a zona leste, tá? É uma situação extremamente difícil, né? A gente sabe que é uma solução técnica difícil, mas eu quero criticar eh o Eia Rima, que o Eia Rima que vocês leram, todo mundo tá falando aí, mas vocês leram o Eia Rima, ele não está falando da coleta seletiva em São Paulo. Ele está falando que só vai gerar 100 empregos. Está escrito aqui que vai gerar só 100 empregos. Então, por que que não usa ali antiga usina de compostagem São Mateus, que está abandonado há 7 anos? Aí vem falar que eh o aterro está findando, mas está 7 anos abandonado. Todo mundo sabe disso, né? que tá ali, ó, um monte de eh caçamba acumulando dengue. Por que que a prefeitura não desativou a central de coleta seletiva aqui da região? Isso eu quero que conste num relatório que volte a ativar a coleta seletiva ali na usina de composta de São Mateus que o zoneamento permite, não precisa fazer mudança da legislação, não precisa derrubar a árvore e eh fica na avenida, não precisa abrir avenida, fica numa avenida de grande circulação, então que lá seja reativado. E vai falar que não tem dinheiro. Vai falar que não tem dinheiro. Então para dinheiro para para derrubar tem e não tem dinheiro para desativar. Gente, vamos pressionar o governo. Vamos pressionar o governo. Não precisa. É, faz a coisa certa o governo. Outra coisa, outra coisa, coleta seletiva na Avenida Paulista aparece todo dia ali no boletim, aparece no noticiário. Ai, que bonito, né? Agora, coleta seletiva na COHAB não tem aqui. Cadê a coleta seletiva na COHAB? É muito fácil implantar a coleta seletiva nas COHABs. Aqui na leste tá cheio de COHABs. Por que que não se implanta? Eu quero que seja escrito aí como e aqui, ó, não entrou no rima coleta seletiva nas Cohabs. Isso vai diminuir o impacto no aterro sanitário. É um aterro sanitário. Eu concordo, né, que que esse é é uma solução correta. Não, lixão é o aterro sanitário, mas precisamos melhorar esse índice da coleta seletiva, porque fala que é o modelo japonês. O modelo japonês é 90%, 97, 98% de coleta seletiva. Esse não é o modelo japonês, não. Isso daí é uma parte só do modelo industrial, de uma indústria, de um tipo de indústria que tem lá de grande porte. Não, isso não é o o Japão não derruba árvores. Isso não é é 75% de áreas verdes e nascentes. Eles não derrubou as nascentes. O Brasil está fazendo uma cópia errada do modelo eh obsoleto de uma parte de um modelo industrial que existe ali em outros países. Não vê a complexidade do como

um todo. Então gostaria, tá? Coleta seletiva ali nas COHABs, tá? que são milhões de pessoas, que isso vai gerar muito mais emprego do que 100 empregos que tão aqui. E outra coisa, eh, compensação ambiental para São Mateus, não é lá para zona sul, não é para outro município, é para São Mateus.

**[1:59:55] José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Obrigado, obrigado, senhora Norma. Por favor, convido a senhora Eurice Rita da Silva da Associação de Moradores do Alto Paulistano. Boa noite, Sonhora Eurice. Só tem 5 minutos, por favor. Boa noite.

**[2:00:17] Eurice Rita da Silva, representante do Jardim Alto Paulistano**

Boa noite. Boa noite. Eh, eu sou Eurice, eu sou além de moradora do entorno do aterro sanitário. Eu sou represento a população do Jardim Alto Paulistano. Eh, eu não gostaria, como os colegas aqui já falaram, eu não gostaria de ter um lixão no perto da minha casa. Mas nós estamos numa mega cidade. Nem tudo que a gente gosta, eh, a gente consegue alcançar, mas a gente às vezes precisamos viver com aquilo que a gente não gosta também. E nesse caso aqui hoje é o lixão, o aterro sanitário de uma forma pejorativa chamado de lixão. Eh, eu gostaria de fazer uma pergunta para a mesa. Existe uma legislação que, primeiro, antes de eu dar a minha afirmação, existe uma legislação que afirma que a verba que é exposta, que é colocada para recomposição do ambiente no local desses desses projetos, eh, ela precisa ser afirmada que essa lei é uma lei. Pera aí, deixa eu refazer a pergunta. Tem uma lei que embasa que toda essa verba vão ser aplicada no local, no entorno desse aterro ou não temos lei que aprova isso? Ela é uma forma alinhatória que aplica em qualquer lugar. Porque de uma coisa eu tenho certeza, eu concordo com a com o o a expansão do aterro, mas eu gostaria de saber de uma coisa. Essa verba vai ser investida para nós que estamos eh no entorno desse aterro ou ela vai ir Para os jardins, ela vai pro Morumbi, ela vai ir para Perdizes. Isso. Nós precisamos ter uma lei e essa lei precisa ser eh municipal que garanta que essa verba seja aqui. Eu concordo com a expansão do aterro, mas nós precisamos ter essa garantia, gente, porque é muito fácil a gente fazer. E uma coisa, caros colega, se esse aterro não acontecer aqui, o que eu não quero na minha porta, eu não posso querer na porta do meu irmão que luta também, porque se ele não expandir aqui, ele vai ser construído em outro lugar. Vocês podem ter certeza disso, que como os colega e a colega já disse aqui, nós produzimos muito lixo. Eu coloco no meio, mas eu não estou nesse meio porque eu coloco lixo na minha casa, na rua, uma vez a cada 15 dias, porque eu reciclo e entrego pras pessoas que pega aleatoriamente, porque a Ecourbis não retira na minha casa, ela não retira. Nós fazemos a a coleta, mas não vão ser retirado a seleção do do do material e o restante é orgânico e eu mesma faço compostagem porque eu tenho uma pequena horta e uso no meu jardim. Então nós também precisamos nos conscientizar. Conscientizar não, como disse o

professor Sérgio Cortella, ninguém conscientiza ninguém. A gente sensibilizar que a responsabilidade deste aterro é nossa também. Nós precisamos diminuir aquilo que nós compramos sem ter necessidade do nosso consumismo, das coisas que nós não utilizamos. Vai pro lixo. Não quero nem saber. Eu quebrei uma coisa, eu não vou reciclar. Eu jogo no lixo, eu não vou consertar. Nós precisamos dessa sensibilidade. O mundo está gritando. O mundo está gritando. Não é São Paulo. E nós precisamos ter essa sensibilidade. Então o que eu preciso que vocês traga para nós, por favor, uma lei que embasa aqui essa verba, porque não é pouca verba que vai ser eh disponibilidade, disponibilizada para a reposição desses danos ambiental. é muita grana e ela precisa ser investida no nosso entorno, em torno do aterro, porque aonde está sendo mais prejudicado e não lá nos jardins, no Morumbi, em Perdizes, aonde as pessoas já têm o suficiente, mais do que o suficiente. E a minha fala é: concordo, mas eu preciso que vocês, eu não, a população, todos nós precisamos que tenha uma lei que embase que essa verba seja investida no entorno do aterro. E principalmente para mim encerrar, não sei quanto tempo eu ainda tenho - 13 segundos. Então não dá para falar mais nada, gente, porque eu não vou adiantar. A Sabesp precisa trabalhar com esgoto a céu aberto para todo mundo. Muito obrigado.

**[2:05:11] José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Obrigado, senhor Fábio, por gentileza. Associação Terra Nascente. Boa noite.

**[2:05:20] Fábio, representante Associação Terra Nascente**

Boa noite a todos presente. Boa noite à mesa, ao presidente. Boa noite a as autoridades presentes. Dr. Hamilton, parceiro nosso, que me deu a oportunidade de estar aqui. Eh, eu sou Fábio, representante da Associação Terra Nascente. Eu quero dizer que eu estou a favor do projeto, né? Eu acredito que é uma oportunidade das coisas mudarem, né? Principalmente se todos acompanharem a questão. Eu já fui lá no local na Ecourbis. Eu vi que a estrutura do lugar tem bastante eh organização. O pessoal muito técnico trabalha no local. Eu acredito que quem ainda tem dúvida se fizesse uma visita lá para ver como funciona a estrutura, as pessoas, eles recebem muito bem, todos nós tiram nossas dúvidas e acredito que tem tudo para dar certo, né? Eh, eh, eh, a gente deve aproveitar que é uma oportunidade da gente melhorar as coisas, né? melhorar a infraestrutura do bairro, melhorar o o a urbanização, a questão do planejamento, do as questão da da das áreas que devem ficar eh disponível para população em torno. Eh, e quero agradecer e finalizar minha palavra aqui. Beleza? Obrigado.

**[2:07:00] José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Agora é 11 12 13. Senhor Walter Araújo Melo, Fórum da Moradia. Senhor Jerônimo Barreto, Associação Nossa Senhora Aparecida e Senhor Marcos Paulo Gomes do Conseg São Mateus. Senhor Walter Araújo Melo.

**[2:08:10] Senhor Walter Araújo Melo, representante Fórum da Moradia**

Boa noite. Boa noite mesa. Por favor, gente, silêncio. Boa noite mesa. Boa noite público. Pessoal, eu estou aqui representando o Vila Bela e eu ouvindo os companheiro aqui falar, eu juro que eu não queria essa decisão que eu tomei, mas eu sou obrigado a tomar essa decisão. Eu gero lixo na minha casa. O setor ambiental é muito polêmico, difícil de discutir, mas o que nós tem que pôr na cabeça é o seguinte: cada um de vocês gera lixo em casa e vai querer ficar na sua porta apodrecendo. Então é difícil você dizer não numa posição dessa. É crítico aqui, é crítico na roça. Hoje existe uma grande discussão a respeito de plantar, colher, mas como deixar de plantar e colher se nós todo dia se alimenta? E de onde vem esse alimento? Vem da roça. Então nós precisa a se se conscientizar e passar a ser parte do processo de discussão para mudar as coisas. Enquanto nós não não não tiver a consciência ambiental na nossa mente, nós não vamos mudar. Para nós mudar, nós precisa achar solução e você precisa ser base dessa solução. Então eu sou a favor, sim, eu moro num num bairro que tem quatro rua asfaltada. Eu moro lá 30 anos. Tem uma linha de ônibus, não tem um posto médico, não tem um CEP. Os CEP a gente usa das ruas lateral e a gente tá lá lutando. Graças a Deus conseguimos negociar a terra que é do Vila Bela, conseguimos negociar a terra. Então eu vim aqui para dizer que tomei um sim para Ecourbis. Gostaria que ela fosse muito responsável por nós, porque São Mateus recebe muito lixo e é muito carente. E por São Mateus, pela minha comunidade é assim. Obrigado. Boa noite. Desculpa.

**[2:10:50] José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Senhor Jerônimo Barreto. Palavra é sua.

**[2:11:00] Jerônimo Barreto, representante da Associação Nossa Senhora Aparecida**

Que maravilha estar mais numa audiência pública em São Mateus. É fantástico por nós luta por bem-estar das nossas comunidade. Eu, Jerônimo Barreto, representando a Associação de Moradores Nossa Senhora Aparecida, quero aqui agradecer a vocês da empresa Ecourbis e fazendo aquele programa fantástico que vocês estão fazendo nas nossas comunidades. Eu, quando era criança, eu não tinha nenhum algodão doce para comer, não tinha uma pipoca. E vocês levaram pra comunidade alegria para aquelas crianças. Então nós nós precisamos sim de programas sociais nas nossas comunidades. Pode falar quem quiser, meu ouvido aqui não tem problema. Então nós precisamos sim de que nós tenha nas nossas comunidades as compensações ambientais, uma reciclagem para esse povão que precisa do trabalho. Aquele, aquela mecânica lá de Santo Amaro e eu esqueci agora. Eu esqueci. Central. Ah, central. Nós ECOURBIS, prefeitura, nós precisamos mesa de uma central de reciclagem que foi discutida aqui nas outras audiências públicas. E São Mateus tem muita audiência, não é só do empreendimento do aterro. Nós tem a petroquímica que não traz um centavo para nós de compensações. Nós

temos fizeram a Jacu Pessego aí. Cadê as compensações para as comunidade carentes? Porque meus amigos e minhas amigas, eu vim numa cidade chamada Solânea na Paraíba. Nós não tinha aterros, nós não tinha coletas de lixo, nós não tinha eh naquela época a gente sofria muito porque não tinha caminhão adequado. E hoje a minha cidade tem caminhões que a Ecourbis tem aqui na cidade. Coleta seletiva nós tem na nossa cidade. Então eu acho que nós somos a favor, outros contra. Levante a mão pro céu, porque eu não quero rato na minha porta, não. Eu não quero. Eu não quero, porque a gente sofre muito com lixo descartável aí e os moradores rasgam tudo. E nós temos hoje em São Paulo três dias de coleta na nossa comunidade, segunda, quarta e sexta. Nós não podemos reclamar de uma empresa que eu já conheço e tá estamos aí sem, como é que se diz? É porque às vezes foge, né? Muita coisa e a gente não pode ficar de fora dessas coletas de lixo nas nossas portas. Então, Jerônimo Barreto, toda a comunidade, mais uma vez, alô, senhor prefeito, obrigado pelo bairro legal. O melhor subprefeito que São Mateus já teve, chegou para ajudar as comunidades. A gente aqui tem que aproveitar a demanda, né? tem que explicar tudo. Então eu, Jerônimo, estou a favor sim de mais uma vez o aterro sanitário para a nossa comunidade. Obrigado pela presença de todos vocês, pela a minha fala aí e vamos junto trabalhar e as compensações pra região de São Mateus, Iguatemi, São Rafael. Tchau pessoal, fica com Deus. Um abraço Jerônimo Barreto.

**[2:15:13] José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Favor, senhor Marcos Paulo Gomes do Conseg São Mateus.

**[2:15:22] Marcos Paulo Gomes, representnante CONSEG São Mateus**

Sou Marcos, boa noite. Boa noite. Boa noite a todos. Boa noite à mesa. Obrigado. Eh, boa noite a todos mais uma vez. Sou o Marcos, mais conhecido como Frica na região, tenho 40 anos, 35 anos de Jardim Santo André. Eh, eu cada palavra que eu falar para vocês aqui, eu falo com propriedade. Agradeço ver antigas lideranças que que de verdade são lideranças, tais como Francisco, nosso sempre Chico, Guigui, Hamilton, várias lideranças aí que eu esqueci o nome de alguém aí, eu peço desculpa. Silva, seu Silva, grandes lideranças, tá? Marcelo Dória, vendo a nossa amiga jornalista Luci Mendonça também, parceirona. Tá, Aurilene lá no quilômetro 28. Lutamos naquele barro bastante juntos, né, minha amiga? Então, esqueci o nome, me perdoa. Deise, sempre lutando pelos idosos aí. Tá bom, pessoal. Eh, primeiro lugar, essa audiência pública já começou errada. Quem tem que brigar por São Mateus? Quem é de São Mateus já começa por aí, né? Quem bebe dessa água, quem urina desse mijo, né? E quem pisa nessa lama? Para quem não conhece a Ecourbis, lá atrás, eu vou falar ainda de Aterro São João. A a Aurilene tá ali, ela vai, ela do ali ela já vai saber que eu não estou mentindo para vocês. Km 28. Francisco Guigui, Dr. Hamilton, que ajudou muito a gente lá, era Barro e os caminhão da naquele tempo ainda era barro São João, entrava naquele barro pelo Jardim Santo André para cruzar pra terceira

divisão. Quem lembra disso, gente? Os caminhão ficava atolado, chorumi cantando na rua. Tô mentindo. Verdade. Ah, então viu, o Eco chato, então entenda isso daí que eu tô falando. Então vamos lá, que continue nós. Então vamos falar nós que mora na região. Quem lembra disso que os caminhão atolava lá? Quem lembra disso? Então, depois que Ecourbis entrou, primeira coisa aconteceu, governo era o prefeito, era o Kassab, arrumou o Km 28, quem lembra o asfalto? Sapopemba todinha. Quando a Ecourbis assumiu os caminhão de os caminhão de de chorume, que é os os mais grande já não entrava pelo Km 28, eles fizeram dar volta pela Bento Guelfi. Então, já melhorou pra comunidade, entendeu? E a Ecourbis sempre foi ainda do tempo do presidente Nelson Maisa, que ainda continua Zulmara Salvador que ia dentro das comunidades que a Maysa e outros de toda a equipe aí. E se alguém falar que é mentira de alguma associação que a equipe desse povo não vai, vai, porque nós não consegue monitorar eles, entendeu? Então eles vão dentro das comunidades, tá bom? Porque hoje eu represento uma entidade se chama Conseg São Mateus, tá? que é do governo do estado de São Paulo. Tá bom? Então vamos lá. Então já começa por aí a empresa. Sempre foram de portas abertas. Eu fui na inauguração, como vários lideranças aqui da antiga, na inauguração dos flyer. Lembra, Milton? Lembra, Guigui? Lembra, doutor? Lembra um monte de gente aqui. Outra coisa, incinerador é mauá. Vocês estão vocês estão na audiência pública errada. É mauá. É um bairro vizinho atrás lá da Ecourbis. Tá bom? Então vamos lá. É, aqui a gente não trabalha com incinerador, né? Uma que incinerador faz mal, todo mundo sabe disso. Eu acho que todo mundo sabe disso, né? Então eu tenho certeza que esse monte de liderança aqui, advogados, tem uns quatro, cinco que tá aqui, não ia tá batendo palma para Ecourbis se os caras tá fazendo coisa errada, entendeu? Já começa por aí, tá bom? O que eu posso falar para vocês da Ecourbis? Esses caras são transparente. Eu prometi que eu não ia falar palavrão, mas eu vou para #\$\$ Os caras são muito transparente. A empresa é de porta aberta, tem visitas monitorada, é só marcar uma agenda que lá também não é casa dos outros para ir toda hora, né? Não é casa da sogra que a gente vai de domingo almoçar, jantar, a toda, entendeu? Então, pessoal, quando a gente, quando vocês vê esse monte de líderes e esse monte de gente, um monte de munícipes aqui batendo palma, é porque eles estão correndo pelo certo, tá bom? Então, não tem o que fazer. Eu não quero lixo babando na porta da minha casa, né? Ô, Luciano, desculpa. Tudo bem? Entendeu? Então eu vou eh eu vou usar eu vou usar uma frase do nosso que hoje a gente tem um um super subprefeito, hein, meu. 8 meses, O cara&\$\* tá cara tá igual o Messi, tá voando. Então eu vou falar para ele fala bagunça aqui não. E nós lixo aqui. Obrigado.

**[2:20:26] José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Obrigado. Vou convidar agora senhora Dulce Alves de Andrade da cooperativa Chico Mendes. Senhor Luciano Santos Luciano Santos da Associação Pinheirinho, Senhor Francisco da Silva

Bezerra da Associação Unidos São Jorge Parque das Flores. por favor.Ou é melhor? Deixa assim, deixa assim. Tá bom. Tá bom.

**[2:21:08] Dulce Alves de Andrade, representante da Cooperativa Chico Mendes**

Boa tarde a todos. Boa tarde. Eu estou feliz de estar aqui hoje por uma causa muito importante e também representada por tanta autoridade, né? Aqui tem a CETESB, aqui tem o Conselho Estadual de São Paulo, tem todo o pessoal que cuida do meio ambiente. Então eu fico assim muito sensibilizada quando alguém fala: "Eu me preocupo com o meio ambiente". Falei: "Opa, que beleza! Eu sou Dulce, estou presidente da cooperativa Chico Mendes, que nós trabalhamos desde o ano de 1999. Então, a gente conversava junto com os parlamentares, todo mundo falava a mesma linguagem de preocupar com o meio ambiente. E eu meti a cara e estou lá até hoje sofrendo porque nós temos hoje 32 pessoas trabalhando lá e desde o início a gente só recebe o valor que a gente tira do resíduo e comercializa. Então, todas as cooperativas de São Paulo está sofrendo com essa questão e por isso tem dificuldade de arrumar mais pessoas para trabalhar. A gente fala assim: "Nossa, essa cooperativa tá produzindo muito pouco, é verdade, mas vai perguntar quem é que quer trabalhar lá para ganhar só isso, só o que retira do do lixo ou resíduo, né? Então, é muito difícil. Eu vim aqui com a intenção de dizer para que todas essas autoridades me entendam que as cooperativas de São Paulo não pode trabalhar e receber só o lixo que eles retiram dali. Porque na verdade uma cooperativa é uma empresa, ela tem um monte de imposto, ela tem um monte de responsabilidade. As cooperativas habilitadas aqui tem o pessoal aqui do SP Coopera, eu gostei de ver você aí. E aí a gente sabe que exige todas as normas para ser uma empresa, tudo certinho, senão não tem, não pode dar notas e tem cadim, né? Se não fizer direito, vem o cadim. Então, gente, e por isso não existe lugar que tem um grupo que trabalha de graça. Quem é que está sendo beneficiado? o município, mas nós fazemos porque acreditamos na causa. Eu fico às vezes olhando alguém que fica falando de meio ambiente, que tem que ser assim, que tem que ser assado, mas não separa nem o seu resíduo reciclável para ir pro lugar certo, que é nas cooperativas, tá gente? Eu conheço muitas cooperativas de pessoas que trabalharam tanto e chegou e morreu na praia. Fechou? Fechou porque não tinha condição de continuar trabalhando e vivendo só com eles o que eles produzia no dia a dia. É muito difícil. A Chico Mendes sobrevive porque tem uma sociedade civil que sempre me considerou e fala assim: "Vamos ajudar de um jeito, vamos ajudar de outro para nós construir aquilo que estamos construindo". Tá? Ela tá grande, tá? Mas as dificuldades são maiores ainda, mas a gente não pode desistir. A gente tá lá firme e forte. E com tudo isso eu quero dizer que a Ecourbis é parceira, a gente sempre trabalhou junto e por isso que eu defendo a ampliação do aterro sanitário, porque não tem outro jeito, precisa ampliar para dar o destino certo para todos os resíduos que muita gente que confessou aqui não separar o seu resíduo do lixo. E por conta disso também é culpado do aterro ser sempre preciso ampliar de novo. Porque se nós lá no ano 2000 começasse

fazer a separação do que é reciclável e do que é lixo, o aterro tava no segundo ampliação por aí. Mas não, olha quanto quantas ampliações já houve. E se a gente não aprender cuidar do nosso lixo, eu quero dizer, ninguém está isento dentro de casa, dentro do seu trabalho.

**[2:26:07] José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Todos nós temos obrigado, senhora. Terminou. Terminou. Obrigado. Obrigado. Por favor. É. Vai, Luciano. Vai, Luciano. Chama Luciano.

**[2:26:42] Luciano Santos, representante Associação Pinheirinho**

Boa noite a todos. Boa noite à mesa, todos presentes. Boa noite. Quero me solidarizar com todas as lideranças que estão aqui presentes, aquelas favoráveis, aquelas contrárias, que estão todos aqui brigando por São Mateus. É muito importante ver esse auditório cheio assim, né? Faço parte também do do CPM de São Mateus e a gente sente falta da população estar presente nas demandas para estar brigando pela nossa região, tá? Eh, acabei anotando algumas coisas aqui porque na hora a gente fica um pouco nervoso, acaba esquecendo algumas coisas, né? Então, sou Luciano, sou presidente da Associação de Moradores do Pinheirinho, né? Nós moramos aqui a 800, 1 km aí do aterro, né, da do CTL e e venho aqui para eh declarar o apoio da nossa comunidade a ampliação da fase 6 do CTL, né? Entendo e na minha opinião que a cidade de São Paulo precisa de equipamentos modernos para gerir seu lixo e o CTL é uma é uma peça essencial desse sistema. Nesses anos que já existe instalado, tem se mostrado seguro, fiscalizado e, no meu ver, bem gerido, né? Segundo as normas ambientais, não estamos falando eh de algo abandonado, sem cuidado. Estamos falando de algo que já funciona e há anos com bom desempenho e seriedade e por isso sou favorável. E em nossa comunidade não há relatos de qualquer dano causado pelo CTL. Pelo contrário, elas sempre foram parceiros na coleta de resíduo, mesmo quando ainda nossas ruas não eram asfaltadas, que esse é um grande problema da nossa região, né? Devido as comunidades expandiram de forma aí desorganizada pela necessidade de habitação, as ruas elas não são asfaltadas. E muitas vezes a gente vê aí na no decorrer da própria Bento Guelf aqui várias caçambas de lixo em frente a posto de saúde, em frente à escola, em frente à padaria, mercado, o lixo jogado, que é responsabilidade nossa também. Então as pessoas têm que colocar na cabeça que a geração de lixo é responsabilidade de cada um. Então, nós temos eh motivos para não acreditar eh que o bom trabalho não será continuado e, por isso somos favoráveis, mas defendemos com firmeza que esse empreendimento gere melhorias também para quem vive ao entorno, tais como beneficiamentos nas tarifas de energia devido ao grande potencial de geração de energia do CTL. uma conversa que nós tivemos numa das visitas, eh, gera energia que tá para abastecer São Mateus inteiro e as famílias do entorno não são beneficiadas com essa geração de energia. Isso é inadmissível, tá? Eh, parceria com as associações para educação ambiental e oficinas que se e que possibilitem cursos para ocupar a demanda de emprego também gerada pelo CTL. Tem

muitas famílias que trabalham aí, mas poderia ter muito mais. Os nossos jovens estão ociosos aí, né, sem possibilidade de emprego, por falta de capacitação também. E as associações estão aí de portas abertas, várias associações aqui que ajudam o governo a tirar essas crianças da rua, mas nós precisamos também desse incentivo para que a gente possa ajudar a educar também, para que elas possam fazer a sua coleta, para que ela incentive o pai. Muitas vezes é a criança que educa o adulto, porque às vezes o adulto não se compromete com a correria do dia a dia, mas muitas vezes a criança ajuda o pai a fazer essa questão da reciclagem, né? e também o incentivo às diversos cooperativas apresentando e falando logo depois da da dona Dulce, o incentivo essas cooperativas eh que se dispuserem a fazer o trabalho de reciclagem, como ela bem disse, você elas ficam eh resumidas aquilo que elas trabalham. Então, deveria ter o mesmo incentivo que tem para outras coisas, ter um incentivo para as cooperativas para que elas não dependessem somente da da coleta, mas que elas pudessem trabalhar de uma forma mais tranquila, mais eficiente e atrair mais pessoas que, como ela disse, ninguém quer trabalhar fazendo reciclagem para ganhar tão pouco, né? E principalmente uma das compensa eh e que todas as compensações disponíveis fiquem realmente na região de São Mateus, que é quem sofre com a questão do aterro, tá? E uma para aquelas pessoas que às vezes criticam, entrando nessa questão do corte de árvores, eu gostaria que levantasse a mão aqui quem tem pelo menos uma árvore plantada na frente de casa, né, muito obrigado. por favor.

**[2:31:53] José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Eu vou convidar agora o senhor Luís Antônio Pereira Magalhães da associação perdão, ainda faltava o senhor Francisco. Depois eu chamo o outro pessoal. Desculpa, seu Francisco, por favor. Se toca, pode ser.

**[2:32:12] Francisco da Silva Bezerra**

Bom, boa noite. Boa noite a todos, né? todos aqui, todos os meus amigos aqui, parceiro de de associações que a gente tem de todas as partes e às vezes tem alguns que têm medo de se colocar e dizer da onde veio, né? Muito respeitosamente a todos aqueles que defendem qualquer bandeira que seja, de esquerda, de direita, de centro. Eu sempre me colocando como aquele de esquerda como sou, né? Sou, meu nome é Francisco, sou conhecido Chico do Parque das Flores ali da Associação Unidos São Jorge. E quando a gente coloca a cara para bater, para fazer as defesas necessária, a gente faz com responsabilidade a qual as comunidades, todos nós representamos. Todos aqui se conhece, muitas vezes fica bravo um com o outro. porque defendo isso e aquilo, mas não tem coisa melhor do que cada um respeitar a posição do outro, entender e procurar ajudar as comunidades da forma que é necessário, independente de que lado que esteja. Eu conheço aqui gente de todo lugar, meus amigos de direita, de esquerda, de todo lugar. E a gente vai continuar assim, porque a luta ela continua e a amizade de cada um, ela tem que

prevalecer. Isso é tão importante para todos nós em relação a fazer um trabalho social como todos nós fazemos, requer coragem, tempo, disponibilidade para poder levar a cada um. E isso não é coisa fácil falar aqui da Ecourbis, né, do empreendimento lá desde o São João até hoje o CTL ampliação, né, muito se fala, mas eu comecei me apresentar a Ecourbis na minha amiga Regiane, que era fiscal ainda, que visitava o Parque das Flores. E aí fomos construindo uma relação de trabalho para que o bairro tivesse aquilo que era necessário ter. E para isso a gente foi construindo e não dizendo: "Olha, nós somos contra isso aquilo, mas nós somos a favor daquilo que funciona e funciona a coleta de lixo nas de lixo na cidade de São Paulo com essa empresa Ecourbis funciona. Então não vamos dizer que a gente é contra a ampliação. A gente é a favor ampliação, desde que seja com responsabilidade e se discuta pra região aquilo que é necessário, que são as compensações ambientais que é necessário discutir. Muitas pessoas não conseguem colocar em pauta o que precisa discutir, mas nós as próprias lideranças precisa entregar essas demandas e que elas possam entrar no projeto, que elas possa, que consiga ser feito e a e a população possa ser atendido, porque gera emprego pra população local, gera demandas, como o subprefeito pode fazer na região de São Mateus, várias demandas para para São Mateus, que é importante se fazer. Porque o recurso de São Mateus, ele ainda é muito pequeno. O recurso da de São Mateus precisa ser aumentado para que São Mateus possa ter aquilo que São Mateus merece. E essas compensações, é necessário ficar em São Mateus, é necessário discutir para São Mateus todas as compensações necessárias e atender as comunidades. Nós estamos ali uma coisa que é de muita importância, o Morro do Cruzeiro. O Morro do Cruzeiro tá ali do lado do Parque das Flores, do lado do Jardim Santo André, do lado do km 28. E não se pode dizer que apenas aquela compensação que tá lá hoje, que é do da entrada do Morro do Cruzeiro, é suficiente para nós, não é? Nós queremos a compensação pro Morro do Cruzeiro por inteiro. Nós queremos a compensação do Morro do Cruzeiro por inteiro. Por quê? Porque é uma compensação, é uma compensação ambiental importante. E já que tá sendo retirado várias árvores, por que não se plantar muitas outras árvores no Morro do Cruzeiro e poder fazer uma compensação pro Morro do Cruzeiro da forma que tem que ser. Então é isso que nós defendemos, que seja feito com responsabilidade e a gente aí com Ecourbis, nós vamos continuar batendo na porta de você e dizendo: "Olha, nós vamos tá aqui, a comunidade precisa e nós estamos aqui para cobrar resposta que seja no atendimento domiciliar as casas onde não entra o caminhão, como foi no Mourizinho que não entrava caminhão e precisou ter um trabalho sério para poder hoje estar entrando e poder a comunidade ser atendida.

**[2:37:09] José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Obrigado, senhor Francisco. Eu vou convidar agora para fazer uso da palavra Senhor. Luís Antônio Pereira Magalhães da Associação Beneficente Iara Premiano. Merliane da Silva Miranda do

Instituto Movimento Positivo. Ah, Débora Aparecida Esteves Teodoro, da Associação Renovo e Fátima Magalhães de Oliveira da SOS Morro do Cruzeiro.

**[2:38:13] Luís Antônio Pereira Magalhães, representante da Associação Beneficente Iara Premiano**

Boa noite. Boa noite. Boa noite a todos. Eh, a gente ouviu muito aqui se falar de derrubada de árvores, né? Por favor, desculpa, por favor. Só que assim, gente, vocês olham só para um setor onde a Ecourbis está funcionando, é lá que tá, vão ter que fazer a derrubada de árvores, né? Eu moro próximo a Ragueb Chofi, tem um terreno urbanizado, cheio de árvores, pronta para cair em cima de um veículo passando lá embaixo. Eu não vi um ambientalista passar lá vendo isso. Falar de ambientação, falar disso é fácil. Eu quero ver vocês irem andar em São Paulo e ver o que tá acontecendo que essas árvores estão caindo. A hora que cair em cima do ônibus eu vou procurar vocês. Pode deixar. Mas eu não vim falar sobre isso não. Eh, eu represento a Associação Beneficente Jardim Premiano. Eu sou a favor, sou a favor sim do CLT. Gente, quantas comunidades precisa do trabalho da Ecourbis e não consegue ter esse trabalho? Por quê? Ruas sem asfalto, é lixo jogado em tudo quanto é canto. Hoje eu já tive uma um exemplo disso. A quantidade de lixo que correu com a enxurrada lá já me mandaram fotos para mim. A Ecourbis é que faz todo esse trabalho pra gente. Hoje eles sofreram lá. Eu gostaria de saber de vocês quem é que recolhe o lixo da casa de vocês todos. Se não fores, quem pode ser? São Paulo, tá? Ou senão você guarda, senão você guarda dentro dessa casa. Gente, eu preciso, eu quero, só gostaria de saber de uma coisa. Eu só quero saber de vocês se o dinheiro que vai ser, gente, por favor, vamos ouvir você vai ter espaço para falar, vamos respeitar a palavra dele, por favor, se vai ter alguma infraestrutura no nossos bairros, nossas comunidades, nossas comunidades não têm infraestrutura. Tem muita gente precisando trabalhar. Eu só quero saber se a gente vai ter o benefício da Ecourbis para esse para esse com esse recurso todo que vai ser, tá? E outra coisa, a pavimentação das das nossas comunidades novas, se for possível, com essa com esse benefício que vocês vão liberar aqui para São Mateus, que faça para nossas comunidades da mais próxima, gente, próxima aqui de São Mateus, de dentro de São Mateus, o pessoal que vem de fora tem que lutar pela cidade dele, sim. Mas nós estamos recebendo lixão, estamos recebendo a Ecourbis de braços abertos e queremos essa infraestrutura toda dentro do nosso setor, não dentro da do setor dos outros. Nós nós moramos aqui em São Mateus. É aqui em São Mateus que precisamos da da infraestrutura do nosso trabalho. Nosso trabalho de de comunidade é difícil, tá? É muito difícil, mas o trabalho tem que continuar, tem que ser melhorado, sim. Sou a favor da CTL e vou lutar com o incidente para que aconteça. Obrigado. Obrigado. Obrigado.

**[2:42:24] José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Próxima, por favor. Boa noite. Você tem a palavra.

**[2:42:32] Merliane da Silva Miranda, Instituto Movimento Positivo**

Boa noite. Obrigada mesmo. Obrigada a vocês. Eu vou ser bem objetivo, até mesmo por conta do horário. Silêncio, por favor. Gente, meu nome é Melriane, mais conhecida como Mel. Sou do Instituto Movimento Positivo. A gente chegou numa discussão que ela é necessária e objetiva, porém eu vi tá escutando agora. Então vou voltar a falar. Meu nome é Melriane, mais conhecida como Mel do Instituto Movimento Positivo. Vim aqui dar meu voto a favor. Assim, eu apoio, apoio de maneira também que seja uma situação respeitosa administrativamente. Outra situação que a gente precisa ter, olhar pela nossa zona leste, né, sobre aquelas eh só um segundo sobre os nossos investimentos, a questão eh compensatória, né? Por exemplo, eh, eu sei que a Ecourbis, ela tem um belo trabalho sobre a questão social. Eu já fui lá, tive o prazer de conhecer, visitar o aterro. Eh, realmente eles têm um trabalho maravilhoso, só que assim, eu quero também que, já que eu tô na frente deles, tem um olhar clínico e bem crítico, porque eu eu moro numa comunidade e essa comunidade ela tem sim o espaço de ter o caminhão subindo, porém pelo fato dela não ter pavimentação, que que acontece? A gente precisa colocar na caçamba. Teoricamente é um lixão a seu aberto. A gente na nossa comunidade também próximo da gente teve um um prédio que teve uma multa. Por quê? Porque simplesmente as pessoas jogam, vem os catadores de lixo fazer o trabalho dele, pegar aquilo querendo, não. É o ganha pão dele. Só que assim também deixa cair fora. Quando o caminhão vem, pega, leva e acabou. Então assim, esse prédio ele levou uma multa. a minha comunidade, eu posso muito bem também pegar um caminhão na frente, passar na minha porta, a gente fica lutando porque na frente lá tem eh eh como restaurante. Qual é o restaurante que quer uma caçamba, gente, próximo de vocês, entendeu? Uma caçamba dando com mau cheiro, com aquela coisa e tudo, ninguém quer, né? Querendo ou não, é na porta das pessoas, certo? Então, um olhar crítico nessa parte e parabenizar a Ecourbis pelo trabalho social e mais uma vez eu apoio.

**[2:45:14] José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Obrigado. Agora, a senhora Fátima Magalhães. Senhora Fátima aqui aqui. Senhora Fátima, boa noite.

**[2:45:36] Fátima Magalhães, SOS Morro do Cruzeiro**

Boa noite a todos. Sou professora Fátima, professora de geografia. Moro meio século no bairro Jardim Santo André, há 57 anos. O bairro Jardim Santo André fica entre duas empresas. De um lado é Ecourbis, do outro lado a petroquímica, né? Na petroquímica já foi constatado mais de 10 mulheres com câncer de tireoide e a gente sente o mau cheiro sim da Ecourbis. A compensação ambiental que foi prometida foi feita agora o centro de referência, ó, faz muito tempo que a gente ficou esperando. Se não fosse fazer abaixo assinado, cobrar, não ia sair sem de referência.

Foi porque a gente cobrou. Outra coisa, eh, já aconteceu um incinerador lá na no Parque Aterro Sapopemba, a gente conseguiu tirar, a gente lutou e tirou. Então, o Km 28, gente, não tem um equipamento público. Quer dizer que vocês falam de compensação e não fala dos bairros que precisa. Não tem uma CEI, não tem uma EMEI, não tem uma EMEF, não tem uma UBS no Km28. Eu fui conselheira tutelar para conseguir o ônibus lá. tive que pegar com a Colmeia os dados estatísticos e com a escola liberar. E aí pelo Conselho Tutelar a gente conseguiu dois ônibus para buscar as crianças que elas iam a pé. Então quer ver, quer ver direitos violados, vai no Km 28, não tem um equipamento público. Aí se fala em compensação ambiental, não se nunca lembra do Km 28. Então assim, cadê a reciclagem? Por que que chegou nesse ponto? Porque não apoiou os catadores, não apoiou as cooperativas, não se fez reciclagem, né? Então assim, vocês não fizeram a lição de casa, por isso que extinguiu esse terceiro aterro, o São João. Eu acompanho isso faz tempo. Então vocês estão em débito, sim e há muito tempo com a nossa comunidade. Há muito tempo. Precisa fazer sim coletas seletivas que não fizeram, apoiar as a as cooperativas que não apoiam, apoiar os catadores. É isso que é o caminho, essa que é a solução para ajudar a comunidade. Agora o Km 28 não tem um equipamento público, ninguém nunca fala do Km 28, nunca lembra aquela população carente de tudo, de tudo, saúde, educação, lazer, cultura, não tem naquela região. E agora assim, se fala assim em 2030, né, as ODSs, como que vai chegar em 2030 em São Mateus cortando 63.000 árvores? De que jeito que vai chegar? Boa noite. Obrigado.

**[2:48:04] José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Bem, por favor, silêncio. Silêncio que eu vou chamar mais quatro pessoas. por favor, silêncio. Por favor, gente. Vou convidar agora Ildeeni Antônio Gomes Júnior da Frente Contra Ampliação incinerador em São Mateus. Vou convidar, por favor, eu estou chamando as pessoas sem manifestação, por favor. Eh, eu vou chamar o senhor José Ulisses Bezerra de França, do conselho do Parque Natural Cabeceira. Chamei. Faltou. Bom, eh, senhora Silvia Jerônimo, do Conselho Tutelar de São Rafael e Severino Bila, da Associação Nossa Senhora Aparecida. Nossa Senhora Aparecida. Antes disso, quem vai fazer uso da palavra? Senhora Débora Aparecida, por gentileza. Desculpa, senhora tem a palavra. Obrigado.

**[2:49:34] Débora Aparecida, Associação Renovo**

Boa noite a todos. Boa noite à mesa. Eh, primeiramente, né, eu quero agradecer silêncio, por favor, gente, eh, ao meu vereador Alessandro Guedes, né, ao Dr. Hamilton, que sempre esteve comigo na minha comunidade. Eu tenho em torno de 5.000 famílias, né? Sou a única mulher na associação preta, né, lutando pela a população. E assim, na época não tinha água, a gente descia e subia morra escorregando para pegar água na nossa comunidade. E graças ao Alessandro, ele trouxe para nós a água, trouxe o esgoto, tá trazendo CEP, me apresentou a Ecourbis, aonde o quê? a Ecourbis foi fazer visita na nossa comunidade, fez uma festa maravilhosa para nossas

crianças da comunidade. Então eu agradeço muito e em nome da da nossa comunidade declaramos apoio ao CTL. Sabemos que o lixo da sociedade precisa ser tratado de forma responsável e o aterro sanitário é hoje o modelo mais seguro. Queremos junto com esse apoio, o investimento que historicamente a nossa região precisa de drenagem, urbanização e melhorias ambientais. Lá na minha comunidade, se vocês passarem na Bento Guelf, nós temos três caçamba aonde elas transborda. Agora vocês pensam, três caçamba para 5.000 famílias. A gente diz que a gente reproduz 1 kg de lixo, né, por pessoas. Só que nós reproduzimos muito. Nós pobres fazemos muito filho. Gente, pensa uma casa com seis, sete crianças. Fora o domingo que vai fazer festa, vem o genro, vem a nora, vem todo mundo, o lixo dobra. E aonde a gente vai pôr? Vou queimar no quintal. Não tem essas condições. Então eu apoio sim a Ecorbis e muito obrigada. Agradeço a Dr Hamilton. e o meu subprefeito maravilhoso, aonde ele manda o cascalho para minha comunidade, tá me dando a maior força. Eu fico em casa agora tranquilo porque eu sei que eu tenho um vereador, eu tenho um assessor, eu tenho a Ecorbis e eu tenho um subprefeito maravilhoso. Muito obrigado Oziel, obrigado.

**[2:52:21] José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

E o Ildeni? É o Indeni. O Deni. Boa noite.

**[2:52:28] Ildeeni Antônio Gomes Júnior**

Pode ir. Boa noite a todos e todas. Gente, por favor, por favor, antes de mais nada, São Mateus presente, porque a gente não aguenta mais racismo ambiental. A gente não quer uma ampliação do aterro. A gente quer cultura, a gente quer moradia, a gente quer educação, a gente quer políticas públicas. A gente fala tanto aí que a compensação ambiental, você sabe que qual foi a compensação ambiental? Parque Cabeceira do Aricanduva. Sabe o que a Ecorbis fez? Vai desmatar 20% do parque do Cabeceira do Aricanduva. Ou seja, vocês estão pedindo compensação e eles estão tirando a nossa compensação ambiental. Gente, vocês não estão pedindo educação, saúde, saneamento básico, moradia. Vocês não estão pedindo isso nas falas de vocês, sabe? A gente cobra a responsabilidade, cobra o pessoal da CETESB e o pessoal da Consema. A gente pede responsabilidade civil, mas não tem na Ecorbis. Ano passado, sabe quantos teve de audiência pública aqui em São Mateus? Zero. Entendeu? A questão do lixo? Eu cobro da prefeitura que seja a educação ambiental, porque fazer no bairro legal é só na propaganda. Não tem, não tem, não tem educação ambiental. Pessoal, por favor, o direito de manifestação é livre, por favor. Os puxa-saco do prefeito e do subprefeito. Eu puxa os puxa-saco do subprefeito e do prefeito não tem nenhuma obra de museus na cidade, como o museu do meio ambiente. Deixa que a gente cobra para ter um museu do meio ambiente na cidade. Cadê essa proposta? Não tem. É só propaganda, sabe? É ridículo a gente ver aqui numa audiência pública que as pessoas defende o lixão, não defende árvores, não plantam árvores na cidade, é

só propaganda, entende? Essas pessoas que não apoiam os catadores, que são os verdadeiros responsáveis da reciclagem aqui em São Paulo. Não é a Ecourbis, não é a Loga, não é nenhuma empresa, são as pessoas que faz a reciclagem, como o pessoal dentro das de várias cooperativas que fazem essa esse projeto importante. A questão da separação, a gente tem compensações ambientais como os corredores verdes, inclusive na Dorotério Graça em São Mateus, a gente tem vários parques que também fazem essa compensação, mas a gente quer mais verde, a gente quer os 290 milhões que tem no Ibirapuera, seja no Parque do Carmo, no Morro do Cruzeiro, no Cabeceira do Aricanduva, porque o orçamento que a Gente, tem aqui em São Mateus é só 77 milhões. E essas pessoas em vez de elas pedir, a gente quer responsabilidade civil das pessoas, a gente quer árvores, porque falaram que era 10.000 árvores em dezembro pro ano passado. Do nada 60.000 sem nenhuma responsabilidade, CETESB, sem nenhuma responsabilidade com CONSEMA. E é isso. Obrigado a todos e todas. Obrigado.

**[2:56:53] José Eduardo Beviláqua José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Vou convidar agora o senhor José Ulisses Bezerra de França. José, boa noite. Conselho do Parque Natural, Cabeceira, gente, por favor. A gente só vai atrasar a audiência pública. Acho que não é interesse de ninguém, que a gente impõe um atraso aqui. Por favor, gente, por favor, vamos acalmar, vamos acalmar. Vamos ouvir, por favor. 5 minutos. Pode começar a marcar.

**[2:57:52] José Ulisses Bezerra de França, Conselho do Parque Natural Cabeceira do Aricanduva**

Boa noite a toda a mesa, as autoridades, a toda a população de São Mateus, toda a população de São Paulo, porque sim, o impacto aqui reflete na cidade toda e o inverso é verdadeiro. Bom, eu sou Ulisses Queixada. Meu primeiro curso na área ambiental eu fiz no São Gonçalo, Escola Técnica Tabor. Hoje fiz a biologia, o mestrado. Hoje estou no doutorado estudando arborização urbana. Eu sou especialista no tema e sou morador. Da minha casa eu vejo quando aqui citaram o Morro do Cruzeiro, quer quer proteger, desculpa, já foi. Metade a Ecourbis comeu, já é aterro. Então, olha só, quando a gente pensa aqui na Ecourbis, primeiro uma questão que eu coloco ao Consema e a CETESB, é uma vergonha vocês deixarem a prefeitura enganar o povo chamando incinerador de ecoparque. Eu sou técnico, eu sei o que é o ecoparque. A população, muitas dela, muita da população não sabe o que é. Por que que chama de ecoparque? Por que que chama de Uri? Porque não chama pelo nome incinerador? Por que que o Consema? Porque que a CETESB permite que o povo seja enganado? Chame pelo nome e a partir do momento que eu chamar as coisas pelo nome, vamos discutir de forma séria. Falaram da Ecourbis quando no primeiro contrato a prefeitura disse para Ecourbis tenho dois passivos, dois problemas que tem que resolver. Primeiro, o aterro que existia dentro do Parque do Carmo. A Ecourbis, em 21 anos não resolveu, quer entregar pra prefeitura sem resolver. 1500 e algumas páginas. Li tudo, é, não sei

se todos leram. Leiam, é importante, é um documento importante, porque quando a gente fala de compensações, por exemplo, não fica em São Mateus. E quando ficam, foi o que foi citado aqui, compensa numa área que será a próxima área para mais um aterro. Consema Cetesb. Até quando? na votação que teve dentro do parque Cabeceiras do Aricanduva, que eu sou conselheiro, quem mora disse: "Somos contra". Só votou a favor quem é governo que não mora aqui. Não mora aqui. Então assim, é complicado. Nós estamos aqui dizendo pra prefeitura e paaa com Ecourbis, acabe com a nossa saúde aos poucos, acabe com a nossa vida, porque sim, é causa muitos, muitos, muitos danos e não, não há compensação. Na última audiência de ampliação, na quinta, eu defendi a proposta que aqui um companheiro trouxe. Por quê? Por que CESTEB? Por que Consema? Já que aqui é gerado energia, por que que o nosso povo não tem 50% de redução na conta de luz? Todos nós, já que o impacto é nosso. Sabem por quê? Porque se vai pro bolso da Ecourbis, da prefeitura, não vem para nós que somos impactados. Esse é o grande problema, pessoal. Esse é o grande problema. Estamos aqui em tese, brigando pelo meio ambiente, mas antes de tudo pela nossa saúde, pelas nossas vidas. E eu provei aqui que a Ecourbis e a prefeitura não tem nenhum compromisso. Agora eu eu falo para todos os técnicos aqui me refutem. Os técnicos que fizeram o EIA são maravilhosos. Eu li a parte ambiental, foram perfeitos, mas a opinião, a decisão não é deles. É política. é unicamente política, infelizmente.

**[3:01:54] José Eduardo Beviláqua José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Por favor, por favor, Severino Bila. Ah, perdão. Ué, 23 tava lá. Boa noite a todos e a todas que estão aqui. Ah, perdão, Sílvia Jerônimo. Perdão.

**[3:02:13] Sílvia Jerônimo, Conselho Tutelar do São Rafael**

Boa noite a todos. Olá, boa noite a todos e todas que estão aqui. Eu me chamo Sílvia, eu faço parte do Conselho Tutelar do São Rafael e também faço parte da coordenação do movimento Sem Terra leste 1. É muito triste, gente, que hoje num território como Km 28, como Jardim Santo André, que eu sou moradora de lá, é muito triste que há mais de 15 anos a gente não tem uma unidade de escola municipal construída, seja a prioridade a ampliação de aterro sanitário, porque enquanto a educação ela não for prioridade no nosso território, a gente vai parar nos desses lugares de debates e a gente não vai avançar. Porque é o seguinte, hoje nós estamos falando da ampliação do aterro sanitário, certo? Como que vai ser daqui a 14 anos se a prioridade não for a educação dentro das escolas? Sobre a educação ambiental dentro das

escolas. Agora amplia e daqui 14 anos amplia mais para onde? Será que vai pegar na minha casa? Ah, mas leva o lixo pra sua casa. Eu já sento o cheiro do lixo na minha casa. Quem mora lá no Jardim Santo André já sente o cheiro do lixo na casa. Gente, eu como Conselho Tutelar, eu não consigo, eu não consigo ser conivente com a alteração da qualidade do ar, que isso foi colocado lá como impacto. Eu não consigo ser a favor da qualidade da alteração do ar. Eu não consigo ser a favor da perda da cobertura vegetal. Eu não consigo ser a favor da interferência em áreas protegidas da nossa quebrada, gente, entende? E assim sobre quem tava falando, ah, que não vai ter a questão do incinerador, quem leu o projeto de lei 18.209 de 2024, lá tá escrito ampliação da infraestrutura e tratamento de resíduos. A mudança permite a a expansão da central de tratamento da leste e a criação de um ecoparque leste que inclui que vai incluir o incinerador. Gente, incinerador é câncer. incinerador, ele é são problemas neurológicos. Não é porque a gente mora na quebrada, que a gente mora no Fundão, que a gente merece uma ampliação de um aterro sanitário. São Paulo, em São Paulo é a cidade mais rica da América Latina. Será que isso é prioridade para um governo onde num território faz 15 anos onde não constroi uma escola municipal? Eu rodo todas as escolas do território, gente. Eu não vejo nenhuma nenhum trabalho sobre a a coleta seletiva na nossa quebrada. Eu não vejo nenhum lugar. Enquanto isso não for prioridade, enquanto a educação não for prioridade no nosso território, a gente vai tá aqui porque o pessoal lá começa a vaiar. Mas assim, a gente tá em bem da comunidade, gente. A gente tá falando da nossa casa. A gente tá falando das crianças que a gente tem dentro do território. A gente tá falando dos idosos que a gente tem dentro de um território que vai ter que conviver com a ampliação de um aterro sanitário. Ah, mas leva o lixo para sua casa, não tem jeito. Como eu falei, São Paulo é a cidade da América Latina mais rica. Será que é ampliação? E também lá em Perus tá acontecendo o mesmo movimento. Por que os movimentos têm que ser dentro dos fundos, tem que ser bem dentro do fundão, bem dentro do extremo da zona leste, entendeu? É muito importante que a gente como comunidade, como a gente tem que ter a conscientização que um ampliação de um aterro sanitário não é bom para ninguém, que eu tô vendo gente aqui falar como se fosse o comercial de Doriana, comercial de margarina, entendeu? Não é isso, gente. É retrocesso. Isso é retrocesso. A gente merece desenvolver. A gente merece crescer com qualidade. Os idosos merecem ter qualidade de vida. Quem foi lá em cima no morro do Cruzeiro para ver como que tá lá? Eu fui lá, a gente foi lá no Morro do Cruzeiro, eu filmei aqui. Aqui não tem como colocar a imagem. Do lado das casas já foi ampliado, tem um lixão lá enorme. As crianças estão tendo que conviver com isso, gente. Eu não consigo ser conivente, olhar para uma comunidade onde tem casas aqui e do lado tem um monte de lixo. Isso é bom para quem? Enquanto a gente não tiver consciência ambiental implantada dentro da comunidade, implantada dentro das escolas, daqui 14 anos vai ter outra ampliação. E aí a gente vai para onde? vai ampliar para onde? Será que vai tirar minha casa? Você vai, será que vai tirar a sua casa? A gente não sabe. A gente como comunidade, a gente

tem que se unir e ser contra retrocessos ambientais que a gente tem dentro. Como eu falei, São Paulo é a cidade da América Latina mais rica e com certeza a ampliação do aterro sanitário São João é a implantação de um incinerador que está dentro do projeto de lei 18.000, o projeto de lei 18.209 de 2004. Não.

**[3:07:23] Severino Bila, comunidade Nossa Senhora Aparecida**

Boa noite a todos. Que Deus abençoe todos nós. Sou o Bila da comunidade Nossa Senhora Aparecida, representando aí a minha comunidade. Gente, por favor, agradecer aqui, primeiramente a Deus. E ao Dr. Hamilton, viu, por ter nos ajudado tanto lá na nossa comunidade. Foram várias pessoas lá falando que ia nos ajudar, mas nunca ajudou a gente lá. Dr. Hamilton foi lá e realmente tá ajudando e continua ajudando e vai ajudar muito mais, tá? Agradecer a todos vocês a Ecurbis também aqui. Falar de vocês é fácil, agora fazer o que vocês faz é difícil, tá? Acredito que vai ser bom para pra nossa região, porque o o o aterro já existe, vai ser só ampliado, na verdade, né? Vai ser só ampliado o aterro. Então, na verdade, o pessoal acha que o lixo tem que ir para onde? A não ser pro aterro, ficar em casa. Não dá para ficar em casa o lixo, né? Todos os dias, pelo menos na minha na minha rua, passa o caminhão em em dois em dois dias, passa na na no sábado, na terça e na quinta. Se não fosse o pessoal, como é que esse lixo ia para onde, né? Pois é. Então, quero falar para vocês aqui que a minha comunidade Nossa Senhora Aparecida do Jardim Palanque, tá? Apoia, apoia o aterro, tá? a ampliação do aterro e que venha melhoria para as comunidades, tá? Que olhe por elas, tá? E escute elas e olhe por ela e venha a compensação para elas. Então, a minha palavra aqui pela minha comunidade é estamos em apoio a vocês. Estamos totalmente querendo que aconteça brevemente para que nós venha ter mais uma vida melhor e venha sempre a cidade tá limpa, como hoje existe a Ecurbis aí que faz o serviço dela com categoria, qualidade e pontualidade. Obrigado a vocês aí.

**[3:09:44] José Eduardo Beviláqua José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Bem, agora eu vou pedir um pouquinho de silêncio. Eu vou chamar mais quatro pessoas, por favor. Por favor, ainda tem mais uma porção de gente para falar. Se a gente continuar falando junto, a gente não avança. Então, por favor, abaixa energia aí um pouquinho. Vamos lá. Vamos chamar o senhor Mário Lúcio Trindade. Por favor. Senhora Flávia Pereira Brito. Elmo Cássio e senhor Marinho, por favor.

**[3:10:45] Mário Lúcio Trindade**

Boa noite a todos. OK. Boa noite. Eu sou presidente da comunidade. Gente, por favor, e se não ele está falando e vou deixar aqui um texto aqui, pessoal, tá? Eh, as entidades de base comunitária de São Mateus vem formatizar seu apoio e ampliação do aterro sanitário da CTL,

compreendendo que a comunidade do serviço é essencial para a cidade. No entanto, ressaltamos que a ampliação só pode ser vista como positiva. Gente, por favor, vamos ouvir se estiver acompanhada de compensação e estruturas. Então é isso, pessoal. Eh, a gente quer dizer o seguinte aqui, tá? Que a gente apoia a Ecourbis, sim. Tá. Eh, também quero agradecer aí ao Dr. Hamilton, que nos deu essa oportunidade de estar aqui. A gente é uma comunidade ali que a gente tá 11 anos, tá? 11 anos, tá? Tem 250 famílias, tá? A gente ficou lá de 7 a 8 anos sem ter coleta de lixo, tá? Então, nós só temos agradecer a Ecourbis. Por quê? Porque eles foram lá, fizeram o trabalho deles, né? estão nos ajudando até hoje. Agora nós tivemos um problema que é as ruas não dava para entrar os caminhão porque atolava, tá? A graça a ao apoio do subprefeito Oziel e do Alessandro Guedes, nós demos uma melhorada nas ruas. E também quero pedir aqui para que a a Ecourbis, por favor, né, que nos ajude e coloque os caminhão de volta lá para fazer as coletas, porque é muito lixo, pessoal. E através disso colocaram uma caçamba lá. A gente não tem contra, não tem nada contra morador de rua, nem viciado, nem usuário de droga. A gente não tem nada contra. Só que a nossa comunidade, por não ter a coleta de lixo, eh impesteu desse tipo de coisa, roubo, assalto, um monte de coisa. Então, se o o trabalho da Ecourbis for concluído no trabalho, vai diminuir com certeza 80% esse tipo de problema dentro da nossa comunidade. Eh, e quero dizer para vocês o seguinte, Ecourbis, nós vai com vocês, nós apoia vocês até onde tiver que ir, nós estamos junto. Beleza?

**[3:13:42] José Eduardo Beviláqua José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Obrigado. Por favor, senhor Elmo. Senhor Elmo tá aí. Não, ela pergunta, senhor Elmo. OK.

**[3:14:01] Elmo de Cassia, diretor do Sindicato SIEMACO**

Boa noite. Boa noite a todos. Boa noite, mesa. Boa noite. Eu, meu nome é Elmo de Cassia e represento aqui, primeiramente sou coletor de lixo com muito orgulho e hoje estou diretor do sindicato SIEMACO São Paulo, que representa os gari, no qual peço a grande salva de palma para aqueles que p o lixo de vocês todos os dias. Nós representamos 20.000 trabalhadores de São Paulo e a Ecourbis, só a Ecourbis representa 4.000 trabalhadores. Isso quer dizer, se a gente multiplicar por quatro, são 16.000 família atendido. Então, a importância do aterro sanitário, com todas críticas, com todos os afavores, é muito importante. Eu acho que cada um aqui, respeito cada uma das opiniões, mas eu como coletor que descarreguei muitas vezes lixo no aterro de São João, eu sei da importância, eu tive lá, eu convivi com isso, não cai aqui de para-queda, nem tô aqui para puxar saco de ninguém. O que eu tô dizendo aqui é que o aterro sanitário sustenta milhões de emprego. Eu sou prova viva disso. Então assim, toda, que nem eu falei, respeito todas as opiniões, mas quem coleta o lixo de vocês é um coletor de lixo. Esse coletor ele tem que encher o caminhão e descarregar o caminhão no aterro sanitário. Faz, vai

depositar o lixo aonde? Essa é a pergunta. Eu respeito todos as formas de apoio ou não apoio, mas pense primeiramente nos pais de família que trabalha diariamente aqui para limpar e deixar essa cidade limpa. E eu acho que cada um de vocês aqui gosta e apoia o coletor. E por isso eu tô aqui e quero dizer aqui, ó, rapidinho aqui para vocês. A cidade de São Paulo depende do aterro sanitário. A população da cidade de São Paulo depende do aterro sanitário. O planeta agradece e nossos trabalhadores precisa do aterro sanitário para levar dignidade para sua casa.

**[3:16:43] José Eduardo Beviláqua José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Muito obrigado, senhor Elmo. Senhor Elmo de Cássia, desculpa aí a pronúncia. Agora vou chamar o senhor Marinho da Associação Alto Alegre, por gentileza está presente aí. OK. Boa noite.

**[3:17:07] José Domingos Marinho, Associação Amigo de Barro Jardim Alto Alegre**

Pode respirar. Ô cabeça de gerimum, segura, segura. Boa noite. Boa noite a todas e todos. Agora meu nome é José Domingos Marinho. Estou presidente da Associação Amigo de Barro Jardim Alto Alegre. Sou vizinho do aterro há 47 anos. Sou governo há 45 anos. Porque direto ou indiretamente, querendo ou não querendo, o governo junto com o governo, seja ele de A ou C. E a minha responsabilidade é fazer o melhor para quem precisa. Com relação a aterro e com relação à concessão, quero dizer que tão de parabéns a concessão, tá em boas mãos. Uma parceira do governo da sociedade civil, tem cumprido o seu papel na sociedade. É isso que queremos. Pode ter algumas falhas que ninguém é perfeito, mas dentro do possível faz o melhor para cidade de São Paulo. É muito fácil vir aqui e tirar a responsabilidade de si próprio. Cada um que tá aqui, direta ou indiretamente, tem a responsabilidade de manter a ordem e o governo, seja ele qual for, tem de manter a ordem. E a responsabilidade dos resíduos de São Paulo é de responsabilidade do município e cabe ao município dá destino a ele. E o único destino ultimamente que tem é o CTL São João. Tem saída, fica brigando aqui todo mundo, acha, ah, não sei o quê, não sei o que, aquilo aquilo, outro. Então, aponte, a ponte para onde que vai. É muito fácil eu limpar o lixo da minha casa e botar na porta do vizinho. Aí é bom, né? Então, aponte. Quem for contra, aponte. Digo, olha, faça em tal lugar. Aí tem gente que diz: "Não, tira do do município de São Paulo". Aí é muito fácil, repito, mas é muito fácil você tirar do município de São Paulo, jogar em Suzano, Ferraz Vasconceloa e Ferraz Vasconcelos vai assumir a responsabilidade que é do governo de São Paulo? Não manda de voto. Para isso tem a justiça, né? Aproveitar mais uma vez dizer que nós estamos juntos na luta. Sou governo, não sou leigo. Toda, repito mais uma vez, todos vocês aí não são leigo, sabe da responsabilidade e além das compensações que eu quero que seja implantado em São Mateus, acrescento, se tiver o prefeito

aqui de São Mateus, Oziel, que abra o gabinete para o Ecourbis, porque em São Mateus nós teremos, temos 45.45 quase 5 47 ponto de de km 2 território tem problema com relação à fundiária para vocês você dizer aqui hoje pedir tudo aquilo que merece uma comunidade tem de ter preencher os seus requisitos esses 60% com certeza 40 a 50% preenche os requisitos de Reúbes, né? Se o Ecourbis entra, regulariza, tudo entra, tudo é fácil. O equipamento público entra, que eu estou aqui não só para representar os resíduos de São Paulo, tô aqui para representar toda a estrutura que merece a capital de São Paulo, em especial meu bairro, que é o Jardim Anto Alegre, a 1 km do Aterro São João. É isso que eu quero, quero e desejo para todos nós. Vamos continuar sendo o fiscalizador desse processo e cuidar desse processo junto com todos que estão envolvidos, que tem interesse em manter a estabilidade. Eu tô há 45 anos fazendo meu trabalho de estabilizar o São Mateus, Alto Alegre em Especial e São Paulo e o Brasil, porque a estabilidade é que comanda a soberania desse país. Viva o Brasil, viva os trabalhadores, viva aquilo que sabe fazer política com honestidade e com sinceridade. Viva novamente a Ecourbis responsável por tudo isso. Abraço, parceira velha, parceira velha f.. Para você ter uma ideia, a Ecourbis não é só responsável por recolher, não. Ela fez muita coisa em infraestrutura com relação à compensação e em outras ocasiões fazia também coisas paralelas. Eu mesmo sou autor de de um processo que responde até hoje, porque a EcoUrbis nos ajudou, além de ajudar a minha, a nossa comunidade que era aqui no no Jardim eh Santo André, por favor, senhor conclua.

**[3:22:22] José Eduardo Beviláqua José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

OK. Obrigado. Vou convidar aqui agora a senhora Rose Pessoa, senhor Raimundo Caetano, senhora Cássia César e Senhor. Wellington Adriano. É, senhora Rose Pessoa, por favor Senhora Roses está aí. OK. Então, senhor Raimundo Caetano, por favor. Senhor Raimundo está aí. chegando. OK. Boa noite. Por favor, não chegou pra mesa.

**[3:23:37] Raimundo Caetano, Central de Movimento Popular da Cidade de São Paulo**

Boa noite aos a mesa aqui presente. Boa noite a todos e a todas. Ih, desculpa. Eh, eu sou do movimento popular de saúde aqui de São Mateus, nosso também sou da central de movimentos populares. Estou falando aqui pela central de movimento popular da cidade de São Paulo. O que eu queria falar, né, com relação ao aterro, é que a nossa região, né, a infraestrutura para dar uma boa qualidade de vida é muito ruim, principalmente na saúde, né? Então a gente, né, tem aqui em São Mateus, né, um hospital, né, que em 2000, em 2000 não, em 1000, na década de 90 tinha 306 médico. hoje, né? Hoje ela ele ela tem eh 228, perdeu-se 78 médico. Por quê? Talvez seja pela nossa passividade de aceitar algumas coisas e não não ter uma exigência em cima de coisas que nos qualifique, que nos dê qualidade de vida. O hospital tinha 206 leitos,

hoje tem 180 leito. Por quê? São Mateus tá reduzindo os leitos porque a gente é passivo, porque a gente concorda com esse tipo de coisa que as autoridades vem colocar aqui pra gente. Eh, a na coordenadoria leste, que são sete supervisões de saúde, que vai de Ermelino Matarazo a São Mateus, passando por eh Guainazes, Itaim, São Miguel, Coordenadoria Leste, todas tem sete supervisão de saúde. Das sete, todas têm UPAs não, seis tem UPA. A única que não tem UPA é São Mateus. Por quê? Porque a gente concorda com esse tipo de coisa. Porque a gente acha, a gente é capaz de unir, de lutar por um incinerador. Onde é que tá o tempo? tá ali. A gente é capaz de lutar por um incinerador e não é capaz de fazer uma luta para gente ter qualidade de vida. Bom, como meu tempo tá encerrando, eu queria eh dizer que gente, silêncio, por favor. A nossa luta, por favor, silêncio. Tem que ser uma uma assim aqui. O pessoal tá falando uma coisa que eu fico assim abismado quando o pessoal diz: "Olha, meu lixo, o lixo tem que vir para cá. Eu quero colocar meu lixo ali, gente. Um cara que mora no Tatuapé, ele produz três vezes mais lixo do que nós. E nós acha que é ele produz três vezes, ele tem que jogar o lixo aqui. Ele produz mais lixo e joga lixo aqui pra gente. Então isso é iniquidade, é o contrário da equidade. Então a gente não pode aceitar esse tipo de coisa. E eu eh eu quero dizer contra, eu quero ser nossa posição do movimento popular de saúde aqui e da central de movimento popular é contra o aterro.

**[3:27:51] José Eduardo Beviláqua José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Obrigado, senhora Cássia César, por favor, senhora Cassia está aí. Obrigado. Boa noite. Só tem a palavra. Sim, a posicionamento. Não, ela pediu para falar porque ela ia sair. Ela pediu para falar. Ela pediu pra mesa. A gente acatou porque eu decido aqui nessa questão. Decido. Decido porque ela pediu. Ela tudo bem. Ela pediu que ela ia ser ausentar, então a gente concedeu. Se quiser três assessoria é assessoria do vereador. Ali no caso era a própria vereadora. A gente eu sei o que eu tenho que respeitar e a gente pode conversar daqui a pouco. Obrigado. Por favor, tá com a palavra.

**[3:28:49] Cássia César**

Boa noite. Eh, eu me chamo Cássia, sou moradora aqui da região de São Mateus há 46 anos. Eh, trabalho numa organização social que atende crianças e adolescentes aqui no território de São Mateus e eu, especificamente, estou ali no distrito de Iguatemi, eh, mais precisamente no Jardim Palanque. Eh, eu acho bonito, né, esse rito da audiência pública. Eu acho que a audiência pública ela é uma grande oportunidade, né, de poder ouvir a voz da população, a voz de quem mora, né, no território e que tem aí a possibilidade de poder falar. Eh, e eu estava aqui observando, né, cheguei logo no início e aí a casa tava cheia. Hoje já agora não mais, né? As pessoas já foram embora, talvez tivessem aí os seus compromissos. Eh, ali tá cheio. Não sei se são trabalhadores

da Ecourbis, né? Enfim, bom, é, tinha um horário, né? Enfim, foram fretados isso, né? Eu gostaria muito de poder eh ter trazido eh as crianças e adolescentes que eu atendo, crianças de 6 a 14 anos, para que eles também pudessem participar desse processo, né? Eh, mas infelizmente eh, a verba que a gente recebe da prefeitura não permite, né, que a gente consiga bancar eh ônibus para que as crianças possam de fato também ter as suas vozes ouvidas. Eh, mas me coloco aqui eh num lugar, nem sei se eu tenho esse direito, né, de estar falando por eles, porque eles têm vozes, eh, e eles são protagonistas das suas histórias. E a gente lá faz um trabalho, né, não só o meu serviço, mas todos os outros do distrito, né, do território, que faz parte da mesma organização. A gente trabalha muito com a ideia do protagonismo, muito com a ideia do senso crítico, muito com a ideia de que a criança e o adolescente, né, precisa reconhecer desde cedo de que classe que ele representa, né? São filhos da classe trabalhadora. filho dos operários, filho dos trabalhadores que muitas vezes saem dos seus territórios para migrarem, inclusive para outros territórios para trazerem o sustento para sua casa. Muitos deles, inclusive desempregados também, né? E aí toda a questão social que tá em volta disso, eh, quando a gente olha as estatísticas e agora recentemente, né, o mapa da desigualdade social, né, produzida aí pela nossa São Paulo, vai trazer um um, né, de vários outros itens, mas um muito alarmante. que eh as pessoas que moram nos jardins, que eu nem sei onde fica, viu, gente? Mas as pessoas que moram lá nos jardins, elas têm uma expectativa de vida de 82 anos. as famílias, as pessoas, eu inclusive que moro aqui nesse território, na região de São Mateus, no distrito do Iguatemi e também Cidade Tiradentes, a expectativa de vida dessas pessoas são de 62 anos. E isso tem a ver com a qualidade, né, eh, de vida que as pessoas têm. Eu fico imaginando como que seria aqui as pessoas dos jardins, as pessoas de Moema, discutindo se o aterro sanitário iria ou não ser instalado na sua, nos seus territórios, nas suas regiões. Mas nós, a gente foi, a gente aprendeu, não sei, né? Acho que a gente aprendeu, né? A gente aprendeu que eh tá tudo bem, né? Que assim, ser pobre, né? morar na periferia, tá tudo bem vir o pior pra gente. E a gente ainda aplaude, a gente ainda acha que isso é legal, né? A gente sabe a ideia que me dá inseticida, do da barata que bate palma pra inseticida, né? E ela acha que a inseticida ela é legal, né? Então, eh, eu fico aqui muito entristecida, né? eh de ver, né, que nós que somos moradores do território, a gente acha legal, né, ficar, a gente já, a gente já fez a nossa parte, a gente já acolheu a Ecourbis, né, eh, colega aqui que eu esqueci seu nome, mas a gente já participou, né, a gente já participou.

**[3:34:01] José Eduardo Beviláqua José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Favor, senhor Wellington Adriano. Senhor Wellington está aí. Está não, acho que já foi embora. Vou convidar agora eh senhor Francisco Jorge da Associação Nova Vitória, Senhor Marcelo Dória, Senhor Pedro Souza Ferrão e Senhor João Eduardo da Silva.

**[3:34:50] Francisco Jorge, Associação Nova Vitória**

Boa noite. Boa noite. Boa noite. Boa noite a todos. Quero saudar aqui a mesa, quero saudar aqui a todas as comunidades aqui presente, quero saudar o subprefeito Oziel, Dr. Hamilton aqui, que está conosco. Eh, quero dizer que meu nome é Francisco Jorge, sou do Jardim Nova Vitória, eh, moro lá já há 30 anos e quero falar um pouquinho do eh desse embate, né, dessa discussão, né? Eh, a gente sabe que todos os embate aqui é ele é positivo, né? Porque nós vivemos num país democrático, né? Mas eh nós queremos se posicionar nós como comunidade, né? Então aqui eu estou representando a Associação do Jardim Nova Vitória, a Associação do Jardim Meirelles e a corporativa Jacu pessego, eh, lá do Jardim Nova Vitória habitacional. OK? Então quero falar para todos aqui que o seguinte da nossa posição sobre a o processo da Ecourbis, sobre todo esse processo a todo esse embate, é claro que nós não estamos apaixonados por ter um lixão na nossa porta, tá? Eu quero que isso fique bem claro para mesa. A gente não tá eh batendo palma por a gente ter eh um um lixão, como estão falando, na nossa porta, mas a gente defende a permanência lá, a expansão nesse momento, porque a gente não vejo aqui eh nenhum que debateu contra a questão eh contra o lixão eh apontar a solução. E o que nós precisava é que a comunidade se una, que a comunidade eh a a as lideranças eh que está aqui discutindo a esses fatos, eh não quero dizer que não estão com seriedade. Todas creio que estão vindo com seriedade, mas que sim, a partir do momento que você está debatendo uma comunidade ou debatendo uma certa questão, você tem que apontar a solução e isso não tá sendo apontado. Então assim, eh, eu defendo que a nossa comunidade, nós temos que que defender o melhor, né, a melhor reciclagem possível. Nós defendemos que tem que haver eh um processo melhor, mais seletivo da da coleta geral, né? Porque quando a gente se fala muito da da da coleta, né, da da do pessoal que pega o o lixo, os resíduos, eh a gente esquece que muitos de nós mesmos estamos acumulando lá em algum lugar, em caçambas, em ruas que não é transitável. Então eu acho que a nós comunidade nós temos que se reunir, eh discutir as melhores possibilidades, eh, para que o carro, o caminhão de para recolher os resíduos possa entrar em todas as ruas. Aonde não puder entrar um caminhão de alto potencial, que entra um caminhão de menor potencial, nós acreditamos que nós não podemos deixar o lixo abandonado igual a gente vê lá no bairro. Eu salvo aqui o subprefeito que tá dando uma força para nós, é o vereador Alessandro Guedes junto com o Dr. Hamilton que nos apoia e eu salvo a as melhorias e os apoios que eles já nos deram para melhorar o nosso bairro, para que a gente possa transformar o Vitória numa cidade mais decente. A gente estamos aqui discutindo a urbanização do nosso bairro, eh está acontecendo a urbanização do nosso bairro. Então, a gente sabe que a gente precisa da saúde, a gente sabe que a gente precisa da educação. o subprefeito Oziel, ele ele é testemunho do que que ele passou lá agora recentemente no gabinete presente lá em nosso bairro, eh, com a questão da saúde, que é uma questão grave e a gente tem que combater eh os, eu vou falar os

ratos podres que tem no meio das escolas que não querem estudar e quero eh vandalizar a a as escolas, entendeu? Então assim, eu acho que nós comunidade, como comunidade, como representante das comunidades, nós temos que se unir, buscar a debater segurança no nossos bairros, debater a saúde, a educação, mas com seriedade, realmente, eh, de pé firme, unido, e não com a separação, com a desunião ou com a depredação eh um contra o outro, tá? Porque não depende do partido, nós depende da da política geral para nós melhorar a nossa comunidade e defender aquilo que a gente acredita. OK. Muito obrigado a todos.

**[3:39:51] José Eduardo Beviláqua José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Obrigado, senhor Marcelo Dória, por gentileza. Marcelo Dória tá presente. Acho que então ele abriu mão da palavra, não está? Pedro Souza Ferrão, por favor, a palavra é sua.

**[3:40:20] Pedro Souza Ferrão, Instituto Polis**

Boa noite a todas as pessoas aqui presentes. Meu nome é Pedro Souza Ferrão. Eu sou formado em engenharia ambiental, também faço mestrado na área de arquitetura e urbanismo e faço parte da equipe de resíduos sólidos do Instituto Polis. Primeiro eu queria começar que esse evento, essa audiência pública é muito importante e é impressionante a mobilização e a força da população de São Mateus. E a verdade é que vocês, enquanto população desse território, merecia muito mais vindo da Ecourbis. A Ecourbis poderia estar fazendo muito mais por vocês, com soluções, mostrando uma diversidade de opções, caminhos que geram renda e emprego, e não com um discurso que defende os o aterro sanitário como única solução. A fala que me antecedeu falou uma coisa que é muito verdade. Não adianta só criticar, é necessário apontar alternativas. E é isso que eu venho falar com vocês hoje. A política nacional de resíduos sólidos tem o aterro sanitário como última das opções. Tem outros caminhos anteriores. Um deles é a compostagem, o outro é a reciclagem que os catadores realizam. Temos mais outro que é a biodigestão, que são outras alternativas de direcionamento dos resíduos. A gente não precisava tá conversando essa noite sobre expansão do aterro. Se a Ecourbis, que é responsável pela gestão dos resíduos sólidos em São Paulo, há 20 anos, 20 anos, gente, vocês sabem melhor do que ninguém dessa cidade os impactos disso. Faz 20 anos que essa empresa podia estar investindo em outras soluções e decidiu não fazer. Por quê? Porque essas outras soluções são mais, dão mais trabalho e geram menos lucro, mas elas também geram mais emprego, mais renda, mais saúde, mais educação ambiental, mais integração comunitária. Então hoje nós se apresentou uma situação aqui como se a expansão do aterro fosse a única solução, o que não é verdade. e a responsabilidade da Ecourbis comunicar isso pra população de forma honesta e transparente, coisa que não foi feita essa noite. O vídeo foi muito bonito, muito inspirador, mas ele não diz sobre a realidade como um todo. São Paulo, São Mateus tem outras alternativas. A

gente pode falar sobre coleta seletiva em três frações, que é separar o nosso resíduo na parte orgânica, a parte úmida, a parte de recicláveis secos, então papel, alumínio, vidro e aí sim os rejeitos. Os rejeitos são menos de 20% dos resíduos que a gente produz e só eles poderiam estar indo pro aterro sanitário. Então, a verdade é que se a Ecourbis tivesse sido responsável com o território nos últimos 20 anos, poderíamos estar falando aqui de um empreendimento de pátio de compostagem, de usinas de biodigestão, de ampliação de dezenas de cooperativas que poderiam gerar milhares de empregos, principalmente pra população de São Mateus. Então, a verdade é a Ecourbis, que é uma das duas empresas que faz a gestão dos resíduos em São Paulo, o contrato que foi renovado por mais 20 anos, ano passado, sem licitação, sem as audiências necessárias de participação popular e transparência, no valor de R 80 bilhões de reais, não é 80 milhões, 80 bilhões. Então, gente, é o seguinte. Se essa empresa fosse cumprir tudo que ela tá prometendo agora, promessas que já foram feitas há muitos anos e não foram cumpridas, a situação hoje seria outra. E a gente já tá falando de desenvolvimento, geração de renda, emprego, educação, saúde e sustentabilidade. Então, por favor, não acreditem nessas promessas. E a gente podia estar discutindo um outro futuro. E quem roubou esse futuro da população de São Mateus foi a Ecourbis. Boa noite.

**[3:44:49] José Eduardo Beviláqua José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Vou convidar aqui agora a senhora Débora Machado da usina ecocultural e concluindo essa parte o senhor José Alves do Sindicato dos Rodoviários de São Paulo. Senhora Débora Machado está aí? Não. Então, senhor José Alves.

**[3:45:51] José Alves, Sindicato dos Rodoviários de São Paulo**

Boa noite a todos e a todas. Eu sou José Alves, presidente dos sindicatos rodoviários de São Paulo. Eu venho aqui eh representando os trabalhadores em transporte, os coletores e os motoristas, junto com nossos companheiros da SIEMACO. Eu vejo o aterro, ele é comparado igual feira. Todo mundo quer uma feira, mas não quer na porta de casa. E o lixo é a mesma coisa. E nós que somos trabalhadores, nós queremos deixar bem claro para todos a população. Nós não somos lixeiro, nós somos coletores, nós não produzimos lixo. Então eu fico olhando que eu discuto muito o sistema do lixo a nível de Brasil, não de São Paulo. Discuto a nível de Brasil, porque a gente vê muito lixo a céu aberto e a gente fica discutindo o aterro aqui em São Mateus. Aí eu pergunto, inclusive eu tava ouvindo aqui algumas pessoas dizendo o seguinte: "É importante quando se discute ter proposta aonde se faz as coisas, porque o lixo ele é produzido e nós temos que saber para onde ele vai. Agora, será que nós que moramos em casa, apartamento, em prédio, nós fazemos a reciclagem ou nós jogamos tudo junto? Então nós temos que começar também discutir as nossas obrigações e que muitos não faz isso. E que muitos não

faz isso. Nós que trabalhamos na coleta, hoje nós representamos uma média que nem o companheiro que estava falando, 4.000 trabalhadores na coleta. Nós trabalhamos domingo, feriado, Natal. Nós não temos dias, inclusive teve a pandemia aí e foi a única categoria que não parou. E nós não, até hoje nós não verificamos ninguém valorizando a nossa categoria. Cadê a nossa categoria? Ela é invisível. Só porque nós pegamos o lixo, ninguém vê a gente. E quem é quem é que faz o lixo? Somos nós que coletamos. Então, companheiros e população, antes da gente criticar porque nós estamos tentando, a prefeitura, que é um poder público, tá tentando expandir mais um aterro, é porque ele não quer ver esse esse lixo a céu aberto. Ele tem hoje, se vocês verificar as frotas hoje ela é a gás e é a gás do lixo. E é a gás do lixo. E da onde é que tá saindo hoje muitas eletricidade? é do lixo. Então nós também temos que começar a ver isso. Então nós não podemos ser igual aquele cachorro que sai correndo atrás do carro, atrás do pneu. Quando o carro para, nós não sabemos o que vamos fazer. Quando a gente critica, nós temos que ter solução. E se nós não temos solução, não adianta criticar. Então, muito obrigado.

**[3:50:23] José Eduardo Beviláqua José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Eu vou chamar aqui agora para fazer uso da palavra o senhor João Eduardo da Silva. Boa noite. Senhor pode fazer uso da palavra. Agora começamos um bloco de 3 minutos. OK. Por favor, técnica. 3 minutos.

**[3:50:53] João Eduardo da Silva**

Boa noite. Boa noite a todos e todas. Eh, eu falo aqui hoje não apenas como morador, eh, mas como alguém que já viu e vive as consequências do descaso ambiental que atinge a nossa região. O que estamos enfrentamos aqui não é um debate técnico, não é uma decisão administrativa, é um ataque direto ao nosso direito de fundamental de viver em um meio ambiente saudável. quando tentam impor à população a ampliação de um empreendimento que já causa impacto sem diálogo real, sem transparência e sem considerar quem sofre na pele, isso deixa de ser gestão pública, isso vira injustiça ambiental. E injustiça ambiental é uma forma clara de violar contra as de de violência contra milhares de famílias. Nós somos quem respira o ar poluído. Nós somos quem convive com caminhões, mau cheiro, risco à saúde, degradação ambiental. Não são os responsáveis pelos projetos eh que vivem essa nossa realidade aqui. Eu tenho algo que precisa ser dito, sem rodeios também. Se hoje querem empurrar mais lixo para a nossa região, é porque a cidade falhou e falhou feio na reciclagem, na educação ambiental. E é revoltante ver toneladas de materiais recicláveis, papel, plástico, vidro, sendo simplesmente enterrados todos os dias. Coisas básicas, coisa que cidade moderna seria responsável. já teria resolvido há anos. Cito aqui o exemplo de Saitama no Japão. Quem não pesquisou que pesquisem e vocês vão ver que Saitama ela ela só incinera 3% do lixo e estão trabalhando para que esse esses 3% acabem

também, que seja 100%. Tá? Então, a cidade de São Paulo, rica, do jeito que é, ela já deveria tá trabalhando de uma forma eh mais inteligente há muito tempo. Nós tivemos aqui exemplo que a a companheira Norma falou que eh a Ecourbis vai gerar 100 empregos na parte de reciclagem. Eh, e eu vi aqui também uma uma senhora de uma de uma cooperativa de reciclagem, só a cooperativa dela gera 32 32 empregos. Então vocês imagina muito mais eh cooperativas de reciclagem. Isso reduziria drasticamente.

**[3:53:57] José Eduardo Beviláqua José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Terminou, por gentileza. Obrigado. Obrigado. Convidar a senhora Rosângela Bispo, por gentileza. Senhora Rosângela. Senhora tá com a palavra.

**[3:54:43] Rosângela Bispo**

Boa noite a todos. Ah, as pessoas que continuaram, né? Primeiramente, eu quero aproveitar o momento para agradecer a Ecourbis Ambiental pelo respeito que sempre teve com a comunidade do entorno. Eu sou a Rose, eu sou a liderança comunitária do São Francisco e tenho esse convívio e tenho esse contato e tenho esse esse diálogo com a com a com a Ecourbis há muitos anos. Inclusive, essa não é a primeira vez que estou aqui discutindo sobre eh implantação de aterro, porém muitas pessoas colocou aqui na conta da Ecourbis, eu não entendo não não sei da onde essas pessoas têm esse pensamento. E estão achando até que a tartaruga lá que tá morrendo lá em Recife lá, que o povo joga o lixo lá dentro do mar, a Ecourbis também tem que pagar por isso. Ela também é responsável por isso. Será, gente, a implantação das unidades de saúde é responsabilidade também da Ecourbis ambiental? Então, muito besterol foi falado aqui hoje, muita besteira, muita coisa que não tem nada nada a ver nem sentido de falar. A Ecourbis Ambiental sempre teve muita responsabilidade e muita coerência e muita inteligência e tecnologia. E quem tiver dúvida, a empresa sempre teve as portas abertas para que as pessoas vão até lá e fiquem cientes e conscientes do que acontece com o lixo que eu produzo, que você produz. Como já foi dito, várias pessoas foi dita, falou aqui, ninguém quer o lixo na sua porta, mas eu sei que o lixo que eu produzo na minha casa vai para não um lixão, não é incinerado, não vai se criar do incinerador. Eu sou contra incinerador, eu sou contra lixão, mas eu sou a favor de uma central de tratamento. Aí que está a diferença. E o próprio nome já diz, o próprio nome já está dizendo como é tratado, como é feito, o que é feito do meu lixo. Ou seja, uma central de tratamento que respeita a população, que tem profissionais lá capacitados e estudou para isso. E quem sou eu para dizer que a pessoa que estudou anos da vida não sabe o que faz com o lixo que eu gero. Então, parabéns, parabéns a Ecourbis mais uma vez por esse respeito, por essa coerência e vamos dar César que é de César.

**[3:57:49] José Eduardo Beviláqua José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Por favor, vou convidar a senhora Joyce Caroline Oliveira fazer uso da palavra. Senhora Joyce está aí presente? Está? Senhora Joyce tá aí? Não, senhora Rosane Monteiro, por gentileza. Acho que também já foi. Senhora Mariana Benedito de Campo Souza. Senhora Silvana Batista Almeida também já foi senhora Aparecida Conceição Sampaio. Bem não, senhor Carlos André da Silva. OK. Agora eu vou chamar um bloco aqui para completar. Senhor Walter Plácido.

**[3:59:43] Carlos André da Silva**

Olá, boa noite a todos. Sou o Carlos Carlos André, representante aqui do Vila Bela, próximo daqui do aterro. Eh, vim falar que eu sou a favor. A favor. Por que que eu sou a favor? Porque até então os demais apareceram aqui, não deram uma outra solução. Simples o fato, ah, reciclar, resíduo sólido, tal, tal, mas não estamos falando de uma ou duas pessoas, estamos falando de milhões e milhões de pessoas. Então o que acontece até esse processo ser ser todo concretizado, pô, isso aí não é de um dia para noite que que ocorre, porém eu sou a favor disso. Infelizmente eu não quero lixo na minha porta, mas também eu não quero lixo na porta do vizinho. Transportar todos esse aparato que já tá projetado lá para outro setor, isso aí valia muito. É dinheiro que vai ser movimentado para outras coisas. Então o que acontece? não tá lá, então que permaneça, mas com coerência, com respeito. Isso aí é uma coisa que creio que a que a empresa tem em si, porque até então eu moro na comunidade e eu vejo a respeito que ele tem com a com a população, estão sempre presente lá, com principalmente com o Oziel, o nobre subprefeito aí, tá junto lá presente e ele também tem outro pessoal também que que são gente ponta firme, que sempre tá com a comunidade aí e com respeito. É, as palavras são poucas, porém são diretas, né? É o que a gente precisa ser, é direto. E agradeço a Ecourbis aí, o subprefeito. E vamos para cima aí, vamos para cima, vamos continuar com esse projeto aí e que esteja mais presente na comunidade aí, tá bom? Muito obrigado a todos.

**[4:01:29] José Eduardo Beviláqua José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Por favor, quero convidar agora a senhora Heleni Jurubatuba Mirim para tá presente. Eh, na sequência, Senhor. Roberto Augusto de Souza Júnior. Eh, depois, eh, na sequência, Walter Plácido e Cleiton Viana da Silva, falar, por favor.

**[4:02:18] Heleni Jurubatuba Mirim**

Boa noite. Ué, sou eu pela discussão. Obrigada. Eh, boa noite a todos. Eu tô contente de ouvir essa noite muitas vezes a palavra responsabilidade, né? Então eu vou aproveitar para falar sobre responsabilidade rapidamente, que é preciso cobrar dos responsáveis. Por que que a cidade de São Paulo não recicla? Por que que a cidade de São Paulo não composta? Nós estamos com um aumento astronômico da produção de lixo. Nós deveríamos ter legislações que impedissem a indústria de produzir tanto lixo. Por que que o cidadão tem que ser responsável por uma produção tão grande de lixo que não é ele que faz? Sabe para que que nós precisamos de garrafas pets, de plástico para encher aterros? É isso? Não pode ser isso, gente. A, o mais importante na cidade é a vida. É a vida do ser humano. É a natureza. Sem a natureza, o ser humano não consegue viver. Nós estamos eliminando uma parte enorme de um parque que já é uma área de compensação ambiental. Nós vamos eliminar para ampliar um aterro ao invés de colocarmos, aplicarmos simplesmente a lei de resíduos da cidade, que é fazer reciclagem, compostagem. Então, nós estamos eliminando o verde da cidade, uma cidade que já é árida, em plena emergência climática. O clima já tá tenso, o clima já tá quente. Como que nós vamos respirar se nós fomos perdendo todas as árvores e tudo o que faz um meio ambiente saudável pra nossa existência? Tá muito difícil. Eu eu fiquei muito triste aqui de ouvir que as pessoas querem mais eh aterro, incinerador de lixo e mais problemas para cidade, ao invés de buscar as soluções que existem. Já hoje em dia, tem tecnologia para não ter lixo na cidade. Tem cidades que já conseguiram resolver isso muito melhor que São Paulo. São Paulo não fez a lição de casa há décadas. É Ecourbis, Loga. Não tão fazendo a lição de casa porque só tão pensando em aterro e incinerador. Para quê? Para ter lucro. É apenas o lucro. Não é a vida das pessoas que tá sendo levada em conta. Já falaram aqui, incinerador dá câncer, a fumaça dá câncer. E nós estamos caminhando para ter incineradores na cidade de São Paulo. É São Mateus, é Perus, é não sei aonde mais, em todos os cantos.

**[4:05:45] Walter Plácido**

Boa noite. Tivemos uma, estamos tendo uma aula de cidadania aqui hoje, né? Estamos todos de parabéns. 8:30 da noite aqui discutindo, debatendo e eu acho que a senhora que me antecedeu aqui, ela seve uma fala muito feliz, que é a fala da responsabilidade. E eu gostaria de chamar a atenção aqui pra gente pelo seguinte, todos nós, a gente sabe disso, a gente gera 1 kg de lixo por dia, mais ou menos. desse quilo de lixo que a gente gera, metade é orgânico, a outra metade, metade é de embalagem recicláveis e a outra metade é de rejeito. Então, vamos imaginar o seguinte, das 7.000 toneladas de lixo que vão hoje para São Mateus, se a gente conseguir fazer uma campanha muito forte de separação dos resíduos orgânicos, nós temos 3.500 toneladas de resíduos orgânicos. Se a gente for compostar isso, a gente vai botar esses 3500 toneladas diárias de resíduos orgânicos. Aonde tá parado para pensar? Parques e jardins,

reflorestamento, agricultura, tem que ter escoamento para esse resíduo orgânico. Se a gente tiver as 25% de embalagens dessas 7.000 toneladas que estão indo hoje para São Mateus, são 1750 toneladas diárias de embalagem. Dá para imaginar o tamanho dessa quantidade de embalagens diárias que nós vamos ter que separar, triar e encaminhar para indústria recicladora. E a gente esqueceu de pensar aqui o seguinte, que a coleta seletiva, ela só acontece com a sensibilização nossa. Nós temos que separar o lixo. Nós temos que convencer o nosso vizinho a separar o lixo e separar o lixo de uma forma consciente. A gente precisa adotar a sensibilização, a conscientização ambiental. no dia a dia, na escola, na comunidade, dentro do nosso local de trabalho, no nosso bairro, nós temos que pensar nisso de uma forma muito grande, muito forte. A quantidade de lixo nos oceanos hoje é absurda. Apenas a Coca-Cola, isso é dados do Greenpeace que tá na disponível na internet. Apenas a Coca-Cola coloca no mercado 110 bilhões de garrafas plásticas por ano. O dia que nós conseguimos recolher 90% o mundo, né, conseguir recolher 90% das embalagens plásticas que só a Coca-Cola coloca no mercado, ainda vai sobrar 10 bilhões de garrafas plásticas que vão estar sobrando por aí. Então o buraco é muito mais embaixo, pessoal. A gente já sabe que o São Mateus não é um lixão, é um aterro que tem cuidado, trata chorume, tem tratamento de gás, tem cobertura de solo, solo impermeabilizado. Então não vamos confundir lixão com aterro, porque o Brasil ainda tem 3.000 lixões a seu aberto. Brasil ainda tem capitais no Brasil que ainda tem lixão a céu aberto funcionando. Regiões metropolitanas, cidades médias, pequenas com lixão aberto funcionando. E São Mateus não é um aterro, não é, é um aterro sanitário. Eu fico por aqui. Boa noite.

**[4:08:55] José Eduardo Beviláqua José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Obrigado. Bom, eu vou chamando. Se identifique, por favor. Roberto Augusto Souza Júnior. Tá presente? Não. Eh, o próximo aqui no nosso controle eh, o Walter. Já foi. Agora, Senhor. João Víor de Melo Vieira. tá aí presente? Não. OK. 14. Eh, Júnia Eloísa Araújo. Senhora Júnior, por favor. Na sequência, Pâmela Taí Silva. Pâmela Taí Silva. Rafael Lasso, vamos parar aqui.

**[4:09:51] Júnia Eloísa Araújo**

Boa noite a todos. Tá indo. Fiz uma pequena colinha, tá? Eh, meu nome é Júnia, eu moro em São Mateus há 35 anos e sim, eu sou a favor da ampliação do aterro sanitário, que é a destinação ambientalmente correta dos resíduos que nós geramos diariamente. Ah, mas o aterro seria a última alternativa para os resíduos? Sim, seria a última se nós fizéssemos a nossa lição de casa, que é a separação dos resíduos corretamente. A Ecourbis está fazendo a parte dela e nós temos que fazer a nossa. Boa noite a todos.

**[4:10:38] José Eduardo Beviláqua José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Favor, Senhor Cleiton Viana. Ah, pode vir. Então, na próxima o Cleiton vem. Pronto. Na próxima semana.

**[4:10:52] Pâmela Taí Silva**

Oi. Boa noite. Boa noite a todos. Eu prometo ser breve porque eu vou falar algo que dezenas de pessoas aqui já falaram. Então eu concordo com a ampliação do aterro porque é o destino correto, ambientalmente correto, do lixo gerado por São Paulo, que como já falaram são 7.000 toneladas diariamente de lixo dispostos. E a empresa responsável pela coleta e destinação final, a Ecourbis, já faz todo o tratamento do chorume, que vira água de reuso, faz o reaproveitamento do biogás, que vira combustível, vira energia elétrica. Então não tem o porque a gente questionar um serviço que está sendo bem feito. Podemos questionar outras coisas, podemos, mas o serviço está sendo bem efetuado. Boa noite. Obrigado a todos.

**[4:11:40] José Eduardo Beviláqua José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Cleiton. por favor.

**[4:11:47] Cleiton Viana**

Boa noite. Boa noite a todos. Meu nome é Cleiton, venho, sou do bairro do Vila Bela. Eu sou a favor. Agradeço aí a todos presentes, a Ecourbis e venho falar o seguinte, eh muito se foi falado aqui sobre, eh, as árvores que serão derrubadas, que são 6.000 árvores, mas serão replantadas 420. Vocês reclamam, vocês reclamam das árvores que Ecourbis está tirando, porém vocês não olha o desmatamento aonde que tem tá tendo a ocupação de casas. Vocês não olham isso lá. Foi falado aqui que o eh do incinerador que pode trazer o câncer. O câncer tá na nossa mão. Só de nós ter o celular tá perto do peito, ele já dá o o câncer em nós. O câncer tá na tecnologia toda aí. Isso é normal. Hoje já tá sendo normal isso, entendeu? Agora veio um colega aqui e deu uma solução com a usina de compostagem. 7.000 tonelada de lixo leva de de 90 a 110 dias para se decompor. O que que se faz com isso? Aonde que você arruma tanto espaço? O que que vai fazer com a instalação que tem hoje? Vai instalar onde? Vai fazer o que com ela? Vai fazer que nem a usina de dois com compostagem que tá lá no no perto do SESC abandonada apodrecendo. Não. Vi aqui e criticar foi fácil. traz solução, mas traz solução aplausível, aplausível, entendeu? Fica fácil só criticar, só falar mal.

**[4:13:39] José Eduardo Beviláqua José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Tá bom. Tá bom, gente. Obrigado aí pela oportunidade. Por favor, os últimos quatro nomes são Franklin Silva da Costa, tá presente aí. Na sequência, Ramirez Lopes de Araújo, eh, Celso Moreira dos Santos e por último, Luana Cristina Brasiliense.

**[4:14:15] Franklin Silva da Costa**

Boa noite a todos. Boa noite a todas. Eh, quero ser bem breve o meu discurso. Eu me chamo Franklin Ribeiro. Eh, eu faço parte da equipe da Ecourbis s e faço parte da liderança da coleta seletiva. E foi falado muito aqui sobre coleta seletiva e eu fiquei muito feliz porque antigamente a gente nem ouvia falar em coleta seletiva e aqui muita gente citou sobre a coleta seletiva. É, quero dizer que a gente ampliou a coleta seletiva, principalmente na área aqui de São Mateus, tá? Então, a gente tem feito um excelente trabalho, a gente tem feito um trabalho com responsabilidade e com sustentabilidade. Tá bom? Obrigado a todos.

**[4:15:18] José Eduardo Beviláqua José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Obrigado.

**[4:15:24] Ramirez Lopes de Araújo**

Olá a todos presentes. Boa noite. Me chamo Ramirez. Eh, trabalho na Ecourbis, tá? Há 8 anos e vi muitas falas aqui hoje, eh, que concordei, que discordei, mas vamos lá, pessoal. Eh, todos nós aqui geramos lixo, seja para comer, seja para viver, sobreviver, para se cuidar, para se tratar, sabe? E ninguém, como muita gente aqui falou, ninguém quer lixo nas portas, nas nossas casas, né? Não queremos. E aí vem a Ecourbis com um trabalho que, meu, na minha opinião, excepcional de coleta. Hoje a Ecourbis tem a coleta domiciliar, coleta seletiva, coleta hospitalar, sabe? Para cuidar do bem-estar da população, tá? Sou a favor, sim, da ampliação do do aterro sanitário. Claro. Eh, ouvi falar aqui que as COHABs não têm coleta seletiva, implantação. Tem sim, tá? inclusive no meu prédio possui. Eh, a Ecourbis tem um serviço de educação ambiental, tá muito bem feito aí, conscientização à população, as escolas, incluindo palestras e tudo mais. Então, tá, eu acho que ficou muito bem claro, muito bem especificado. A Ecourbis, uma empresa excepcional. Se não fosse assim, não tivesse cuidado e responsabilidade social, não estaria 20 anos aqui trabalhando e tendo contrato renovado por mais 20 anos. Tá bom, pessoal? Obrigado. Boa noite a todos.

**[4:17:11] José Eduardo Beviláqua José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Por favor.

**[4:17:18] Celso Moreira dos Santos**

Boa noite a todos. Me chamo Celso, trabalho há 21 anos na Ecourbis, na equipe Ecourbis, e temos 2000 funcionários aproximadamente que moram na região da zona leste, né? Entre eles 1000 funcionários que moram na região de São Mateus. E a gente, como eu trabalho no RH, temos muito contatos com os funcionários, conversamos bastante com eles, né? Então eles têm muito admiração por trabalhar na empresa, orgulho, trabalhar numa empresa que contribui com o meio ambiente, né, há 20 anos e vai continuar contribuindo aí por mais 20 anos aí na renovação. E é isso, gente. Boa noite aí. Obrigado aí.

**[4:18:05] José Eduardo Beviláqua José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Por favor.

**[4:18:13] Luana Cristina Brasiliense**

Boa noite. Boa noite a todos. Eu me chamo Luana, trabalho aqui na região de São Mateus já há um certo tempo. Eh, foi bastante interessante ver vários pontos que foram apontados em relação a favor e contra a ampliação do aterro, né, sanitário. Eh, gostaria, como pessoa que vive dentro de São Mateus, pontuar que vejo direto caminhões passando, fazendo coleta de resíduos de reciclagem, coleta com os caminhões novos que fazem a coleta domiciliar. São caminhões novos, diferentes do que a gente habitualmente já via, são chamativos, cores azuis, a gente vê que são eh a base de gás, né, o combustível. É interessante ver que realmente a Ecourbis está eh se movimentando, trazendo novas tecnologias, pensando principalmente no meio ambiente. Eu sou a favor, sim, da ampliação. Acho que existe essa necessidade. Eh, hoje o a gente precisa que tenha essa ampliação e precisa trabalhar juntamente com as comunidades, com as regiões, a questão de reciclagens dos resíduos. Então, tem que ser um trabalho em comunidade, a Ecourbis e a sociedade civil. Acho que obrigada, gente. Como órgão bem, mas daí é como já que vai vai combinar, né?

**[4:19:36] José Eduardo Beviláqua José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Bem, já caminhando já para última parte, as últimas falas, tá? Todo mundo já respira um pouco, né? As últimas falas. Eu vou convidar aqui eh F. Maciel, assessor da bancada feminista do PSOL, está aqui presente. Agora nós temos o tempo de 5 minutos novamente. OK. Por favor, 5 minutos. Palavra para os representantes.

**[4:20:13] F. Maciel, assessor da bancada feminista do PSOL**

Eh, boa noite a todos. Eh, queria fazer duas perguntas eh para CETESB, para Ecourbis e também pro governo de São Paulo, perguntando se uma audiência pública chamada numa terça-feira à tarde em horário comercial pode ser considerada democrática. Sim. A gente gostaria de saber democrática, por favor. Eh, para além disso, certo, eu queria saber se uma pesquisa feita com apenas 43 pessoas pela concessionária pode realmente representar um distrito com mais de 150.000 pessoas. Eh, a cidade de São Paulo hoje ela produz mais de 20.000 toneladas de lixo por dia com apenas 2,5% desse total, né Vão para reciclagem, sendo que a gente tem alternativas a esse processo, eh, como foi apresentado aqui, pela ampliação do aterro, que envolve, né, os catadores e catadoras de recicláveis, né? A gente tem aí políticas eh importantes que não são colocadas na cidade de São Paulo para essa categoria. Eh, temos planos de compostagem que poderiam auxiliar nesse processo e também a logística reversa. além da educação ambiental que foi colocada aqui, né? Eh, queria pontuar que em nenhum momento a Ecourbis falou, né, apresentou um projeto sobre o incinerador que já está acontecendo na Câmara Municipal de São Paulo, foi apresentado no plano climático, né, no plano de ação climática da cidade de São Paulo. O incinerador vai ser uma realidade em São Mateus e Perus se a população não agir. Não é uma balela, a gente não tá inventando coisas, é uma realidade, é um projeto do prefeito junto com a concessionária. Então, a gente precisa entender os fatos direito como eles são, né? em meio à emergência climática que a gente tá vivendo, colocar a população mais vulnerável, população das periferias, em um risco maior, né, dos eventos climáticos extremos, tem o nome, isso é racismo ambiental. As pessoas estão acostumadas a ver isso acontecendo nas bordas. Mas eu pergunto, por que que as concessionárias, tanto a Loga quanto a Ecourbis, né, aquelas que atingem também as populações mais ricas nos bairros da Vila Mariana e dos Jardins, eh tem mais possibilidade de reciclagem do que Perus, do que São Mateus, São Miguel. Fica a pergunta, por que que depois de 20 anos de contrato e a renovação agora, né, por que que nada foi feito? Por que que a gente ainda tem 2,5% da reciclagem acontecendo na cidade? é o número que não se sustenta pelo tamanho do contrato bilionário que a Ecourbis tem. Eh, eu queria dizer também que esses projetos poluidores, né, eles vão trazer eh malefícios eh não só pro território de São Mateus, vai atingir a cidade de São Paulo como um todo, mas eu queria dizer que em Perus, por exemplo, terra, a terra indígena de Jaraguá vai ser muito afetada, muito afetada. E eu queria perguntar, por que que os povos indígenas são silenciados? Porque aqui, por exemplo, quando eu fui questionar ao presidente da mesa a ordem dos parlamentares, a ordem dos mandatos, ele falou que é ele que decide aqui, queria entender, mas o senhor pode responder depois, tá? Eu tô no meio da minha fala, por eu vou te mandar uma cópia da resolução do Conselho Estadual, tá? O jurídico vai adorar, gente. Obrigado. Mandar uma cópia para você. Eh, e a compensação das árvores, é a compensação das árvores que a Ecourbis promete, ela também é a forma como a prefeitura de São Paulo faz. Ela coloca mudas muito pequenas, mudas palitos que não vão se sustentar, não

vão chegar à vida adulta. Ou seja, essa compensação ela irrisória. A gente não vai chegar a ver essas árvores crescerem. Como que 63.000 árvores adultas grandes, que hoje tem todo o seu processo de vida, vão ser cortadas e outras vão demorar décadas para chegar no mesmo tamanho? Não faz o menor sentido isso. E eu queria trazer também aqui, que muita gente tá falando sobre a concessionária. Eh, a concessionária, ela foi denunciada pelo Ministério Público por suspeitas de cartel aqui no contrato da concessão de coleta na cidade de São Paulo. Isso é importante que seja dito, porque isso está na imprensa e foi dito no Ministério Público. Então, a gente teve um contrato bilionário aprovado, renovado por mais 20 anos, por mais 20 anos. Isso faz com que a gente entenda como a política do prefeito Ricardo Nunes atua na cidade de São Paulo, colocando aqueles que a gente talvez não tenha tanta transparência assim. E por fim, e por fim, queria dizer que esse não é um modelo de gestão, não é o modelo de cidade nem de futuro que a gente precisa. A gente precisa que as catadoras, os catadores sejam ouvidos. A gente precisa que os povos indígenas, as periferias, as mulheres pretas que aqui não estão podendo participar de um processo democrático pelo horário, por estarem trabalhando ou por simplesmente não conseguir ficar até aqui 9 horas da noite esperando uma fala na qual não foi contemplada. Por isso eu quero que dizer que muitas das pessoas que podem estar eh esperando um futuro, talvez não enxerguem isso, principalmente a juventude que hoje vai ser muito afetada quando esses processos forem em cima. Obrigado.

**[4:25:18] José Eduardo Beviláqua José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Obrigado. Eu vou pedir mais respeito aqui, por favor, no na parte agora final da nossa audiência pública, por favor, mais respeito com as pessoas que estão aqui falando, tá OK? Por gentileza, isso é geral para todos. Vou pedir a presença da senhora Vanilda Assunção Pereira, que é assessora parlamentar da deputada federal Juliana Cardoso, está aqui presente. Fiz a minha segunda inscrição, tá aqui na com Eu sou a Patrícia, eu fiz junto com tá aí. Não, junto, senhora Vanilda. É, eu não tô aqui, eu não tenho aqui na relação, senhora. Me desculpe, mas assinou a senhora. Senhora assinou? É que aqui não tá. Ela se inscreveu antes de mim, de fato. Tá. Próxima palavra da senhora. OK. por gentileza, assessora.

**[4:26:30] Vanilda Assunção Pereira, assessora Deputada Juliana Cardoso**

Obrigada. Boa noite a todas, a todos. Deputada Juliana Cardoso tá em Brasília, né? Hoje é terça-feira, por isso estamos aqui representando o mandato. Eh, eu convivo aqui nesse território e com aterro desde que eu me entendo por gente. A minha família se mudou para cá em 81 e em 92, né, foi a implantação do primeiro aterro. Eh, faço parte da associação da comunidade do

Jardim Limoeiro um, que é aqui também um dos bairros do distrito do Iguatemi, que onde tá localizado de fato o aterro, né, no distrito do Iguatemi. Bom, a primeira coisa que eu queria fazer um apelo é que a gente pudesse fazer uma discussão aqui da totalidade do projeto e não de parte do projeto e não só de uma fase do projeto, porque muita gente veio aqui hoje inclusive falar que eh não tem não existe, né, essa questão do incinerador, como se a gente tivesse inventando coisa, né? Então, acho que é muito importante para que as pessoas tenham a informação completa, que haja a responsabilidade de dialogar aqui da totalidade do projeto. Vamos falar dessa fase do projeto, da próxima fase do projeto, porque pra gente que é do território, saber que o lixo vai continuar vindo para cá por uma eternidade ainda não é uma surpresa. a gente sabe, a gente convive com isso, a gente sabe. O susto é quando a gente vai descobrindo as informações eh pela, né, aos poucos. Então, quando o projeto de lei que mudou o zoneamento, ele foi aprovado na Câmara Municipal, todas as audiências públicas, toda a discussão falava na derrubada de 10.000 árvores. Aí no meio do processo a gente descobriu, não, não são 10.000. Mas a gente não tinha tirado 10.000 da nossa cabeça. 10.000 Eu foi falado lá durante a tramitação do projeto nas audiências públicas. Aí a gente descobre que não é 10.000, que são 63.000. E aí a gente depois descobre que tem um nome muito bonito, né, de ecoparque. Porque pra gente que é do território é maravilhoso pensar num ecoparque aqui para nós. Só que aí a gente descobre que o Ecoparque, além de prever o desmatamento, né, de ser uma ampliação tão gigantesca para suprimir a vegetação de uma área que é compensação ambiental do aterro anterior, ou seja, uma área que foi compensação para nós e que agora vai ser derrubada, a gente descobre que tem a URE, a unidade de recuperação energética, que também é nome bonito para coisa feia. Então, se não tem, eu acho que é muito importante que então a prefeitura possa vir a público, a Ecourbis possa vir a público, a CETESB possa vir a público para dizer e garantir aqui para nós que não tem previsão de incinerador na próxima fase. Vem aqui, fala para nós. Essa coisa de incineração, vocês estão malucos. Essa coisa de incineração é mentira, não é verdade. Venha público, coloca no papel, coloca por escrito, fala. fala que não vai ter, que depois dessa fase de desmatamento para uma super ampliação, a próxima fase não prevê a queima dos resíduos, não prevê a incineração. Vamos vir a público falar sobre isso. A outra coisa é sobre compensação ambiental. O distrito do Iguatemi é o distrito mais vulnerabilizado aqui da região de São Mateus. É o distrito que não tem uma delegacia, não tem um Conselho Tutelar, não tem uma casa de cultura. é o distrito que tem a menor cobertura de política pública e é o é justamente o distrito onde tá o aterro a a essas décadas, esse tempo todo. Então, se a compensação ambiental somente fosse sozinha a solução, o Iguatemi não tava na situação que tá, não seria o distrito mais vulnerabilizado de São Mateus. E por fim, quero partilhar rapidamente uma reflexão do Malcon X, que é antiga, mas que se faz muito atual e que diz muito sobre o que a gente viveu aqui hoje. Se você não for cuidadoso, a mídia amparada no poder econômico vai acabar te fazendo odiar as pessoas que estão sendo oprimidas e adorar as

peessoas que estão levando a cabo as opressões. É sobre isso, porque aqui dividiu o povo, povo contra povo, só que quem vai lucrar, vai continuar lucrando e muito com esse projeto aqui não é nem um povo que tá de um lado e nem o povo que tá do outro. O lucro não vai para esse povo. O lucro não vai para nenhum dos lados do povo que tá sendo aqui manipulado e dividido. Não vai ser. Então, Ecourbis, Prefeitura de São Paulo e CETESB, venham a público, por favor, venham a público dizer que o não. Obrigado.

**[4:31:35] José Eduardo Beviláqua José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Bem, eu vou passar a palavra agora pra senhora Patrícia CP, assessoria do vereador Nabil Bonduki. Senhora, tá com a palavra.

**[4:31:48] Patrícia, assessoria do vereador Nabil Bonduki.**

Boa noite. Eh, boa noite a todas e a todos. Quero agradecer a mesa por garantir o nosso passo de fala e queria falar, a gente tá falando pros últimos resistentes que não foram embora no ônibus fretado. Eh, primeiro eu queria falar pra mesa e pra CETESB, que eu acho que é de conhecimento de vocês, mas o nosso mandato do vereador Nabil Bonduki e do vereador Hélio Rodrigues, nós temos uma ação popular com eh julgado já na no TJ questionando eh a propriedade aonde a Ecourbis pretende fazer ampliação, né? Eh, principalmente foi mostrado, eh, pelo Valdir no slide, não só a área da ampliação, mas a futura área de expansão, onde vai ser a jazida de solo e aonde é futuro incinerador de resíduos. Nós estamos questionando na justiça eh essa questão. Nós estamos questionando também o processo de licenciamento que foi feito na SVMA e que agora está a cargo da CETESB. Então eu queria ponderar que isso ainda está sob júdice. Então como fica a licença ambiental prévia numa questão que ainda está judicializada? Fora isso, existe uma ação do Ministério Público movida a partir eh da deputada federal Juliana Cardoso e Toninho Vespolle, questionando a constitucionalidade do projeto de lei que foi aprovado o ano passado. Então essas questões eu acho que são importantíssimas do ponto de vista do licenciamento. É, eu só queria também ponderar, eu moro no centro, eu não moro eh aqui em São Mateus, não, não moro eu, mas sou servidora da Prefeitura de São Paulo há 34 anos com muito orgulho, do quais 20 eu trabalhei nesse território. Eu acompanho a desde a implantação do Aterro São João, nós estamos então na sexta fase de audiência pública. Nós vamos cortar agora 63.000 árvores, mas eu vim fazer vistoria no maciço de Mata Atlântica que existia antes do até o São João ser implantado. Foram cortadas mais de 100.000 árvores. E a compensação ambiental, sabe para onde foi feito? nos municípios fora de São Paulo, foi feito, foi colocado ali eh a compensação de 2009, que é o Morro do Cruzeiro, e a implantação do parque na Cabeceiras tá sendo feito agora quase 20 anos depois pela Ecourbis . Então, não venham me dizer que compensação eh está sendo cumprida. Isso é importante colocar. E eu só

queria colocar, ah, o aterro é importante, importantíssimo. A tecnologia é um aterro super bem conduzido. Eu sou geóloga, eu me lembro do Valdir, né? Trabalhei logo no começo que eu entrei na prefeitura com parte geotécnica. É um aterro super bem conduzido, mas essa conversa que nós estamos tendo aqui há 30 anos atrás foi feito na primeira audiência que era uma fase, depois outra. Lembrando, em 2012 nós tivemos o Plano Municipal de Gerenciamento de Resíduos, que previa sim a reciclagem e a compostagem. Então não venha dizer que nós não estamos propondo solução. O o pessoal do Instituto Polis fez uma contabilidade. Se o PEGIR tivesse sido integralmente cumprido, 60% dos resíduos hoje que vem para São Mateus não teriam vindo, estariam na no na reciclagem e estariam na compostagem. Então, a gente não tá discutindo um aterro inicial, a gente não tá discutindo uma compensação inicial. Quer dizer, eu tô com 62 anos, provavelmente daqui a 12 anos eu não vou est aqui, mas vocês com certeza, quem é mais jovem vai est aqui, porque a Ecourbis vai est discutindo o sétima fase de ampliação do aterro. E como a colega colocou, como a colega colocou, provavelmente em cima do Parque Cabeceiras do Aricanduva, porque a gente perdeu 30% da área original do parque para a Ecourbis. Então é isso, tô terminando aqui a minha fala, mas é isso que eu queria ponderar. Não eh tenhamos consciência. A gente tá fazendo a velha política, a velha, o velho discurso. Daqui a 10, 15 anos a Ecourbis vai est aqui com a mesmo discurso que precisa ampliar terro porque não fez a lição de casa e vai ter incinerador de resíduo, sim. Daqui a 3 anos a Ecourbis vai.

**[4:36:51] José Eduardo Beviláqua José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Vou convidar aqui para palavra a senhora Mariana Souza, é representando a bancada feminista do PSOL na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Já foi embora. OK. Eh, meu controle aqui eu tenho Senhora Aline Silva, assessora do vereadora Kate Lima. Convido para palavra.

**[4:37:27] Aline Silva**

Boa noite. Boa noite, pessoal. Eu vou tentar ser bem breve porque já estamos todos cansados. Meu nome é Aline, eu sou assessora da vereadora Kate Lima. Eh, eu vou falar algumas informações que já foram faladas aqui hoje, mas eu acho que é muito relevante a gente pensar nisso, né? De todo lixo produzido, eh, 40% é reciclável. Já foi falado que São Paulo só recicla entre 2 e 3% do lixo. Eu vou repetir. A Ecourbis e a cidade de São Paulo e a Loga só estão reciclando 3% do lixo. Isso contando com o trabalho de catadoras e catadores. Olha a quantidade de lixo que não precisava ir pro aterro. A resolução da questão da quantidade de lixo passa então pela ampliação da reciclagem, pela compostagem, pela valorização e a e ampliação do trabalho ambiental realizado por catadores e catadoras. Lá em Pinheiros, na Vila Mariana, não tem aterro, gente, muito menos incinerador. E por quê? Porque desvaloriza morar perto do aterro, desvaloriza ainda mais morar perto de um incinerador. Nós do mandato da Kate somos contra

que o povo de São Mateus tenha que lidar com mais lixo, com mais caminhões, com mais trânsito. Nós somos contra que o povo de São Mateus tenha que lidar com um cheiro de lixo, com que isso chegue a mais pessoas. Nós também somos contra que o povo daqui respire fumaça de lixo, fumaça de câncer. Na Europa eles estão proibindo incineradores e agora eles querem trazer os incineradores para cá. E por que não é em Vila Mariana ou em Pinheiros? Querem que São Mateus que Perus e engulam o lixo da cidade às custas da saúde da população. Isso é racismo ambiental, é um descaso com o povo. O que nós precisamos é de compostagem, é de coleta seletiva. Precisamos que São Paulo valorize as catadoras e os catadores, valorize as cooperativas. Precisamos que a cidade e o estado de São Paulo construam políticas de saúde, construam políticas de vida e que não gaste o dinheiro que nós contribuímos viabilizando políticas que vão levar à morte. Então eu vou repetir, o mandato da vereadora Kate Lima é contra a ampliação do aterro e é contra o incinerador.

**[4:40:45] José Eduardo Beviláqua José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Agradecemos a participação. Vou convidar agora o senhor Daniel Teixeira de Lima, Secretaria do Verde Meio Ambiente do Estado de São Paulo, fazer uso da palavra. Senhor Daniel Teixeira Lim está presente. Opa, o senhor tem 5 minutos, por gentileza.

**[4:41:11] Daniel Teixeira de Lima, representando a Secretaria do Verde e Meio Ambiente**

Uma boa noite. Boa noite a todos. Representando aqui a Secretaria do Verde e Meio Ambiente, de onde se inicia o processo de licenciamento, ou seja, se inicia, mas não é o órgão licenciador. O órgão licenciador é a CETESB. Nós queremos deixar claro que há um posicionamento da por parte da secretaria junto à SP Regula e junto eh com a concessionária, no caso a Ecourbis, de que toda compensação ambiental ela seja feita no território aqui São Mateus e aqui no entorno. Vai começar por aqui eh o compromisso que a gestão do prefeito Ricardo Nunes tem com a cidade de São Paulo, que esse ano já se iniciou o plantil de 120.000 mudas, né? 120.000 árvores na cidade de São Paulo. É, não só não é só um discurso, mas é coisa na prática que está acontecendo. E outra questão que é muito importante de se falar, a gente ouviu muita gente falar eh que se planta árvores de pequeno porte, a há um grande compromisso também de que todas as árvores que forem possíveis serem feitas o transplante, será feito o transplante. Todas as árvores que forem possíveis de serem plantadas em DAPS maior, serão plantadas em DAPS maior. E é no território aqui de São Mateus e aqui no entorno, onde será feita a grande parte da compensação ambiental das árvores aqui da cidade de São aqui, que será eh feito do processo de compensação ambiental aqui do São Mateus, inclusive em parceria com a CETESB, a gente está na sala de monitoramento de cenários da CETESB, verificando as áreas junto com a prefeitura para que seja feita toda essa compensação aqui no território, tá? Muito obrigado. Boa noite.

**[4:42:53] José Eduardo Beviláqua José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Agradecemos participação do senhor Daniel Teixeira da de Lima, representando a Secretaria de Ver do Meio Ambiente do Estado de São Paulo. Vou convidar agora o senhor Mauro Hadad do SP Regula São Paulo para fazer uso da palavra. Boa noite, senhor Mauro. Só tem 5 minutos, por gentileza.

**[4:43:28] Mauro Hadad, gerente saneamento da SP Regula**

Boa noite. Só fazer uma pequena correção. O Daniel é representante da Secretaria do Verde do Município, não do estado. Eh, a gente fica aqui, fica mais virado para cá do que para lá. queria eh começar dando boa noite aqui para mesa, parabenizar pela condução as autoridades que estão aqui presentes e dizer eh colocar em nome da SP Regula algumas questões que foram levantadas aqui. Primeiro dizer que aquilo que nós estamos fazendo segue rigorosamente política nacional de resíduos eh e os planos municipais. Eh, logo da renovação do contrato, o primeiro novo marco contratual que foi feito foi exatamente a universalização da coleta seletiva. E aqui dentro desse capítulo, eh, na época da Amlurb, eram 20 cooperativas habilitadas no município de São Paulo. Prefeito Ricardo Nunes fez um novo chamamento. ampliamos para 29 – 30 hoje, 29 cooperativas habilitadas e mais 30 que são incubadas pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico para poderem se capacitar e se habilitarem eh num novo chamamento. e habilitadas receberão e eh o material da coleta seletiva que Loga e Ecourbis fazem e que as duas centrais mecanizadas triam, lembrando, centrais mecanizadas que foram substituídas em 2014. Eh, o investimento que deveria originalmente ser feito em centrais para catadores foram substituídos pelas duas centrais mecanizadas. Eh, então, depois da universalização da coleta, a coleta do vidro, material importante do ponto de vista ambiental, do ponto de vista de reciclagem, do ponto de vista de recursos eh naturais, iniciamos a a coleta seletiva do vidro para dar andamento e sequência na necessária ampliação do aterro e demais tecnologias. Então, aquilo que nós estamos propondo, aquilo que o o contrato propõe para a cidade de São Paulo são novas tecnologias, exatamente pra gente não estar aqui daqui alguns anos discutindo novamente eh questão de ampliação de aterro. Por quê? É diminuir a necessidade de aterro com reaproveitamento e valorização do material. aquilo que pode ser tratado eh eh de forma adequada será tratado e aquilo que eh não pode ser tratado, não pode ser reaproveitado, não pode ir para reciclagem, ser valorizado de outras formas, exatamente, repito, como prevê a política nacional de resíduos sólidos. e fazer aqui eh só uma observação, que a responsabilidade eh eh pela logística reversa tirar as embalagens do aterro, a

responsabilidade legal é da logística reversa, é do setor produtivo. Quem tem a responsabilidade legal de tirar o material do aterro, de desviar do aterro através de sistema de logística reversa, é o setor produtivo. lógico, com o apoio da população, com apoio do poder público, dentro da responsabilidade compartilhada, que é aquilo que prevê a nossa legislação, mas a responsabilidade da logística reversa, eh, que não deveria não deveria se beneficiar da coleta pública, eh artigo 33 da política nacional. Então, eh, dizer que os 3% é meta do contrato alcançar mais de 30% de reciclagem, de material seco reciclável separado eh através dessas tecnologias, através de educação ambiental e através eh eh da parceria com a população, poder público e com as concessionárias cooperativas e catadores individuais. A gente tem, prefeito Ricardo Nunes, montou um grupo de trabalho que está discutindo, a gente faz parte lá pela SP Regula com as outras secretarias, proposta eh de atuação junto aos catadores individuais, aqueles que não estão na cooperativa, de que forma que a gente pode colaborar com essa importante parcela da população para aumentar eh eh a reciclagem, aumentar a separação e desviar do aterro aquilo que não deveria ir pro aterro. Então essa é a visão do governo Ricardo Nunes, SP Regula. Foi isso que nós colocamos no contrato e é isso que nós, através da fiscalização, vamos cobrar compromisso do prefeito Ricardo Nunes, cobrar das concessionárias, entregar aquilo que tá colocado e também aquilo que já foi falado da compensação aqui no território. E também a nossa, a gente entende que a CETESB, que é o órgão licenciador, no momento oportuno, vai se debruçar sobre esse assunto, mas eh também fica aqui o nosso pedido para que aquilo que puder ser feito no território seja feito. Obrigado.

**[4:48:35] José Eduardo Beviláqua José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Agradecemos as palavras do senhor Mauro Hadad e representando a SP Regula São Paulo. Eu vou passar a palavra finalmente para o senhor Oziel Souza da subprefeitura de São Mateus Subprefeito.

**[4:49:05] Ozziel Souza, subprefeito de São Mateus**

Bom, boa noite a todos e a todas. Agradeço esse momento aqui, parabenizar a mesa pela condução, cumprimentar aqui nosso presidente SP regula secretário João Manuel, também nosso presidente da Ecourbis, é o Ervino e a toda a equipe da Ecourbis, né, todos os funcionários que se dedicam, se empenham. Quero também aqui agradecer a minha equipe que tá aqui desde as 14 horas, equipe da subprefeitura de São Mateus, né, nesse empenho para que a audiência transcorre da melhor forma possível. parabenizar todos os assessores de parlamentares aqui na Nabil, da Kate, do Toninho Véspolli, Juliana Cardoso, né, Alessandro Guedes, a nossa vereadora de Edir SAles esteve presente aqui, né, e a todas as lideranças que fizeram a diferença nessa audiência e no transcorrer todo esse processo que já vem

conversando, visitando o espaço da Ecourbis, vem dialogando e os programas que a Ecourbis vem desenvolvendo. já aqui na região como bairro legal que foi mencionado aqui, entretenimento, lazer pra população. Tem um plantio legal também que já em 7 meses estamos à frente da prefeitura de São Mateus, já plantamos 3.000 mudas e árvores aqui em São Mateus, né? Então, essa questão eh que foi dito aqui, parabenizar todas as manifestações, seja positiva ou contrária à questão da ampliação. Eu vejo que São Mateus, mais uma vez pioneira e marca história, né? foi na questão da interligação com a ABC, foi na questão do parque eh industrial, Parque São Lourenço, e agora vem com esta ampliação que vai trazer eh benefícios para a região e também atenção do município de São Paulo, do estado de São Paulo para São Mateus, né? Tenho certeza que juntamente com o nosso secretário João Manuel, vamos conversar com o prefeito Ricardo Nunes, que tem feito a maior regularização fundiária de São Paulo, é aqui em São Mateus, a também a questão da ampliação da eh de habitação popular também em São Mateus. Então, tenho certeza que vamos conversar com o prefeito, com o pessoal do governo, para cuidar da infraestrutura nas mediações do aterro eh daqui de São Mateus. Então fica esse compromisso nosso, esse compromisso de governo com a população. Eu não vou estender porque pelo horário já o pessoal quer descansar, todos queremos descansar e parabéns por exercerem a democracia nesta noite. Muito obrigado.

**[4:52:04] José Eduardo Beviláqua José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Agradecemos. as palavras do subsecretário aqui da região de São Mateus, Oziel Souza. Bom, ah, chegamos agora na terceira e última parte, onde eu vou convidar aqui para apresentar algumas considerações, algumas respostas. Eh, quero convidar então, portanto, senhor João Manuel da Costa Neto, Diretor presidente da SP Regula, senhor Ervino Nitz Filho, presidente da Ecourbis, Senhor Luís Sérgio Kaimoto e senhor Valdir Nakazawa para responder algumas questões que foram colocadas, algumas considerações, alguns pontos sensíveis da discussão de hoje, né? foi bem profunda e, portanto, eu vou passar a palavra para todos os representantes.

**[4:53:10] João Manuel da Costa Neto, diretor presidente da SP Regula**

Presidente, muito obrigado. Agradecer e parabenizá-lo ao lado da Maila, também representando conselho pela condução dos trabalhos, oportunizando a todos a palavra, a construção, o diálogo, que isso é muito importante num projeto de dimensão como essa. Nós ficamos aqui o tempo todo até o final da audiência, escutando as demandas da população, escutando as sugestões, eh os apoimentos também os pessoal que que tá contrário, porque isso é muito importante pra gente refletir e poder seguir adiante da melhor forma. E saímos daqui convictos de que estamos no caminho certo, continuamos no caminho certo, é necessário sempre ter aprimoramentos nos projetos e isso nós faremos. Foi muito importante também

quem me antecedeu aqui pelo governo, seja o Daniel ou o Mauro, lembrar a universalização da coleta seletiva, que foi um marco desse novo ciclo contratual que foi antecipado na cidade de São Paulo. Então, a coleta seletiva tá universalizada. A importância da ampliação da reciclagem, a gente tem discutido muito isso e aqui se falou muito da importância de ampliar as cooperativas. cooperativas, são entidades do terceiro setor e a gente tem apoiado, Maila e inclusive, como Mauro bem lembrou, até para incubar algumas delas e que bom queá que essas entidades consigam se estruturar e crescer cada vez mais. estará à disposição todo esse sistema para ofertar, oportunizar esse material coletado pelos pelas duas concessionárias do município de São Paulo para que seja melhor reaproveitado. De outro lado, a gente tá sim trazendo os ecoparques e nunca foi negado aqui que vai ter ecoparque. Ao contrário, estamos reafirmando os ecoparques porque serão importantes para complementar o sistema e justamente como o Mauro bem frisou aqui, reduzir o a massa que se leva aos aterros sanitários. Então a gente jamais, não vamos negar que não, a gente tá reiterando, até porque isso tá público, tá nos contratos que estão publicados e nós faremos os ecoparques e terá unidade de recuperação energética. Sim, ninguém aqui tá negando e será voltaremos aqui para mais debates. As unidades de recuperação dos ecoparques sendo levado licenciamento, a CETESB contará com o poder público de São Paulo, o município de São Paulo, para nova discussão com a sociedade. E antes de propor, a gente foi estudar e a gente foi, mais do que isso, o prefeito nos determinou visitar unidades que já estão funcionando. Então eu fui visitar unidades em Portugal, fui na Itália, tá ali o Mauro que foi em Dubai, foi na Alemanha, foi na China agora recentemente o próprio prefeito foi a Japão, foi na China, foi visitar os modelos. Eu sempre uso aqui uma colocação quando quando vivi a experiência de URI, que a gente vê a dimensão da grande indústria que é a URE. E a gente quando entra lá e visita tudo complexo, eu divido em um quarto a parte da operação e a parte eh dos fornos do da da unidade e os outros  $\frac{3}{4}$  sistema de filtro. E a gente foi inclusive ao topo da da da onde sai a emissão e a gente pôde perceber que não tinha odor, não tinha cheiro, tinha um leve vapor que é emitido. Muito se falou até na audiência pública do PL que foi colocado claramente aqui que vai servir da jazida pra cobertura do aterro da parte de cima, que é uma outra questão que a gente mandou o PL à Câmara e discutiu eh democraticamente que o pessoal comentou: "Por que que não coloca a URE do lado da casa do prefeito?" URE da zona sul. Até brinquei e informei o líder, isso foi colocado no debate da Câmara. É do ladinho da casa do prefeito. Ele me agradeceu até que falou, falou: "Fez, fez bem porque é do ladinho." Nós estamos inclusive nas futuras ures, que tem mais duas no 10º ano para discussão, não esconde nada aqui. A gente tá vendo uma área central no município de São Paulo que possa brigar uma úri. A URE da Dinamarca tá a 200 m do palácio do rei. Será que se fosse ruim o rei ia deixar uma monarquia? Será que o rei ia acertar aceitar a URE a 200 m do palácio dele? Me parece que não. Então o povo cobra, muita gente cobrou aqui a evolução das tecnologias, a gente tá perseguindo tudo isso, né? Unidade de recuperação energética não é o

que o pessoal tá colocando e preocupado aqui do que que aconteceu na década de 70. É um processo evoluído, modernizado, com novas tecnologias e que a própria política nacional reconhece como um dos mecanismos de tratamento de resíduos, de redução da massa que vai pro aterro. Então eu agradeço a colaboração de todos. Foi tomada nota aqui pela assessoria. A gente, como eu disse, é sempre importante evoluir. Então a gente vai ponderar sobre tudo isso, o trabalho de licenciamento mais ainda, né? Para para isso que estão aqui até tarde da noite, tenho certeza que farão aí um grande trabalho pela CETESB também, caso recomendem os ajustes. O próprio presidente esclareceu isso, que é uma parte final do procedimento, a gente também vai voltar a sentar com a CETESB e entender tecnicamente os ajustes e o que será ao final pactuado com o governo do estado, com o órgão do meio ambiente que é o licenciador, é aquilo que estará dentro da legislação, mas sobretudo o que será o melhor pro município de São Paulo. Muito obrigado.

**[4:58:24] Ervino Nitz Filho, diretor presidente da Ecourbis Ambiental**

Bom, na ver, bom, na verdade, só queria realmente aproveitar e agradecer a participação de todos nesse rico debate. Eu acho que a discussão foi muito saudável com a participação das entidades, das pessoas, das autoridades, né? agradecer também a brilhante condução pela mesa aqui da audiência e reforço o compromisso que a Ecourbis em parceria com a Prefeitura de São Paulo, com a CETESB, com a secretaria do Verde, que as compensações ambientais oriundas dessa ampliação se inicia aqui em São Mateus. Conto muito com a colaboração também do prefeito, do subprefeito Oziel, que realmente contribuiu muito com essa audiência e que na verdade me coloca disposição para que essas compensações realmente se iniciem por aqui. Obrigado. Boa noite.

**[4:59:15] Luís Sérgio Kaimoto, Projetista da Cepollina Consultoria**

Bom, eh, só dando continuidade aqui, eh, ao que o Ervino comentou, eu e Valdir só queríamos esclarecer um ponto fundamental, primeiro do objeto do que tá sendo licenciado, que é justamente ampliação da fase seis da CTL, mas sobretudo dá também uma noção do que que é essa compensação local, tá? Que é fundamental e isso foi um dos objetos que nos moveu, tá? e movimentou, ou seja, além de avaliar a questão eh do que é a e a necessidade da expansão do aterro, mas sobretudo a continuidade da valorização dos resíduos e todas as tecnologias possíveis, tá? dentro dos compromissos da prefeitura do município de São Paulo, a também se posicionar sobre potencializar a compensação em São Mateus, na zona leste, para se ter uma ideia da dimensão da compensação. E para isso foi contratada uma equipe específica, para isso, ela tá toda aqui, ou seja, é uma equipe que se tá se movendo para fazer buscar como tornar São Mateus uma área essencialmente verde, potencialmente verde e trazer todos os benefícios pros moradores São Mateus. Para se ter uma ideia desse nesse sentido, se fala sobre o número de

supressões e assim por diante. Nesse cálculo, nós utilizamos a metodologia mais rigorosa possível, que desse a melhor contribuição e retorno para São Mateus. Nesse sentido, isso dá alguma coisa, da ordem eh de 140 haar ou o replantil de cerca de 240.000 eh espécies. 140 haares significa alguma coisa da ordem de quase uma vez e meia o parque do Ibeirapuera e isso instalado em São Mateus. Então eu diria que se a gente tem uma meta de valorização de resíduos, de redução de disposição, de novas tecnologias e assim por diante, isso é um respeito a São Mateus e fazer disso um compromisso. E nessa parceria a gente tem que agradecer muito ao subprefeito Oziel que se esforçou muito, nos deu todas as todo o apoio nesse sentido e nós temos perseguido semana a semana, dia a dia, tá? e com todo o retorno eh da Secretaria do Verde com o Daniel, o que o Mauro comentou de que essa é uma premissa e a própria CETESB que tem nos apoiado muito.

**[5:02:12] Valdir Nakazawa, projetista da Ecodue Consultoria**

Bom dia. É só para para referendar o que aqui para referendar o que já foi dito aqui, né? Por quem me antecedeu, pelo Luís Sérgio e também para pedir desculpas, porque eh eu sempre acabo me estendendo no na exposição do impacto, porque afinal de contas são dois ou três anos de trabalho de um trabalho duro, árduo, com revisões, com atualizações, porque até lá a legislação muda, o zoneamento muda, tudo muda e na hora de entregar tem que entregar na data combinada. Então é, é sempre muito trabalho, mas a gente adora isso, tá? E por isso que assim, eu peço desculpas para vocês mais uma vez, eu acabo me estendendo. Então tinha um slide que mostrava exatamente a área onde se tá se buscando essa compensação de 140 e poucos hectares, que é bastante. Para vocês terem uma ideia, eu trabalho com vários projetos, né, e sempre tem compensação quando tem supressão. E a coisa mais difícil de você encontrar é áreas degradadas passíveis de fazer revegetação. É muito difícil. Tanto é que o próprio legislação estadual já tá mudando e tá entrando na na compensação de floresta em pé, porque não tem mais onde plantar, tá? Tudo que que é passivo de plantar, já de revegetar, já tá praticamente concluído. Então assim, a meta agora é você preservar aquilo que você tem de matas de boa qualidade. Mas aqui nessa região que é eh nessa nesse slide que eu não mostrei, né, tem pouquíssimas áreas com essa condição que possa receber esse esse plantil, mas tem e isso tá se buscando. Eh, tem á, mas você tem que ver de quem é, se é possível, se a pessoa que é dona daquilo e eh eh eh vai eh se concordar com isso, né? Se isso vai trazer valor para ele também, tá? Porque afinal de contas isso tudo é por benefício por uso do fruto da comunidade, tá? Então é um esforço muito grande, tá? Então mais uma vez eh eh essas conclusões todas estão sintetizadas no rima. Eu fiquei muito satisfeito quando vi aqui várias pessoas trazendo impresso o Rima, né? Porque assim, hoje a gente não imprime mais, né? Passa tudo por arquivo digital, né? Mas eu fiquei muito satisfeito, muito feliz quando vi as pessoas com o rima impresso. Isso prova que elas leram, tá? E eu fico muito satisfeito quando as pessoas leem e mais quando

criticam, porque também a gente comete falhas, tá? Então deixa de de de falar de coisas importantes ou tá dívida de importância para as coisas, tá? Então, de novo, e eu fiquei muito feliz. Eu acho que foi um evento muito importante, né? A gente conseguiu ouvir quem é a favor, quem é contra, as suas razões. Claro, ninguém quer um aterro perto, né? Mas assim, eu só gostaria de trazer para reflexão um ponto importante. Nós estamos falando de 7.000 toneladas por dia, que é mais ou menos metade do resíduo gerado pelo pela população de São Paulo, que são 12, 13 milhões de habitantes. A pergunta que eu deixo é o seguinte: onde vai outra metade? Não estamos discutindo isso aqui, mas vai para algum lugar, tá? Então, e vai, né? E vai. Então, a gente falou de outra concessão, né? Nós somos só de metade de São Paulo. Onde vai? Então é é isso assim, vai para São Paulo, o Luiz Sérgio diz que aqui esse aqui é é o único aterro de São Paulo. Então a outra metade dos resíduos de ápal não vai para São Paulo, vai para um outro município. Então isso não é uma uma uma questão, o tratamento a dispução de resíduos não é uma questão do seu espaço, não é uma questão local, ela tem que ser tratada de um âmbito regional. E mais, não é uma questão de discutir que o aterro, ah, a gente tá priorizando o aterro, não tá se priorizando o aterro, a questão toda é de viabilidade, de custo, tá? Então, falou-se assim aqui em eh compostagem, fala, tá? Metade é resíduo orgânico, tá certo? 3500 ton por dia. Eu fiz uma conta rápida e quanto que dá de espaço para fazer compostagem de 3.500 sonados por dia. Dá quanto mais ou menos? chuta os 20 haares para fazer uma compostagem de período de ciclo de 30 dias, tá? Mais ou menos isso. Sabe o que que é 20 haares? É a área adicional que eu vou precisar para a ampliação da fase seis do aterro. É isso. Então assim, nós estamos falando de dimensões. Então quando a gente fala de alternativas, tem que falar de dimensões, colocar isso no chão, botar bola no chão, tá? Aí vai falar de biodigestor, tá? Tá bom. Que espaço, que tempo. Nós estamos falando de volumes, volumes gigantescos. Nós falamos só de metade, mas assim, a produção total de resíduos de São Paulo é 14, 15.000 tonelad por dia. Então não são só 7.000, não é metade de 7.000, é metade de 14, 15.000, tá? Então quando a gente fala tecnológico, ótimo, tem tem podemos até fazer eh tratamento de resíduos com plasma, tá? É viável, qual é o custo disso? A população pode pagar ou não pode não pagar? Tá? Então acho que isso é isso são coisas que a gente tem que refletir, tá? Porque afinal de contas, como disse todo mundo aqui, todo mundo ao final do dia produz produziu pelo menos 1 kg por dia, tá certo? E isso tem que dar dar um fim, tem que dar uma destinação, tá bom? Mas é isso, então, gente, muito obrigado, tá? OK. A o Sérgio vai terminar? Então, só só finalmente só não poderia deixar de agradecer e parabenizar a excelente condução do presidente da mesa, Dr. Bivilco, Dra. Maila, Dr. Pvinato, que permitiu uma audiência fundamentalmente democrática e válida para nós que estamos conduzindo o projeto e ouvindo todo o contraditório e possa incorporar isso durante a elaboração de todos os estudos. Muito obrigado. Parabéns.

**[5:07:57] José Eduardo Beviláqua José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Agradecemos as considerações apresentadas tanto pelo empreendedor quanto pelo consultor. Eh, agora caminhando, gente, já paraa etapa final dessa audiência pública, eu vou passar a palavra para representante do CONSEMA, pedir para ter uma brevidade nas suas considerações. Genero Crepaldi, Ricardo Crepaldi, para oferecer suas importantes contribuições, né, de dada análise, as considerações que ele tem para apresentar e em seguida a gente procede, prossegue o encerramento.

**[5:08:35] Ricardo Crepaldi**

Eh, obrigado, Bevilacqua. Bom, gente, a minha fala sempre, a fala do conselheiro do Consema é sempre após o empreendedor. A fala é mais para a CETESB, para CESB, fazer o cumprimento do rito paraa avaliação da licença prévia. E bom, a gente vai, mas fora meus pontos, eu quero colocar uma primeira primeiro ponto é falar aqui. Nós estamos numa audiência para ampliação do aterro na fase seis de São Mateus. Esse é o escopo que a gente tem que trabalhar. Ah, vários outros pontos foram discutidos, mas este é o foco e esse é o foco da do trabalho da CTESV. Eh, infelizmente a gente não aqui não é no o fórum pra gente discutir, como várias vezes foram colocados, políticas públicas. Isso tem outros fóruns para ser discutidos, outras formas de trabalho, tá? E a gente não deve esquecer que são 7.000 tozadas ou são 15.000. Eh, mas não importa o número, a responsabilidade da geração é coletiva. A gente só tá licenciando um at propondo, né, e checando a a o aumento de um aterro, porque a gente também como cidadão, a gente também não tá cumprindo muito nossa parte, tá? A gente sabe disso, isso ocorre em todo o nosso país. Isso é um ponto muito importante ser colocado. Todos nós somos responsáveis, incluindo os entes públicos. Eh, então vamos lá aos pontos. Eh, colocar para CTESB que fosse colocado, verificado e dentro desse processo uma colocação de maior, uma um maior enfoque a coleta seletiva, maior enfoque é a compostagem e também, principalmente, o maior enfoque é a educação ambiental para a gente consiga fazer a coleta seletiva mais eficiente, tá? Teoricamente a gente poderia chegar a 40, 50% de coleta seletiva, mas essa teoria só vai só vai ser realidade quando a gente tiver a participação de todos. Outro ponto, a compensação ambiental e a compensação econômica, ah, ela deve priorizar o entorno do empreendimento, ou seja, a área de São Mateus, tá? ela deve, não se esqueça que nós temos ainda uma compensação, uma compensação financeira dentro do processo, eh, que vai paraa secretaria do Verde Ambiente e deve ser direcionado para a região do do impacto. Eh, deve ser colocado também a máxima proteção aos mananciais inascentes na área do impacto do empreendimento. A gente tem que ter fórmulas de segurança para que nenhum resíduo, nenhum nenhum resíduo líquido vá para a vá para nossos os mananciais na área do na área do entorno e na área de impacto do empreendimento, tá? Ah, não importa se esses esses recursos hídricos são poluídos ou não. O que a gente não pode é deixar que algum evento extremo jogue a esse material eh poluidor dentro do nosso nossos mananciais, principalmente das acentes. E

por fim, ah, é o caso a caso o empreendimento seja seja liberado, eh, um especial cuidado na mitigação dos impactos durante a obra, porque isso vai ser muito impactante, essa movimentação de terra pro entorno ali de São Mateus. Esse é o ponto que deve ser colocado muito em consideração, porque isso ocorre e deve ser feito algum tipo de mitigação, tá? Eh, isso vai ter uma movimentação grande de terra se isso for aprovado. Então, e a população não pode sofrer com isso. A população, principalmente, óbvio, a população do implorno. Bom, esses são os meus itens aí colocados para CTESB para deixar dentro do processo. Obrigado.

**[5:12:41] José Eduardo Beviláqua José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Agradecemos a engenheiro Cripaldi, eh, conselheiro do CONSEMA. com representação da ABS, Associação Brasileira Engenharia Sanitária, naquele colegiado. Eh, pelas suas considerações, viu Crepud, muito obrigado aí pelas suas suas colocações. Eu vou passar a palavra agora paraa nossa diretora de avaliação de impacto ambiental da CETESB, Maila Fukushima, também para fazer suas considerações finais. Maila está com a palavra.

**[5:13:13] Maila Fukushima, diretora de avaliação de impacto ambiental da CETESB**

Eh, primeiro eu queria agradecer a participação de todos. Eh, faz tempo que eu não participo de uma audiência com tanta participação, né? E isso é importante pro rito do licenciamento, isso é importante para equipe técnica que tá fazendo acompanhamento eh e avaliação desse licenciamento. Então, tudo isso que a gente tá registrando, tá gravando e que vocês podem mandar também, né? Eh, o Consema abre um prazo para vocês mandarem as contribuições. Tudo isso vai ser juntado ao processo administrativo, vai constar no processo, tá? E vai subsidiar a continuidade da análise pela equipe técnica. Eu queria eh pontuar algumas questões eh que se falou muito aqui sobre a compensação ambiental. Eh, a gente da equipe técnica também ficou bastante preocupado com a questão da compensação ambiental, né? eh a questão eh o onde que seria realizada a compensação. E a partir disso, então a gente recebeu também a manifestação da equipe técnica da SVMA. Então a prefeitura se manifestou, a secretaria do Verde de Meio Ambiente se manifestou porque no rito do licenciamento a gente também pede contribuições do órgão municipal. O órgão municipal fez um parecer de ótima qualidade técnica. a gente eh recebeu essa manifestação e tá incorporando também na análise, porque nada melhor que o órgão municipal, o órgão local entenda as particularidades e as necessidades no seu território, né? Então, por isso que a gente sempre eh pede a manifestação técnica dos órgãos locais para compor o processo de licenciamento. E quando essa manifestação da SVMA chegou, então ela veio de encontro com as preocupações do estado, né? Então, a gente chamou a SVMA para conversar e a gente olhou no território potenciais áreas no entorno do empreendimento que poderiam ser objeto das compensações, né? E a gente saiu, eu pessoalmente,

particularmente, saí muito feliz da reunião porque eh com baseado, né, no GEL Sampa, no portal da prefeitura, eh, a gente identificou dentro dos projetos da própria prefeitura algumas áreas, não é uma área, é mais de uma área potencial para essas compensações, para trazer exatamente isso, melhor qualidade de vida pra população de São Mateus, do entorno do aterro sanitário, tá? Então, do ponto de vista de compensação, é isso que eu tenho para falar, a gente tá caminhando junto, estado de prefeitura para buscar uma compensação que traga benefício para a população. Mas isso faz parte da análise, né? A gente não tá concluindo nada. Por quê? porque a gente tá passando por o rito do eh eh da audiência pública. A gente agora colhendo essas manifestações, a equipe técnica vai fazer outros questionamentos pro empreendedor, baseado no que foi levantado hoje, pro empreendedor então apresentar os esclarecimentos para CETESB, tá? Só queria deixar pontuada uma questão de terra indígena. A CETESB observa sim todas as portarias, instruções técnicas federais. Nesse caso não existe terra indígena nas no entorno desse empreendimento. E a CETESB, eh, em outros empreendimentos que estão na casa, a gente sempre consulta a FUNAI, tá? assim como os outros órgãos intervenientes dentro do processo. Eh, a questão, queria agradecer o CRED também pelas contribuições. Eh, em relação, acho que a compensação, eu falei um pouquinho, né, da essa questão que apareceu muito forte na audiência da educação ambiental, coleta seletiva e reciclagem também é uma preocupação do estado, né? Então, eh, até isso, esse assunto tá dentro de programas do estado, né, da própria Secretaria de Meio Ambiente, Inf, Infraestrutura e Logística. Então, dentro de Planos e Programas do próprio estado. Eh, em relação ao controle ambiental da operação do aterro, a CETESB, ela tem feito inspeções periódicas na operação do aterro atual, né? eh e exigido sempre que necessário um maior controle ou correção de alguma não conformidade, mas a gente eh conversou com a agência local, né, e que tá atenta, então a operação e o controle social, o controle ambiental da operação da Terra. Em relação aos impactos da fase de implantação, a gente também exige uma série de exigências e programas condicionantes ambientais para as próximas fases do licenciamento, né? Então, na próxima fase o licenciamento, se aprovada a ampliação, então serão solicitados os eh detalhamentos necessários de programas que precisam ser implementados ou a continuidade daqueles programas ambientais que a empresa já vem adotando, né? Então, não é nada eh não são programas inéditos que agora que vão vão ser feitos, não. A empresa já implementa programas ambientais na implantação e na operação da Terra. Então, a gente vai se debruçar sobre essas propostas de programas e avaliar a necessidade de melhorias nos programas, porque a avaliação eh eh de programas a gente sempre busca melhoria contínua dos processos. né? Então, se se a TESSB identificar que precisa de alguma melhoria e algum programa ambiental que já vem sendo implementado, a CETES vai exigindo o licenciamento devido, tá? Então, eu queria eh agradecer novamente a participação e dizer que eh a gente tá bastante satisfeito com a participação pública hoje, né? E a CES está à disposição para qualquer esclarecimento, podendo, acho que o o o presidente da mesa vai falar, mas eh

tem um prazo também para as contribuições para ser apensadas ao processo de licenciamento. Obrigada.

**[5:19:40] José Eduardo Beviláqua José Eduardo Beviláqua, Presidente do Sistema Ambiental Paulista**

Bem, Maila, muito obrigado pelas suas considerações. Agora, já caminhando para a parte final, eu queria eh reforçar que nós temos 5 dias ainda para encaminhar as questões que você vai amadurecendo, não teve oportunidade de comparecer na audiência pública, não tem problema. Nós temos 5 dias para que ele, por favor, pode colocar na tela o e-mail. Já tá, já tá, tá. Eh, aí tá o e-mail, né, para todos poderem acompanhar. não tem aqui na na minha tela, mas eu queria só colocar uma uma questão final, dizer o seguinte, eh aqui como representante junto ao Conselho Estadual do Meio Ambiente, o que eu sinto é que eh numa visão bem neutra mesmo, acho que assim, a audiência pública ela se cumpriu em si, porque o princípio do contraditório muito muito embora foi muito bem colocado aqui, a gente ouviu atentamente todas as as falas, eh, Mas independente disso, a audiência pública não tem em si um caráter deliberativo e nem ela se encerra neste momento, como a diretora da CTESB colocou, CPALD também reforçou isso. a gente tá numa fase de receber esse aporte de contribuições, de considerações para que esse licenciamento ambiental em se concedendo, ele contemple todos os anseios que a sociedade civil e mesmo os órgãos de representação se fizeram presentes aqui. Foram muitos, hein? foram, eu contei aqui, foram 37 órgãos de representação. Então eu saio daqui muito satisfeito, porque eu acho que é uma audiência pública que teve uma representatividade muito expressiva, porque todos, praticamente todos os setores se manifestaram. Acho que isso é muito importante. Eh, então eu acho que foi uma oportunidade muito boa para nós podermos ouvir as contribuições eh daqueles que fazem parte do processo. Então, ah, não sei se convém, sei se convém, porque acho que também não foi muito colocado, né? Então, gente, não havendo mais contribuições ou qualquer outro assunto pertinente, eu declaro e agradeço a presença de todos. Declaro encerrada essa sessão pública. Muito obrigado. Boa noite a todos.